



SANTA COMBA DÃO

Uma Monografia

SANTA COMBA DÃO

Uma Monografia

Título

Santa Comba Dão - Uma Monografia

Autor

Francisco António Antunes Gonçalves Ferreira

Fotografias

Câmara Municipal de Santa Comba Dão
Familiars das Personalidades

Capa

Esferográfica

Correcção de Provas

Maria Madalena Ferreira Dinis

Composição gráfica

Esferográfica

Impressão

Tondelgráfica

Agradecimentos

Câmara Municipal de Santa Comba Dão
Associação Para o Desenvolvimento de Iniciativas
Culturais Económicas e Sociais (ADICES)

Edição e distribuição

Câmara Municipal de Santa Comba Dão

Depósito Legal

223507/05

Reservados todos os direitos.
Autorizada a reprodução parcial para fins não
comerciais - Abril, 2005

Índice

1	Introdução	009
2	Localização Geográfica	013
3	O Homem	017
4	As Raízes de um Concelho	023
4.1	Santa Comba Dão	027
4.2	Couto do Mosteiro	055
4.3	Nagosela	063
4.4	Óvoa	071
4.5	Pinheiro de Ázere	079
4.6	São Joaninho	087
4.7	São João de Areias	093
4.8	Treixedo	101
4.9	Vimieiro	109
5	Aspectos Culturais	117
6	Aspectos Sociais	131
7	Turismo	145
8	Personalidades	155
9	Conclusão	173

Introdução

Introdução

Uma monografia de **Santa Comba Dão**, é um valioso contributo para todos aqueles que pretendem conhecer melhor o nosso Concelho, permitindo a sua divulgação.

Compreender e relembrar o nosso passado é importante e essencial para todos Nós, que ambicionamos um Concelho moderno e desenvolvido.

O Dr. Francisco Gonçalves Ferreira viajou do passado até ao presente de uma forma ao mesmo tempo exigente e atractiva. Ao longo das suas páginas, somos também presenteados com fotografias de dádivas da Natureza e de obras de Homens que marcaram a vida dos Santacombadenses e que perduram na sua memória.

Conscientes da importância do presente, Santa Comba Dão apostou num desenvolvimento sustentável fortemente condicionado pela presença de um elemento dominante, a água. Constatamos que três quartas-partes da nossa fronteira é determinada pelos Rios Criz e Mondego, atravessando-nos o coração o Rio Dão. Actualmente, a estes três rios o Homem uniu-os numa Barragem, a Aguieira.

Apostámos no desenvolvimento industrial não poluente. Uma parte significativa dos nossos recursos, tem sido canalizada para a protecção da Aguieira - citamos o saneamento básico e ainda o investimento no aterro sanitário do Planalto Beirão, que nos permitiu acabar com as lixeiras.

No ano de 1999, atingimos o estatuto de Cidade. Foi um momento alto para todos Nós, Santacombadenses e também um momento de reflexão...Vimos onde chegámos e que poderíamos ir mais além...

Estamos preparados para enfrentar novos desafios, agora na área do Turismo.

À Senhora da Ribeira em desenvolvimento, juntamos-lhe o Granjal com o Termalismo.

Estamos no “**Bom Caminho**“, vamos continuar a trilhá-lo.

Termino, agradecendo ao Dr. Francisco Ferreira o documento que nos deixa e lançamos o desafio a outros Santacombadenses, para que nos leguem outras monografias de **Santa Comba Dão**.

Orlando Mendes

Presidente da Câmara Municipal

Localização

2 - Localização

Uma das regiões deste país que agradece à inspiração da Natureza por ter sido dotada de um conjunto de características oro-hidrográficas que lhe evidenciam uma rara beleza - é esta parte da Beira Alta onde se implanta a Cidade de Santa Comba Dão. Encontramo-la delimitada a Nascente e Sul pelo Rio Mondego que corre por um vale de encostas suaves, raramente fragoso, e a Poente pelo Rio Criz que forma um vale mais sinuoso e alcantilado. E o Rio Dão, quase sempre serpenteante, atravessa-a de Noroeste para Sudoeste indo ao encontro dos seus vizinhos. E as águas destes rios, depois de muito correr, esbarram na Barragem da Aguieira, enchendo os vales, formando vasta superfície de água que permitem ao nosso olhar visionar uma imagem de “ilha”. É esta “ilha do interior”, nas palavras do Senhor Presidente da Câmara Dr. Orlando Mendes, que oferece potencialidades que nos últimos anos têm sido equacionadas com vista a um desenvolvimento económico, industrial e turístico.

A cidade tem nove freguesias, as mesmas pelas quais é constituído o Concelho: Couto do Mosteiro, Nagosela, Óvoa, Pinheiro de Ázere, Santa Comba Dão, S. Joaninho, S. João de Areias, Treixedo e Vimieiro que se apresentam cada vez mais como uma mancha contínua. Com cerca de 115 Km² e 15 mil habitantes delimita o Sul do Distrito de Viseu.

Sendo o granito a rocha mais vulgar, encontramos no lugar das Pedras Negras, um outro tipo de rocha com características diferentes, que se desenvolveu graças a fenómenos geológicos ocorridos em períodos pré-históricos - é a designada rocha Corneana.

Cidade histórica, com localização estratégica determinada pela argúcia dos romanos, possibilidade que a História explica, encontra-se entre dois pólos importantes de desenvolvimento: Coimbra e Viseu.

As acessibilidades rodoviárias (I P 3, I C 12, EN 234-6) e ferroviárias (linha da Beira Alta) permitem a circulação rápida de pessoas e bens para diferentes centros urbanos, além dos já citados: Lisboa e Porto e seus aeroportos, Aveiro, Leixões e Figueira da Foz e seus portos de mar e Vilar Formoso com saída para Espanha. Um heliporto está operacional para qualquer situação de emergência.

Pela beleza natural e arquitectónica, pelo clima ameno, pelos equipamentos e infra-estruturas e pela facilidade de deslocação, esta cidade é hoje um local de destino.

O Homem



3 - O Homem

Não existe o santacombadense, isto é, o tipo humano apresentando um conjunto de caracteres étnico – culturais que permita individualizá-lo, face à restante região beirã, na qual se integra. É, sem dúvida, um beirão. Um beirão que ocupa uma região de transição da serra para a planície.

O historiador, poeta e prosador, Jaime Cortesão, ao descrever “A Beira e as Beiras”, na sua obra “Portugal – A Terra e O Homem”, analisa a problemática da existência de um conjunto de caracteres quer geográficos, quer humanos, que de uma forma mais ou menos vincada, possam individualizar o Homem desta região.

Se analisarmos só os aspectos geográficos, verificamos que há regiões da Beira que se deixam penetrar e entram por outras regiões, como é o caso deste pedaço, presentemente integrado no espaço económico – cultural Dão – Lafões.

Mas, se analisarmos o tipo humano, apenas quanto aos costumes e crenças, podemos dizer que existe o indivíduo beirão, que se desenvolveu e esprou desde a serra à planície, pelos flancos das montanhas, rasgados ao longo de milénios pelo vigor das águas do Mondego, Dão e outros. Esta presença das grandes montanhas e a tenacidade das águas é, talvez, um exemplo que foi moldando o Homem na sua convivência e na luta diária que teve e tem de travar com a Natureza. Mas é, também por aqui, na transição da vertente para a planície, que o homem vai diminuindo a intensidade da sua austeridade serrana, que vinca os traços fundamentais do seu carácter: a aspereza, a teimosia, a coragem, a força moral.

O perspicaz Júlio César, quando pretor da Lusitânia, impôs à população serrana dos Hermínios a sua fixação nas terras baixas do litoral. Terá actuado por razões militares ou terá reconhecido a importância e influência que a rudeza da montanha terá tido na índole, na firmeza, na incivilidade dessas tribos insubmissas? Esta mudança forçada das populações, a fixação ao longo dos rios que nascem na Beira Alta e também a transumância pastoril que ligou a Serra da Estrela aos campos do Mondego e outras regiões, terão sido importantes agentes de unificação do tipo humano, pelos caracteres étnicos e culturais, em todo o centro do País. Jaime Cortesão, na sua obra já citada, escreve na pág. 97: “assim se explica, em boa parte que o nóculo mais puro e resistente do carácter português, feito de integridade moral, inconformismo agreste, consciência activa dos ideais e interesses nacionais e humanos, equilíbrio e senso de medida, generosidade e fraqueza, continue a individualizar o tipo beirão nas suas personalidades mais representativas, ainda que reflectindo as diferenças regionais”. Este carácter, encontramos-lo bem vincado, por exemplo, no estadista liberal Silva Carvalho, nascido na Vila Dianteira; e também, nas artes, quer na pintura de Vasco Fernandes - Grão Vasco - e da sua Escola, em Viseu, com o seu realismo forte e incisivo, por vezes dramático e rude; quer na prosa crítica mas profundamente humanista do beirão das “Terras do Demo” Aquilino Ribeiro; quer na poesia do humanista de Coimbra, Sá de Miranda, que se referiu ao homem desta região nos seguintes termos:



*Homem de um só parecer,
Um só rosto e uma só fé,
Dantes quebrar que torcer.*



4

As Raízes de um Concelho



4 - As Raízes de um Concelho

“A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja mais útil esforçarmo-nos por compreender o passado, se nada sabemos do presente”.

Marc Block

Dentro do território que é hoje Portugal, as tradições, as histórias das gentes que habitaram e desenvolveram o espaço territorial que deu origem ao Concelho de Santa Comba Dão, têm vários milhares de anos.

O povoamento deste espaço é sem dúvida pré-histórico e nele participaram diferentes povos que deixaram um valioso legado cultural, o que ajudou a moldar o carácter do povo português.

No Neolítico, que na Península Ibérica se desenvolveu aproximadamente entre os VI e III milénios A.C, e que foi raro no interior do nosso território, chegaram Povos vindos do Próximo Oriente, portadores de técnicas empíricas que procuravam o Cobre.

Na Idade do Bronze, estes deram origem ao desenvolvimento de várias culturas, entre elas a Megalítica, que deixou vestígios e topónimos nesta região, como é o caso de Anta.

Durante o I milénio A.C., com a chegada dos Celtas, espalhou-se a civilização do Ferro e, ligada a esta, a civilização Castreja desenvolveu-se gradualmente.

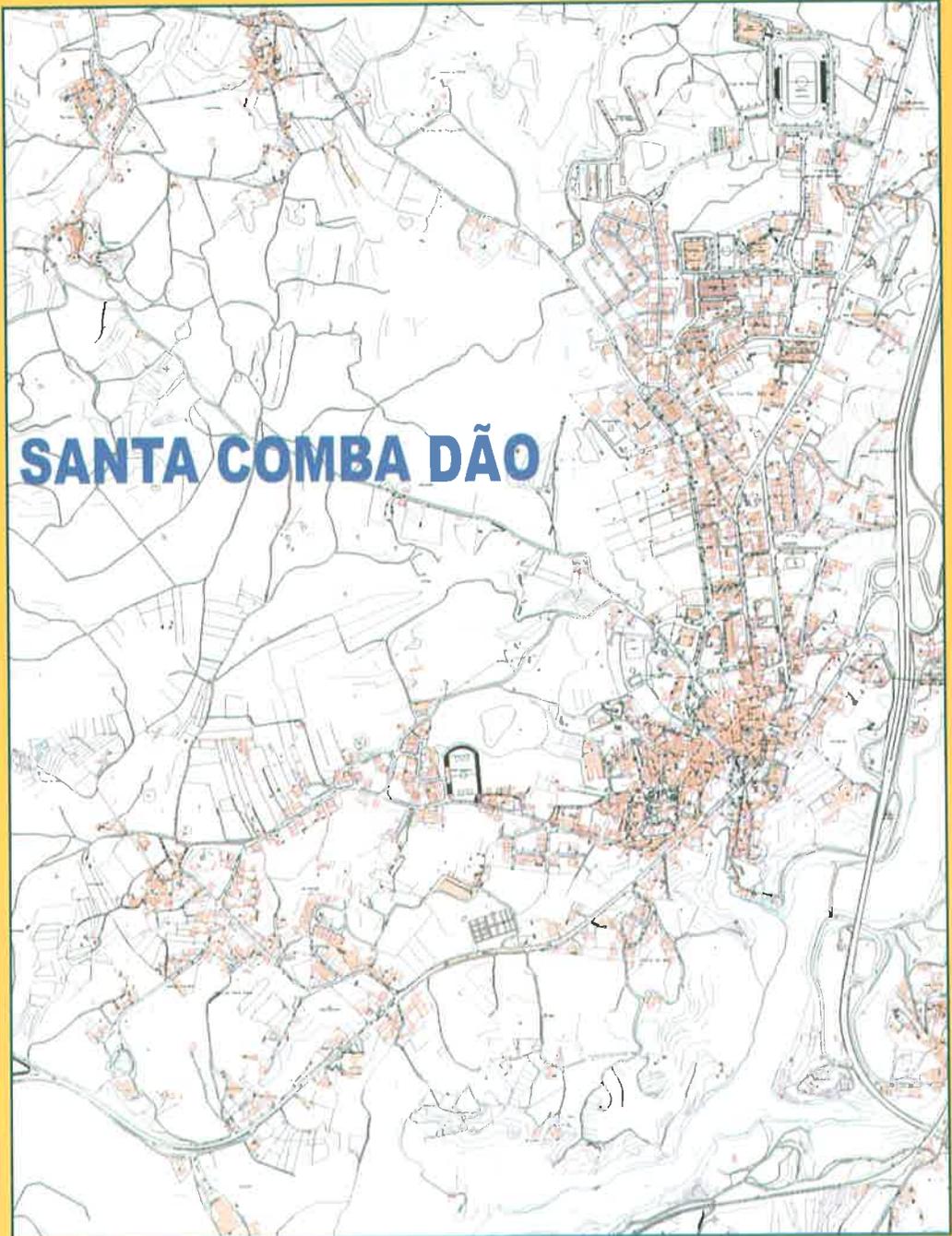
Por razões de estratégia militar e económica, os exércitos romanos começaram a chegar, em 218 A.C.. Foi este povo que depois de conquistar a Península, a civilizou ao longo dos séc. I antes e depois de Cristo. Os homens que os romanos encontraram e combateram por toda esta região, chamavam-se Lusitanos. Só a traição na pessoa do comandante Viriato subjugou este povo rude e agressivo que se dedicava não só à guerra, mas também à agricultura e à pastorícia.

No séc. V, chegaram e dominaram esta região, primeiro os Alanos e depois Suevos e Visigodos, mas poucos anos após 710, toda esta região foi conquistada pelos Árabes. As guerras com os Cristãos foram contínuas e no séc. XI, toda esta região era definitivamente cristã.

A herança desta realidade histórica permanece nos vestígios arqueológicos, nas instituições, na língua e nos costumes.

Vamos abordá-la, separadamente, por cada freguesia embora muitos dos aspectos focados só ganhem a sua verdadeira dimensão e importância na evolução histórica, quando entendidos como património de todos.

4.1 - Santa Comba Dão





Deo in
M
man
uel p
gra
deos

Mey depuytugal e
de algarues da quem
e dallem mar em africa
senhor de guine e da com
quista e nauegacim e
comercio de etiofia ara
bia persia e da india. e
e quanto esta nossa
carta de foral dado para
sempre ao concelho de



Podemos afirmar que a origem desta terra, se não é romana, é sem dúvida visigótica. Não se conseguiu, até hoje, saber quando e por quem foi fundada. Só sabemos que é uma terra que vem de tempos bem remotos. Neste tempo, já tinha o nome de Santa Columba, topónimo que terá continuado com o domínio árabe. Mais tarde, este nome evoluiu para Santa Comba.

Existem documentos do séc. X, publicados nos “Portugaliae Monumenta Historica, Diplomata et Chartae”, como as cartas de doação ao Mosteiro de Lorvão de 974 e 985, que apontam para uma descrição muito antiga dos limites de uma “villa de Santa Columba”.

“Eu, servo de Deus, Oveco Garciani, no pleno uso das minhas faculdades,(...) ofereço (ao Mosteiro do Lorvão), para bem da minha alma e dos meus defuntos, em primeiro lugar a vila de Santa Columba com seus vilares (...) o limite da referida vila e seus vilares passa pela arca (anta ou sepultura) que está perto do fontão (ribeiro) entre S. João e vai pela que divide com o termo de Treixedo onde passa a via antiga (estrada romana) (...)”.

“Eu, Munício Gonçalves (...) dou e ofereço (ao Mosteiro do Lorvão), metade da minha vila que chamam de Santa Columba (...) e confronta com a vila de Alvarim (...) até ao Criz, com o Mosteiro de S. Jorge e do outro lado com S. João, e por aquele fontão vai pelos montes e confronta com a vila de Treixedo (...)”.

Há historiadores que referem não se encontrar uma descrição de limites tão antigos, com pontos de referência tão numerosos, a conferir-lhe uma tão grande antiguidade, como no caso deste concelho. Num documento de 1003:

“per illa arca que est in illo campo (...) per lomba (...) ub est via antiqua et inde per montes per pectras fictiles (...) et de alia parte contra (...) per montes et per arcas antiquas et per petras sicilatas”.

Sabemos que no século X conservava ainda as antigas confrontações, cujas referências vêm já do código visigótico. Os documentos referidos apontam para a divisão da “villa de Santa Columba” com outra, denominada Alvarim e o documento de 981, (Dip. et Ch., nº 130) refere que para os lados de Areias, dividia com outra: “et villa de Santa Johanne de Teliade (S. João de Areias) et villa de Ragolfe”.

“(...) Damos, do lado direito, pelos limites que a dividem de Paradela, pela lomba até ao rio Dão e para lá do mesmo rio a vila de Papizinos; e outra vila de Olivária de Currelos com o seu mosteiro e seus direitos; e a vila de Silvares com seus termos antigos; e a vila de S. Johanne de Teliade; e a vila de Ragolfe (...)”.

O rio Dão, que nos aparece citado em muitos dos documentos antigos referentes a Santa Comba, aparece mais tarde ligado ao nome desta terra. Este rio nasce na Serra do Pisco, concelho de Aguiar da Beira, corre na direcção SW, até desaguar no Mondego, em Santa Comba Dão. Nos documentos antigos há referências a este rio como tendo tido inicialmente o nome de “Om”. Mas, em documentos do séc. X, aparece com o nome de “Adon”. Mais tarde, no séc. XII, a grafia evoluiu para “Huone” e “Oom ou Aom”. Perdeu o “d” intervocálico. O “d” da grafia actual poderá representar a aglutinação da preposição “rio de Aom”.

A fundação da “villa” está ligada à existência de um castro dominante na região, do qual não sabemos o nome primitivo. Com a cristianização, foi-lhe dado o nome de Santa Comba mas, com base em documentos, não podemos identificar este nome com o de uma freira, possível abadessa do pequeno mosteiro. Sabemos que no ano de 985, o general árabe Almançor invadiu a Lusitânia e que, muito provavelmente, passou por esta região. Também é possível que tenha martirizado algumas freiras que encontrou no pequeno mosteiro, mas tal possibilidade não tem fundamento histórico, pelo menos, até ao presente. Também nada podemos afirmar quanto à existência de uma abadessa de nome Comba, Columba ou Colomba.

Estes acontecimentos violentos deram origem a narrativas não autênticas, mas que eram apresentadas pela imaginação popular como fundamentadas e que a tradição foi conservando ao longo dos tempos.

Sabemos porém que para os períodos mais recuados da História, as lendas podem ser esclarecedoras. Das várias versões da lenda de Santa Comba optamos por transcrever a que consta em “Literatura Oral da Nossa Região – Lendas – Vol. I – ADICES”.



Rio Dão - “Franca”

A Lenda de Santa Comba Dão

Reza a lenda que nas margens do rio Om existiu um convento onde habitavam meia centena de jovens freiras, virgens consagradas ao Senhor.

Comba era o nome da madre abadessa, que jovem se tornou mártir e santa: Santa Comba.

Há muitos, muitos anos, no tempo em que os Mouros conquistavam as terras dos Cristãos, avançando inexoravelmente para norte, existiu um valoroso rei mouro de nome Almançor. Almançor e suas hostes, após terem tomado Coimbra, acabaram por chegar próximo do convento em que as freiras, já sabendo da terrível notícia, rezavam, procurando dominar um enorme medo.

A calma triste e sombria do interior do templo contrastava com o ruído da peleja e com o clima de morte que pairava cá fora.

Estando as irmãs absortas nas suas orações, bateram à porta com violência. A madre Comba recomendou-lhes calma, não as deixando sair do local de culto. Espreitando pelo postigo, logo se apercebeu que as suas más terríveis suspeitas se concretizavam: do outro lado da porta, encontrava-se um jovem sarraceno. Resolveu ganhar tempo, alimentando uma conversa no decorrer da qual ficou a saber que o rei Almançor tinha ordenado ao jovem Aben Abdallah que tomasse para si e para os seus soldados as freiras do convento das margens do rio Om.

Ao saber o que as esperava, a madre pediu que as matasse a todas, ao que o homem retorquiu não poder destruir o que lhes viria a servir. Impaciente, acabou por pôr a descoberto o rosto de Comba e, ficando admirado com a sua juventude e beleza, logo a reservou para si. Então, zangado, ameaçou que se as conversas não terminassem por ali, entra-



riam à força pelo convento dentro. A madre abadessa, percebendo que nada poderia fazer para poupar as suas monjas ao terrível destino, deixou passar o primeiro soldado de Aben Abdallah. Este ficou igualmente espantado com a beleza e juventude de muitas das freiras e não demorou a demonstrar a sua preferência. Então, Comba chamou a freirinha, beijou-a na testa e a este sinal a jovem sacou do hábito um punhal que cravou no coração. Todas as outras monjas repetiram o gesto e todas tombaram inanimadas.

O guerreiro, aterrorizado e perplexo, fugiu chamando pelo seu chefe, que se precipitou ao convento. À sua frente, a sangrenta cena! Procurou, desesperado, a sua escolhida, mas Comba jazia com as suas companheiras. Quando Aben Abdallah contou o sucedido ao grande Almançor, este não conteve a sua fúria e, desdenhoso vociferou:

“ - Por que não as mataram logo? Essas mulheres não sabem ser gente!”

Mas os milagres e martírio da jovem e bela abadessa permaneceram na memória do povo.

No local do convento, surgiu uma povoação que para se distinguir de Santa Comba do Alentejo e por se situar nas margens do rio Om, se passou a chamar Santa Comba D'Om. Com o decorrer do tempo o nome evoluiu para Santa Comba Dão.

* * * * *

Parece que, pela tradição, uma outra abadessa Comba Ozores terá tido a mesma sorte num mosteiro perto de Lamego, talvez Santa Maria de Arcas. Há ainda referências a uma outra Santa Comba de Celas, junto a Coimbra. Aqui, a freira foi crucificada, não se sabe em que ano, por um romano ou árabe que a perseguiu com a intenção de a violar, já que ela recusou casar com ele. Sabe-se ainda que, no sul da Espanha, uma religiosa do mosteiro beneditino de Tavanense se ofereceu ao martírio do rei mouro e que este a mandou degolar e deitar o corpo ao rio Guadalquivir, em 853. Mais tarde, o seu corpo foi encontrado incorrupto por monges que a sepultaram secretamente e depois trasladaram para a região cristã de Rioja, no norte da Península. Foi um acontecimento com grande repercussão, mas, só por isso, não se pode transpor para aqui a devoção desta Santa Comba. Alguns estudiosos pensam que a devoção por Santa Comba tem de colocar-se em épocas mais remotas, mas faltam os documentos que o comprovem.

O que os documentos citados e outros demonstram é que a “villa” já era denominada por Santa Comba, antes da abadessa entrar no culto popular. Mais tarde, ligou-se o topónimo ao nome do rio, talvez como necessidade de distinção. Diz-nos Pinho Leal: “... se desde o martírio destas duas Combas, os seus mosteiros deixaram de existir, como é que já em 985 tinham a invocação de Santa Comba? Quem havia canonizado estas duas santas abadessas, mesmo antes da sua morte, para as fazer padroeiras dos seus conventos?” Nesta época, aparece já como um território bastante povoado, logo apetecível aos Senhores Terratenentes, como demonstram vários documentos. Já em 22-VII-974, um homem poderoso e talvez governador deste lugar, Oveco Garcia (já referido ante-

riormente) fez doação ao mosteiro do Lorvão: “in primis, villa de Santa Columba cum suis villares et suas ecclesias et suis locis et terminis antiquis” (Dip. et Ch., nº 114). O documento aponta como limites da doação S. João de Areias, Gestosa, Treixedo e Alvarim.

Em 985, outro poderoso, Múnio Gonçalves, doou ao mosteiro do Lorvão metade da “villa de Santa Columba” (Dip. et Ch., nº 147). Este homem seria filho do famoso conde beirão Gonçalo ou Gundisalvo Moniz e sua mulher Mamadona, que em 981 doaram ao mosteiro do Lorvão “villa nostra proptia que vocitant Traxedo cum suo monastério” (Dip. et Ch., nº 130).

Os documentos citados e outros da época referem muitas terras deste território, o que demonstra um aumento da população, pois nele havia “villas”, “villares”, mosteiros grandes, pequenos e igrejas. Vinha da tradição romana a distinção entre: “Urbe”, “Civitas” e “Villa”.⁽¹⁾

Em 1102, como nos relata o “Livro Preto da Sé de Coimbra”, fl. 33, v. D. Eusébio, abade do mosteiro do Lorvão, outorgou uma carta de povoação aos habitantes de Santa Comba e Treixedo:

**“hec est carta moris habitatorum sive populorum
villarum testamentorum...sancte Columba sive
Treixedis”.**

O documento faz também alusão a uma fortaleza ou castro local:

“...a quo consilium atque fortitudo in turrium hedificationes”

Outro documento de 1103, “Livro Preto da Sé de Coimbra”, fl. 38, refere-se à reedificação e repovoamento de Santa Comba e chama-lhe:

**“...castrum vocabulo Sancta Columba, território
visiense, subtus castelo Balestários discurrente rivulo
Aom ...in era milesima centesima quadragessima
prima (1103) ego, Eusebius, Prior laurbanensis cenobii,
coepi reeditare atque restaurare populando ...”.**

(1) Leite de Vasconcelos na sua obra “Etonografia Portuguesa, Vol II, Lisboa 1936, pág. 295” - fundado no testemunho de Viterbo, chama à atenção para o sentido latino da palavra “Villa” e que se manteve na nossa Idade Média: a “quinta” ou “casa de campo”.

Gama Barros, com referência aos forais portugueses do séc. XII, define “Villa”: determinadas povoações que se regem a si mesmas, com direitos e deveres próprios entre os seus moradores e para com o senhorio da terra”.

Esta doação é referida pelo grande investigador da nossa Idade Média, o historiador Alexandre Herculano, que na página 88 do Livro VII da sua “História de Portugal”, refere: “as aldeias de Santa Comba e Treixedo, no distrito de Viseu, pertenciam desde fins de século X ao mosteiro do Lorvão”. Também analisa a doação demonstrando que ela apenas se refere “ aos direitos e deveres singulares de cada um dos seus colonos e o chamado foral – carta moris de Santa Comba e Treixedo – é puramente um contrato civil celebrado entre os monges e os lavradores como indivíduos e não como grémio”.

Toda esta região tinha sido arruinada pelas investidas dos árabes, durante o século XI, quer em população, quer em culturas. Foram os monges que cuidaram, mais uma vez, do seu repovoamento e desenvolvimento económico, logo no século XII. Os documentos desta época falam dos habitantes, cavaleiros, peões, agricultores, quer dos que aí existiam, quer dos recém-chegados e dos diferentes contratos que regulavam as relações entre eles.

Parece oportuno referir que o vinho do Dão já era apontado como famoso e que era utilizado sistematicamente como prestação de renda feudal. A demonstrar esta sua importância, temos as constantes e variadas disposições costumeiras tendentes a proteger os vinhedos.

Na jurisdição militar, estas “villas” pertenciam ao domínio de “territorio visense subtus castello Balestarios” sob o comando do tenente Mido. Sabemos que este comandante confirmou o referido documento de 1102. Mas não passara meio ano e já o tenente e o mosteiro do Lorvão andavam com complicadas questões de domínio, que só foram resolvidas com a intervenção do imperador D. Afonso VI de Castela (já que o conde D. Henrique estava fora do condado), que por sentença de 1103, terá doado metade da villa ao “dux” de Besteiros Mido Cides e a um seu sobrinho João, por suas vidas, passando depois para o mosteiro de Lorvão.

D. Afonso VI, em 1072, era rei de Leão, Castela e Galiza, cuja fronteira chegava ao rio Mondego. Em 1086, o almorávida Iúçufe Taxufine venceu-o na batalha de Zalaca, tendo perdido grande parte do território, o que o levou a pedir ajuda além Perinéus. Esta política diplomática e militar foi ajudada pela Abadia de Cluny que desejava expandir os ideais religiosos e culturais. Foi neste contexto que apareceu o conde francês D. Henrique, casado com D. Teresa, filha bastarda de D. Afonso VI. Como prenda de casamento e reconhecendo os dotes militares de D. Henrique, o rei doou à filha um vasto território – o condado portugalense – para o governar, muito especialmente para o defender dos mouros e o povoar. São estes condes, no exercício do seu poder, que concederam as “Villas” de Santa Comba e S. João de Areias aos bispos de Coimbra. Encontramos estas e outras informações na obra do cónego Pedro Álvares Nogueira, “Livro das Vidas dos Bispos da Sé de Coimbra” (pág. 29 e 37).

Mais tarde, em 1137, uma carta de coutamento do príncipe D. Afonso Henriques confirma a doação dos pais:

“Ego Alphonsos ex Divina Providentia (...) necessitate compulsus sed pronapta et bona voluntate et divino amore emotus, vobis Domno Bernardo collimbricensis sedis facio cautum de illas vestras quae sunt de jure et potestate (...) Sanctae Collumbae et villa Sancti Joannes de Arenis. (...)”

in “Livro Preto da Sé de Coimbra”, fls. 32 e v.

A explicação para a retirada destas terras ao mosteiro do Lorvão pode ser justificada pelo excessivo poder que este vinha demonstrando. O mosteiro do Lorvão, como comunidade, foi dissolvido e reformado pela ordem de Cister. D. Teresa, filha de D. Sancho I, teve papel importante no desenvolvimento da nova comunidade. Terá sido este nosso rei Povoador que, cerca de 1210, elevou Santa Comba à categoria de cabeça de condado a favor dos bispos de Coimbra.

D. Sancho I que gostava de caçar nesta região, terá mandado construir, junto à ponte do Criz, uma albergaria ou gafaria (de S. Paulo), com algumas obrigações relacionadas com a ajuda aos viajantes necessitados. Há quem defenda que esta construção já existia. Seria a casa de um homem idoso, Fernão Mendes, e que o rei apenas lhe terá doado alguns terrenos.

Ainda no século XIII, a maior parte do concelho actual era privilegiada propriedade de mosteiros, de igrejas e de fidalgos. Parte de Santa Comba e de Treixedo pertenciam portanto ao mosteiro do Lorvão; quase todo o couto de S. João de Areias pertencia à Sé de Viseu; Silvares pertencia ao mosteiro de Arganil; a quarta parte de Pinheiro de Ázere pertencia ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e o restante à ordem dos Templários.

Por volta de 1256, já estava constituído o concelho de Óvoa, que tinha juíz de nomeação régia, mas pelas inquirições sabemos que só metade da “villa” era da coroa e o restante era padroado da igreja local como parte do mosteiro de Santa Cruz. Há documentos do século XV (Doc. da “Colegiada do Salvador de Coimbra” – 25/11/1471) em que os prelados de Coimbra, como por exemplo D. João Galvão, ainda assinam com o título de condes de Santa Comba. D. Afonso III, em 1255, confirma a carta de D. Sancho I (“Livro I de Doações de D. Afonso III, fl.11). Em 12/9/1514, D. Manuel



Pelourinho, Largo do Município

concedeu carta de foral a Santa Comba Dão, no âmbito da vasta reforma dos forais a que procedeu e que há muito era pedida, em Cortes, pelos procuradores dos concelhos (Livro de Forais Novos da Beira, fl. 42 v., col. II.). Este documento, perdido por largo período de tempo, foi encontrado nas instalações de um ferro velho, pelo visconde do rio Sado, que o ofereceu à Câmara e o mandou traduzir ao conservador da torre do Tombo. A minuta para este foral encontra-se no “Corpo Chronológico, Parte I, Maço I, Documento 2”.

Pela análise destes documentos, verifica-se que perderam o carácter político, isto é, não criaram municípios de facto, nem pretendiam revigorar as autonomias - apenas actualizaram direitos e deveres.

Mas os concelhos continuaram a ser uma realidade político-administrativa que, pela sua proximidade das populações, era a mais sentida. Os tempos corriam de feição a uma política absolutista, mas as distâncias e a vasta rede burocrática desprovida de meios, não favoreciam a sua aplicação prática. Cada vez mais, surgiam nos concelhos grupos ou famílias (por vezes de rápida ascensão social) que dominariam a sua vida política por longos períodos de tempo.

Desde o início da monarquia que os nossos reis, por várias razões, procuraram saber qual a população do reino. As de ordem fiscal e militar seriam as principais porque representavam poder. Assim, ao longo dos séculos, foram feitos vários numeramentos restritos. Mas só em 1527, por ordem de D. João III, foi feito o Cadastro Geral do Reino. Por este Cadastro se apurou que na “Villa” de Santa Comba e seus termos existiam 102 fogos ou moradores: 91 na vila, 9 no Coval, 4 nas Fontainhas e 1 no hospital da ponte do Criz. Havia ainda: 192 no Couto do Mosteiro, 145 em Óvoa, 190 em S. João de Areias, 48 em Pinheiro de Ázere e 76 em Treixedo. (1)

Se a evolução histórica ao longo dos séculos XVII e XVIII decorreu de forma estável, já no início do século seguinte encontramos Santa Comba Dão no caminho das Invasões Francesas. Em 20 de Setembro de 1810, Santa Comba Dão foi ocupada pelas tropas francesas comandadas pelo general Massena, após escaramuças sangrentas. Nesta data, o general inglês Wellington, para dificultar a junção das forças de Loison, vindas de Tábua e Oliveira do Hospital, com o exército de Massena, vindo de Viseu, mandou destruir parcialmente a ponte em cantaria, sobre o rio Dão. Em 1825, foi reconstruída como se pode ler na memória:

(1) Expressão “morador” designava agregados familiares, por vezes acrescidos com numerosos servidores, mas que também podiam ser equivalentes a uma só pessoa (clérigos, viúvas). A norma é considerar a relação de 4 a 5 habitantes por “morador”.

“foi esta ponte cortada/ em 20 de Setembro de 1810/pela invasão do exército francez commandado por Massena/foram reedificadas as suas ru-ínas e de novo feitas estas cor-/tinas dos lados e a estrada/e calçada da parte do sul medi-/ante o paternal desvelo/ do excelso imperador e rei /o senhor D. João VI em 1825 /e gastarão se 3:898\$055 /anno domini MDCCCXXV”

Para comemorar estes acontecimentos, na entrada da referida ponte foi mandada construir uma capela - a Capela do Senhor da Ponte, que se localizava na sua entrada norte, mais tarde transladada para a entrada da nova ponte, no eixo viário IP3, sentido Viseu – Coimbra.

Era uma ponte de construção filipina, talvez de 1604, embora os seus fundamentos sejam de origem românica.

Não se conhecendo documentos comprovativos da data de construção da ponte em questão, podemos fazer a seguinte citação retirada da^{II}ª jornada que fez o Sôr Manuel Severim de Faria chantre e cónego da sé de Évora em 1609”: “... Passa dentro desta villa o rio Dão, a que haverá vinte anos se fêz hua ponte por ser de crescida corrente”. Em 1935, foi consolidada e ampliada para 109 m por 6,6m. Tem o tabuleiro encurvado assente sobre 6 arcos com 2 talhamares.

Pelas mesmas circunstâncias militares, houve necessidade de destruir, também, a ponte sobre o rio Criz. Uma lápide à margem da estrada lembrava:

**“ Foi esta ponte
cortada pela Invasão do exército francez
em 1810
Foi reidificada em 1826”. (1)**

O centro da cidade é atravessado por uma ribeira, cuja nascente fica no lugar da Fonte do Salgueiro e que se lança no rio Dão. Fazia mover azenhas, moinhos, lagares e regava, como ainda hoje, os campos.



Vista das Pontes Nova e Velha



Monumento com Memória



Pormenor da Memória

(1) A ponte foi efectivamente cortada pelas forças portuguesas e inglesas

Desenvolvimento Económico-Social

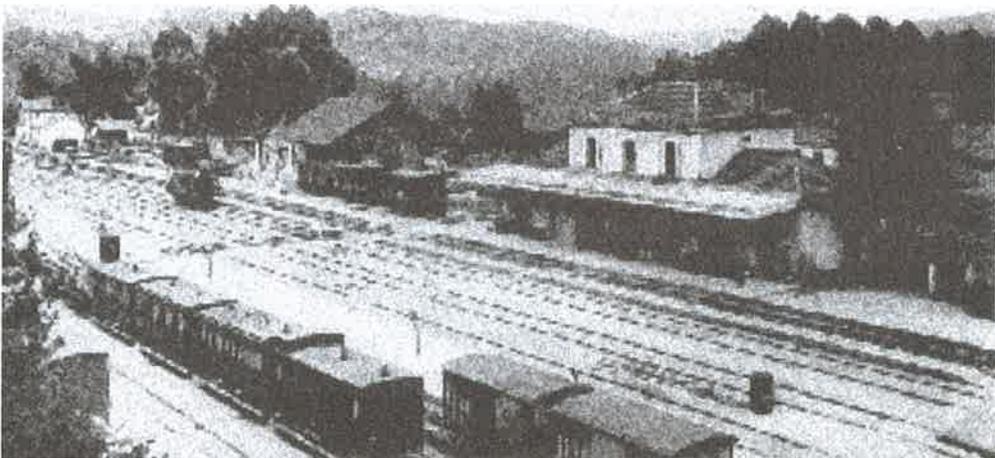
Sabemos que Portugal viveu quase quatro séculos voltado para a exploração ultramarina, mas a política oitocentista olharia as potencialidades da metrópole com outro interesse. Era preciso criar um novo Portugal depois do período revolucionário, do declínio económico e da subordinação política à Inglaterra.

Também Santa Comba sentiu a evolução para a modernidade do século XIX. O telégrafo foi inaugurado em 1876. Em 1882, foi inaugurada a linha férrea da Beira Alta, ficando esta estação ao km 85,47. A 25 de Novembro de 1890, foi aberto à exploração o ramal de Santa Comba Dão - Viseu. Este benefício foi obra de um natural de Parada de Gonta, o ministro Tomás Ribeiro.

Esta região, com o pólo estratégico na cidade de Viseu, devido à sua situação geográfica, já no tempo dos romanos ganhou uma grande importância viária. Concelho situado em pleno território lusitano, nunca totalmente pacificado, tinha uma importância decisiva para a deslocação dos exércitos. Dessas vias que chegavam e partiam de Viseu, algumas passavam por este concelho, tais como Viseu - Aeminium e Aeminium - Guarda. Dos vestígios destas vias romanas que a memória de alguns dizem terem existido, hoje nada é possível identificar, por razões de ordem diversa. Também não encontramos marcos miliários ou inscrições com interesse documental.

Outra das estradas famosas era a “Estrada do Sal” que saía da Foz do Dão, onde as barcaças vindas da Figueira da Foz descarregavam o Sal para carros de bois, que depois seguiam pela Venda do Sêbo via Carregal do Sal, para diferentes destinos (inclusive até à fronteira).

Ao longo do tempo, o assoreamento do rio provocou o recuo do ponto de chegada das barcaças, acabando mesmo por deixar de existir o transporte deste produto por esta via.



Estação de Caminho de Ferro



*Vista parcial da Vila
Estrada com Ponte da Ribeira das Hortas*



Rua Mouzinho de Albuquerque



Estação de Caminho de Ferro

Mais tarde, este concelho foi servido pela estrada de 1ª classe Chaves - Faro e pela de 2ª classe Mira - Mangualde - Guarda.

Mas, já nos meados do século XIX, construíram-se estradas em Mac Adam que passavam por Santa Comba em direcção a Viseu e à Guarda, provocando grande trânsito e animação económica.

Aqui havia cavalições para as mudas das duas diligências diárias e aqui se cruzavam também os comboios de carros de bois, alguns vindos do Alentejo, carregados com as mercadorias importadas e exportadas para as Beiras. Esta actividade levou ao estabelecimento de hospedarias e estalagens para o repouso dos viajantes e trabalhadores desses serviços. Também surgiram algumas pequenas indústrias e um comércio activo.

A feira semanal, que se realiza às quartas-feiras, surgiu nos finais do século XIX e contribuiu também para o desenvolvimento económico a que se começou então a assistir. Teve início no terreiro junto à antiga residência paroquial, tendo sido transferida, em 1889, para a parte alta da vila. Hoje realiza-se junto à Av. Dr. Sá Carneiro, e aguarda-se o seu deslizamento para junto da ribeira das Hortas.

A construção do caminho de ferro da Beira-Alta trouxe grande animação económica, porque aqui se instalaram muitos dos engenheiros, empreiteiros e operários envolvidos. Com a abertura do caminho de ferro, o trânsito desapareceu em grande parte da vila, provocando uma crise na evolução económica. Foi o momento em que a Estação conheceu uma assinalável actividade comercial e industrial. Só mais tarde, com o desenvolvimento da circulação automobilística, regressou a animação económica.

Património Arquitectónico

No campo arquitectónico e urbanístico possui Santa Comba exemplos dignos de nota.

No lugar onde se encontra a Igreja Matriz, já existia um templo antigo, talvez anterior às cartas de doação já citadas, assinalado na inscrição gótica inscrita numa lápide incrustada na parede da capela-mor do lado da Epístola. O referido templo seria a igreja de Santa Maria do Burgo, sagrada nos meados do séc. XIV pelo bispo de Coimbra, D. Raimundo. A inscrição, em caracteres unciais sobre pedra calcária, do século XIV, relata:

“Era de MCCC... (d)ia de Fevereiro sagrou D. Raimundo Bispo de Coimbra a igreja de Santa Maria do Burgo e moveu o altar no lugar em que está e deu em cada aniversário no dia acima referido a quantos vierem à dita igreja, como devem, XI dias de perdão, porque achou no dito lugar reliquias de Santa Maria e de S. Pedro e de Santa Cecília, deu por estes dias da dita Mãe de Deus e pelos dias do dito Apóstolo e da dita Santa Cecília XL dias de perdão e pelas oitavas das ditas festas. E esta sagração mandou fazer Martin (Martinho) Durães por sua alma”.

Data de 1787 a escritura de aceitação do pagamento das obras para a construção desta Igreja Matriz. Em 1791, os construtores João Luís e Domingos Rodrigues assinaram a escritura de adjudicação da obra, pela quantia de três contos e cem mil reis. A este templo se refere um ilustre filho da terra, o Eng.º Abel Urbano:

“É notável o formoso templo pela boa harmonia das suas linhas, pelo equilíbrio e justa posição das suas partes. A fachada principal, delineada sob manifesta influência do estilo barroco, ladeado por airosas torres gêmeas, com grimpas de cantaria de granito,



Largo Alves Mateus



Igreja Matriz

com a forma de bolbo, produz um belo efeito pelo equilíbrio estético do conjunto, pela sobriedade dos detalhes e pela harmónica distribuição dos ornatos; é originalíssimo, a espécie de frontão, recortado em curvas graciosas, que estilizam a empena do remate superior da frontaria. O janelão, que está no lugar da rosácea e no portado principal no qual se repetem, na sua parte superior, as curvas e motivos decorativos do frontão, causam uma excelente impressão estética ao observador atento. Interiormente tem a igreja apreciável valor; a grande altura da nave dá ao templo certa majestade, que é bastante prejudicada por a pobreza do forro de madeira do tecto; na capela-mor são dignos de apreço a tribuna ou retábulo de valiosa talha, com um belo sacrário, e o tecto apainelado com artesãos de talha dourada a guarnecer antigos quadros a óleo barbaramente conspurcados por os retoques de um pinta-monos”.

Muito próximo, delimitando o largo, ficam duas moradias solarengas, de feição antiga, fidalga e portuguesa. Uma, do séc. XVII - Casa dos Arcos - de maior porte, é o antigo solar dos Horta e Costa, barões de Santa Comba. É uma construção original com varandas alpendradas e um portão armoriado com uma placa de mármore com a seguinte inscrição:

“No ano de 1692 honrou esta casa a S. M. S.^a D. Caterina R. da Grã Bretanha. No de 1704 o S. M. O. R. D. Pedro II de Portugal e 2 dias depois o S. M. D. S. Carlos III hoje imperador dos romanos. No de 1738 o S. D. Manuel, infante de Portugal, fazendo todos grandes honras aos possuidores d’esta casa permitindo lhe pegarem no estribo e servirem à mesa. 1738”. É monumento classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1943.

Do lado oposto, a outra, mais modesta, de 1571 e reedificada no séc. XVIII, de características arquitectónicas do renascimento, bem patentes na sua fachada principal, casa onde nasceu o Dr. Joaquim Alves Mateus, que deu o seu nome ao largo. Foi nesta casa que funcionou a primeira sede da Misericórdia, desde 1571 a 1755. Até há pouco tempo foi a residência paroquial.

Passando pelo largo da antiga cadeia, chegamos ao largo do Município ou Ponte da Praça rodeado pelo bairro d’Os Aldrogãos - o mais vetusto da povoação. Além do pontão rústico sobre a Ribeira das Hortas, talvez de origem medieval e reconstruído em 1735, encontramos ainda o chafariz, projecto do Eng.^o Abel Urbano, com inauguração em 1928.



Porta principal com inscrição



Casa dos Arcos



Ponte da Praça e Município



Fachada da Igreja da Misericórdia

No local onde provavelmente já existia uma casa denominada “Pombal” pertencente aos barões, sobressai hoje a fachada dos Paços do Concelho, edifício de construção sóbria e de desenho rigoroso da autoria do Eng.º Manuel de Gouveia Osório. Os trabalhos decorreram entre 1872 e 1876, com direcção do empreiteiro Joaquim Pereira da Silva. A decisão coube à vereação presidida pelo Dr. José António Soares Pinto de Mascarenhas.

No mesmo edifício esteve instalada a Biblioteca Municipal Alves Mateus que hoje se encontra em espaço condigno, nos salões da Casa dos Arcos. Esta foi constituída como legado do Dr. António da Silveira, herdeiro da notável livraria do Dr. Alves Mateus. De entre as muitas obras em edições de valor, podemos referir uma obra de Fernão Mendes Pinto, de 1614.

O Município conserva ainda à sua guarda os forais dos concelhos extintos.

O Pelourinho ergue-se frente à fachada do Município. Este símbolo do Concelho, construído em granito, apresenta uma coluna de fuste cilíndrico torso e remate piramidal quadrado, tendo no coruchéu um mamilo cónico e na grimpa a esfera armilar em ferro. É uma reconstrução do séc. XIX que substituiu o antigo, quebrado acidentalmente aquando da sua mudança. Este encontra-se presentemente montado em espaço privado.

Outro monumento - a Igreja da Santa Casa da Misericórdia. As novas instalações e Igreja começaram a ser construídas em 1737 e foram inauguradas em 2 de Julho de 1755, com a celebração da primeira missa. A planta foi concebida pelo arquitecto Gaspar Ferreira e a construção foi dirigida por António Ri-

beiro Alves. A tribuna da capela-mor foi entalhada por João da Fonseca, em 1774 e dourada e pintada por Arcângelo de Almeida, em 1782.

O arquivo histórico da Santa Casa da Misericórdia de Santa Comba Dão contém documentos e actas referentes ao concelho de Santa Comba e aos diferentes concelhos extintos que hoje fazem parte do actual. Por exemplo, do manuscrito 27 referente aos “acordaons e posturas da vila de Santa Comba Dão” que contam os actos da Câmara, de 1792 até 1821. Embora faltem alguns anos, referiremos a título de curiosidade o teor de algumas posturas de 1792:

Nº. 17 - “acordaram que toda a besta que for achada no dano pagara por cada vez cento e vinte reis”.

Nº. 27 - “acordaram que toda a pessoa que for achada a lançar imundices nas fontes, pagara por cada vez, duzentos e vinte reis”.

Nº. 48 - “acordaram que toda a pessoa que com o seu mau vinho der escandallo ou de lingoa injuriar a qual quer pessoa que seja, sendo público escandallo o juiz informado por duas testemunhas da vizinhança, podera condenallo em quinhentos e vinte reis e des dias de cadeia”.

Nº. 55 - “acordaram que toda a pessoa que entrar em qualquer caza de suspeita neste concelho para usar mal o seu corpo e dar escandallo sera condenado em mil e vinte reis e des dias de cadeia”.

Outro espaço importante é o largo do Rossio. Aí encontramos, de um lado, as casas solarengas dos Soares de Albergaria, Correia Godinho e Ferreira de Almeida, do outro, casas do povo tipicamente beirãs. Às construções da povoação referia-se, em 1609, o já citado Manuel Severim de Faria nos seguintes termos: “As casas são todas de pedra quadrada e mui grandes e ladeadas cõ barro por causa da cal q. nestas terras há muita falta”.





Largo do Rossio

A Evolução Político-Económica

Após a revolução de 1820, os governos liberais procederam a várias alterações na administração do território da Nação. Com Passos Manuel (Diário do Governo, n.º 283, de 29 de Novembro de 1836) foram extintos os concelhos de Óvoa, Couto do Mosteiro e Treixedo, e por decreto de 9 de Dezembro, Pinheiro de Ázere. Todos eles passaram a integrar o de Santa Comba. O mesmo aconteceu ao de S. João de Areias em 1895 (Diário do Governo, n.º 207, de 14 de Setembro). Por este diploma, Vila Nova da Rainha, que integrara o concelho de Treixedo e, após a sua extinção, o de Santa Comba foi definitivamente anexado ao concelho de Tondela. Em Outubro de 1835, Santa Comba foi constituída como cabeça de julgado. Este concelho, em 1895, ficava com os limites territoriais actuais: com uma área de 115 km², tendo cerca de 2.860 fogos e 11.500 habitantes. Pelo primeiro censo realizado no país, em 1864, sabemos que o concelho apresentava 9.712 habitantes.

Analisando os livros das Actas da Câmara Municipal arquivados na “Domus Municipalis”, verificamos que o termo de abertura do primeiro tem a assinatura do Presidente Luís de Sousa Vasconcelos, em 1 de Janeiro de 1834.

São documentos que contêm informações fundamentais para conhecermos as preocupações, as necessidades, os anseios, as capacidades, as decisões, as obras realizadas pelas populações e seus órgãos autárquicos. Como exemplo, citaremos algumas delas.

A primeira acta tem a data de 5 de Outubro de 1834 e relata-nos as medidas tomadas para uma melhor cobrança dos impostos e para a continuação do médico do concelho.

A acta de 22 de Dezembro de 1836 refere a representação enviada a Sua Majestade para pedir a criação, em Santa Comba Dão, da sede de comarca.

Pela acta de 25 de Outubro de 1837, sabemos que os habitantes de Vila Nova da Rainha se recusaram a pertencer ao concelho de Santa Comba Dão.

A acta de 3 de Junho de 1864 menciona que foi criado um mercado semanal, junto à casa da residência paroquial. Mais tarde (em 1889) foi transferida para a parte alta da vila.



Mercado Semanal

A acta de 24 de Janeiro de 1868 refere a suspensão do decreto do dia 14 do mesmo mês, que anexava os concelhos do Carregal do Sal, Mortágua e S. João de Areias ao de Santa Comba Dão. Este grande concelho tinha-se formado 32 dias antes.

A arrematação das obras dos Paços do Concelho é referida na acta de 4 de Fevereiro de 1872.

A de 13 de Setembro de 1872 informa que foi uma representação pedir a Sua Majestade a construção do caminho de ferro.

A de 25 de Fevereiro de 1876 apresenta o pedido de autorização de um imposto sobre o sal entrado na foz do Dão, para ser aplicado na exploração de águas sulfurosas do Granjal.

A acta de 20 de Setembro de 1895 refere a extinção do concelho de S. João de Areias pelo decreto de 7 de Setembro de 1895, publicado no Diário de Governo n.º 207 do dia 14.

A implantação da República foi noticiada no jornal “Beira Alta” de 16 de Outubro de 1910 nestes termos:

“Manifestações de Regosijo” - “(...) Na sexta-feira porém, a philarmónica 1.º de Maio d’esta villa, tocando a Marselheza, percorreu, de madrugada, as principais ruas, acompanhada por alguns individuos que empunhavam bandeiras das cores verde e vermelhas, e que levantavam vivas à pátria, à república e à liberdade (...).”

E o mesmo jornal noticiava que fora eleito Presidente da Comissão Municipal Republicana o Sr. Miguel Paulo Ferreira Neves, substituindo o Administrador do Concelho do regime e partido monárquico, o Sr. Trajano Marques dos Santos. A posse desta nova Comissão está exarada em acta de 8 de Outubro de 1910.

Uma das primeiras medidas tomadas, logo no dia 13, foi: “todos os habitantes d’esta villa que possuem casas, as mandem caiar em visto do péssimo estado em que algumas estão e os que comprovadamente, não tiverem meios para proceder aquella caiação dirigem-se à referida Comissão, a fim de serem auxiliados”.

A acta do dia 8 de Maio de 1919 refere que foi deliberado mandar passar editais para tornar público que no dia 5 do mês de Junho deveria ir à praça e se adjudicaria o fornecimento de luz eléctrica para iluminação pública e particular deste concelho.



Em acta de 16 de Junho de 1922 ficou decidido emitir 10 mil cédulas de \$10 e mil de \$05. Para autenticidade das mesmas deliberou-se que fossem numeradas e rubricadas pelo tesoureiro e aposto selo branco. Já dois anos antes se tinha tomado esta decisão, para atenuar a falta de trocos, mas não chegou a concretizar-se. Em 1923 mandaram recolher todas as cédulas.

No ano de 1840, o governo de Costa Cabral fez uma reforma do sistema judicial criando a comarca de Santa Comba. Por nova re-

forma judicial de 1875, a comarca foi elevada à categoria de 2ª classe. Hoje é de acesso final.

O desenvolvimento económico levou a um importante movimento de depósitos e de transferências de fundos, visando também uma maior comodidade das populações, facto que levou a Caixa Geral de Depósitos a decidir a abertura de uma Agência nesta vila, em 11 de Janeiro de 1926.

Com a nova situação política criada pela Revolução Militar de Maio de 1926, tomou posse como Presidente da Comissão Administrativa da Câmara o Sr. Dr. José António Marques, conforme acta de 5 de Agosto de 1926. Este Presidente continuou em funções com o novo regime político - o Estado Novo. Neste mandato inaugurou a luz eléctrica e o matadouro.

Nas décadas de 60 e 70 do século passado, como se constata nos “livros de obra” da Câmara Municipal, realizaram-se melhoramentos significativos por todo o concelho que permitiram um aumento da qualidade de vida das populações.

A Casa do Povo, na época uma das melhores do País, foi inaugurada em 1939.

Em 4 de Maio de 1974, o jornal “Defesa da Beira” apresentava o editorial com o título “Novo Rumo nos destinos de Portugal” e escrevia: “(...) Todos sentíamos que a Nação estava doente, e os seus alicerces vinham sendo minados perigosamente, muito contribuindo esse estado de coisas para o desinteresse que o povo manifestava pelas coisas públicas. Por isso, o Movimento da Junta de Salvação Nacional, foi entusiástica e exuberantemente recebido por toda a Nação, por lhe restituir as liberdades democráticas e cívicas que desde sempre vinha reclamando (...). Não há dúvida que a data de 25 de Abril de 1974, provocou uma radical mudança na vida social e política de todos os portugueses. (...)”

O Governo, saído da Revolução de Abril, nomeou duas Comissões Administrativas para a Câmara Municipal até às primeiras eleições autárquicas que permitiram ao Povo exercer o seu direito de soberania.⁽¹⁾ Os santacombadenses têm participado activamente nos diversos processos eleitorais que lhes permitem, democraticamente, eleger os seus dignos representantes - os Autarcas - com os quais sempre puderam dialogar, apresentando os seus anseios em prol do desenvolvimento sócio-económico da região. Assim, a partir de Abril de 1975, as autarquias locais passaram a desempenhar um papel preponderante com a concretização de projectos que elevam gradualmente o nível de satisfação da população ao nível do seu bem - estar social, económico e cultural. Uma das prioridades foi dotar todas as freguesias de saneamento básico e abastecimento de água ao domicílio.

A agricultura continua a ter importância familiar, mas é a vinha que neste sector tem prioridade. Integrada na Região Demarcada do Vinho do Dão, tem havido a pre-

(1) Estes organismos serão referidos no final deste capítulo.

ocupação da renovação e selecção das castas e da modernização das adegas de modo a que o produto final – o vinho – tenha a qualidade desejada. A agro-pecuária e a silvicultura continuam a ocupar boa parte da população activa. Mas é a indústria que tem conhecido, nos últimos anos, um incremento assinalável. A integração na União Europeia, a política autárquica e a centralidade com as importantes redes viárias e ferroviárias, permitiram a viragem neste sector de actividade. Pequenas indústrias espalharam-se pelo concelho, mas a grande aposta foi feita nos parques industriais. Uma política de apoio às iniciativas de investimento, procura atrair empresas nacionais e internacionais com potencial tecnológico. Três pólos industriais estão em desenvolvimento: o pólo da Catraia (ao lado do I. P. 3), na Catraia, está ocupado com indústrias de diferentes ramos de actividade; o pólo das Lameiras (também ao lado do I. P. 3, depois do nó do Rojão Grande), apresenta já empresas de dimensão nacional e internacional e o pólo da Guarita (junto à E. N. 234 e variante I. C. 12), está em expansão. A aposta de os dotar com energia limpa e barata – o gás natural – foi ganha. Para os jovens empresários foi criado o “Ninho de Empresas”, no Vimieiro, com a finalidade de dar apoio e formação profissional.

Com a integração do concelho na Associação do Planalto Beirão e com o contributo de todos os santacombadenses, ficou resolvido o problema dos resíduos sólidos. A lixeira a céu aberto foi aterrada. Contentores de lixo e eco-pontos encontram-se espalhados por toda a cidade.

Ao longo do século XX, a população evoluiu de acordo com acontecimentos conhecidos que influenciaram, em algumas décadas, a sua evolução negativa, como por exemplo, a I Grande Guerra, algumas epidemias, a emigração, a atracção pelo litoral, entre outros. Mas, nos meados do século, a evolução teve uma tendência positiva atingindo os 14.586 habitantes. Esta situação poderá explicar-se por uma falta de atracção pelos países desenvolvidos (quer europeus, quer americanos) que se encontravam em crise económica. Já na última década, 1991 – 2001, encontramos novamente uma tendência de evolução positiva, bem expressiva na população jovem, que fica a dever-se a uma política local, visando a fixação de população: dinamismo económico, melhoria das acessibilidades, serviços fundamentais, infra-estruturas e equipamentos que procuram dar resposta às diferentes necessidades da população e às preocupações urbanísticas. A centralidade geográfica e a beleza natural envolvente são outros factores que contribuem para tal atracção.

É também nesta década que os sectores secundário e terciário ocupam uma percentagem cada vez maior da população activa, o que está de acordo com a política de desenvolvimento, já referida.

Pela Lei n.º 56/99, em 1 de Novembro de 1999, Santa Comba Dão é elevada à categoria de cidade. Era uma aspiração legítima dos santacombadenses e a Autarquia sentiu ser este o momento adequado para desenvolver o processo legal. Assim, em Reunião Extraordinária da Câmara Municipal, realizada em 15 de Abril de 1999, o Senhor Presidente informou que tinha enviado para a Assembleia da República a documentação necessária ao início do processo. Apresentou também a sua moção sobre este assunto que deu origem a uma moção conjunta que foi aprovada por unanimidade. Logo a 26 do mesmo mês, em Sessão Ordinária da Assembleia Municipal, o seu Presidente apresentou a moção da Câmara Municipal e o Projecto de Lei n.º 659/VII que foram aprovados por unanimidade. A Assembleia da República decretou e aprovou em 13 de Maio.



Descrição Heráldica

Heráldica é a arte de formar e de descrever os brasões de armas. São símbolos pessoais e familiares. Mais tarde, as municipalidades e as cidades tiveram também os seus brasões. A sua origem é anterior ao século XII, mas é com as cruzadas que começa a subordinar-se a preceitos inalteráveis e a uma forma regular. O Rei D. Manuel teve grande preocupação com a desordem da heráldica da fidalguia portuguesa.

Em 6 de Julho de 1928 é apresentada a memória descritiva para o brasão de Santa Comba Dão e este símbolo vai ser definido pela portaria n.º 7963, de 04/01/1935.

Armas – De azul, com dois ramos de oliveira de ouro, frutados do mesmo e cruzados em ponta. Em chefe, uma pomba estendida de prata, sancada, bicada e com vista de vermelho, acompanhada de dois cachos de uvas de ouro, sustidos e folhados do mesmo. Em contra – chefe, uma ponte de prata, em ângulo, com cinco arcos irregulares numa face e dois regulares na outra, sobre faixas ondeadas, de prata. Coroa mural de prata, de cinco torres. Listel branco com os dizeres “ Cidade de Santa Comba Dão ” de negro.

Bandeira – Amarela. Cordões e borlas de ouro e de azul. Haste e lança de ouro.

Selo - Circular, tendo ao centro as peças das armas, sem indicação dos esmaltes. Em volta, dentro de círculos concêntricos, os dizeres: “Câmara Municipal de Santa Comba Dão”.

O actual Brasão surge após a elevação da vila de Santa Comba Dão a cidade, conforme a lei n.º 54/99, de 24/06.



Constituição das Comissões Administrativas da Câmara Municipal

Primeira: Instalação em 28 de Junho de 1974

Presidente Mário Gomes da Silva
Vogais Décio Urbano da Rocha Dantas
Adolfo Cordeiro Neves

Segunda: instalação em 9 de Abri de 1975

Presidente Décio Urbano da Rocha Dantas
Vice Presidente António Amadeu de Sousa Prata
Vogais Lauro Figueiredo Gonçalves
Orlando Fernandes de Carvalho
Mendes
Viriato Manuel de Matos

Constituição da Câmara Municipal

Primeira: Instalação em 03 de Janeiro de 1977
Eleição em 12 de Dezembro de 1976

Presidente Lauro de Figueiredo Gonçalves
Vereadores António Maria de Oliveira de Matos
Orlando F. de Carvalho Mendes
Adão Marques da Costa
Décio Urbano da Rocha Dantas
substituído por
Maria Judite Marques Prata Antunes

Segunda: Instalação em 28 de Dezembro de 1979
Eleição em 16 de Dezembro de 1979

Presidente José Júlio Gonçalves dos Santos
Vereadores Lauro de Figueiredo Gonçalves
António Maria de Oliveira de Matos
Orlando F. de Carvalho Mendes
António Durães

Terceira: Instalação em 27 de Dezembro de 1982
Eleição em 12 de Dezembro de 1982

Presidente José Júlio Gonçalves dos Santos,
substituído por
Daniel Pedro dos Santos
Vereadores Lauro de Figueiredo Gonçalves
Daniel Pedro dos Santos,
substituído por

Abel Coelho de Sousa de Matos
Orlando Fernandes de Carvalho
Mendes
António da Rocha e Carmo

Quarta: Instalação em 02 de Janeiro de 1986
Eleição em 15 de Dezembro de 1985

Presidente Daniel Pedro dos Santos
Vereadores Lauro de Figueiredo Gonçalves
António Maria de Oliveira de Matos
Manuel António Marques Pereira
Francisco Lourenço Fernandes
Maria Amélia Esteves P. Viegas Paulo,
substituída por
Raul Saraiva de Almeida
António M. Sousa Viegas
(Tempo Inteiro)

Quinta: Instalação em 02 de Janeiro de 1990
Eleição em 17 de Dezembro de 1989

Presidente Orlando F. de Carvalho Mendes
Vereadores Daniel Pedro dos Santos,
substituído por
António Amadeu de Sousa Prata
José Júlio Gonçalves dos Santos,
substituído por
Rui Martins Portugal
Lauro de Figueiredo Gonçalves
José de Matos Figueiredo
João António de Sousa Pais Lourenço
Raul Saraiva de Almeida

Sexta: Instalação em 30 de Dezembro de 1993
Eleição em 12 de Dezembro de 1993

Presidente Orlando F. de Carvalho Mendes
Vereadores José Júlio Gonçalves dos santos
Lauro de Figueiredo Gonçalves
Manuel Mota Leão
Raúl Saraiva de Almeida,
substituído por
Fernando António Prata Durães,
substituído por
António Guedes Costa
José Rui Alves Duarte da Cruz
João António Sousa Pais Lourenço

Sétima: Instalação em 02 de Janeiro de 1998
 Eleição em 14 de Dezembro de 1997

Presidente Orlando F. de Carvalho Mendes
 Vereadores Fernando Augusto N. G. da Cruz
 Lauro de Figueiredo Gonçalves
 (Tempo Inteiro)
 Sérgio Manuel Morais da Costa
 José Rui Alves Morais da Cruz
 (Tempo Inteiro)
 Manuel Pedro Ferreira Pinto,
 substituído por
 Victor Manuel Simões Nunes,
 substituído por
 Maria José de Sousa Tavares

Oitava: Instalação em 04 de Janeiro de 2002
 Eleição em 16 de Dezembro de 2001

Presidente Orlando F. de Carvalho Mendes
 Vereadores Fernando Augusto N. G. Cruz
 José Rui Alves Duarte G. Cruz
 (Tempo Inteiro)
 Hugo Alexandre Marques Martins
 Leonel José Antunes Gouveia
 (Tempo Inteiro)
 António Henriques Santos Nunes
 João de Oliveira Santos

Constituição das Comissões Administrativas das Juntas de Freguesia

Abril de 1975 a Dezembro de 1976

Presidente António Rodrigues da Silva Pereira
 Vogal João Ferreira Rodrigues
 Vogal Daniel Ferreira de Sousa
 Vogal Ana Maria Alves de Oliveira
 Vogal José Augusto Morais de Sousa

Constituição das Juntas de Freguesia

Eleição: 12 de Dezembro de 1976 | 1977 – 1979

Presidente António Rodrigues da Silva Pereira
 Secretário Américo da Silva Oliveira
 Tesoureiro Jorge de Sousa Marta

Eleição: 16 de Dezembro de 1979 | 1980 – 1982

Presidente Américo da Silva Oliveira
 Secretário José Dias Figueiredo Júnior
 Tesoureiro Luís de Almeida Santos

Eleição: 12 de Dezembro de 1982 | 1983 – 1985

Presidente Américo da Silva Oliveira
 Secretário José Dias Figueiredo Júnior
 Tesoureiro Luís de Almeida Santos

Eleição: 15 de Dezembro de 1985 | 1986 – 1989

Presidente Adão Marques da Costa
 Secretário José Dias Figueiredo Júnior
 Tesoureiro Luís de Almeida Santos

Eleição: 17 de Dezembro de 1989 | 1990 – 1993

Presidente Adão Marques da Costa
 Secretário José Dias Figueiredo Júnior
 Tesoureiro Luís de Almeida Santos

Eleição: 12 de Dezembro de 1993 | 1994 – 1997

Presidente Adão Marques da Costa
 Secretário José Dias Figueiredo Júnior
 Tesoureiro Luís de Almeida Santos

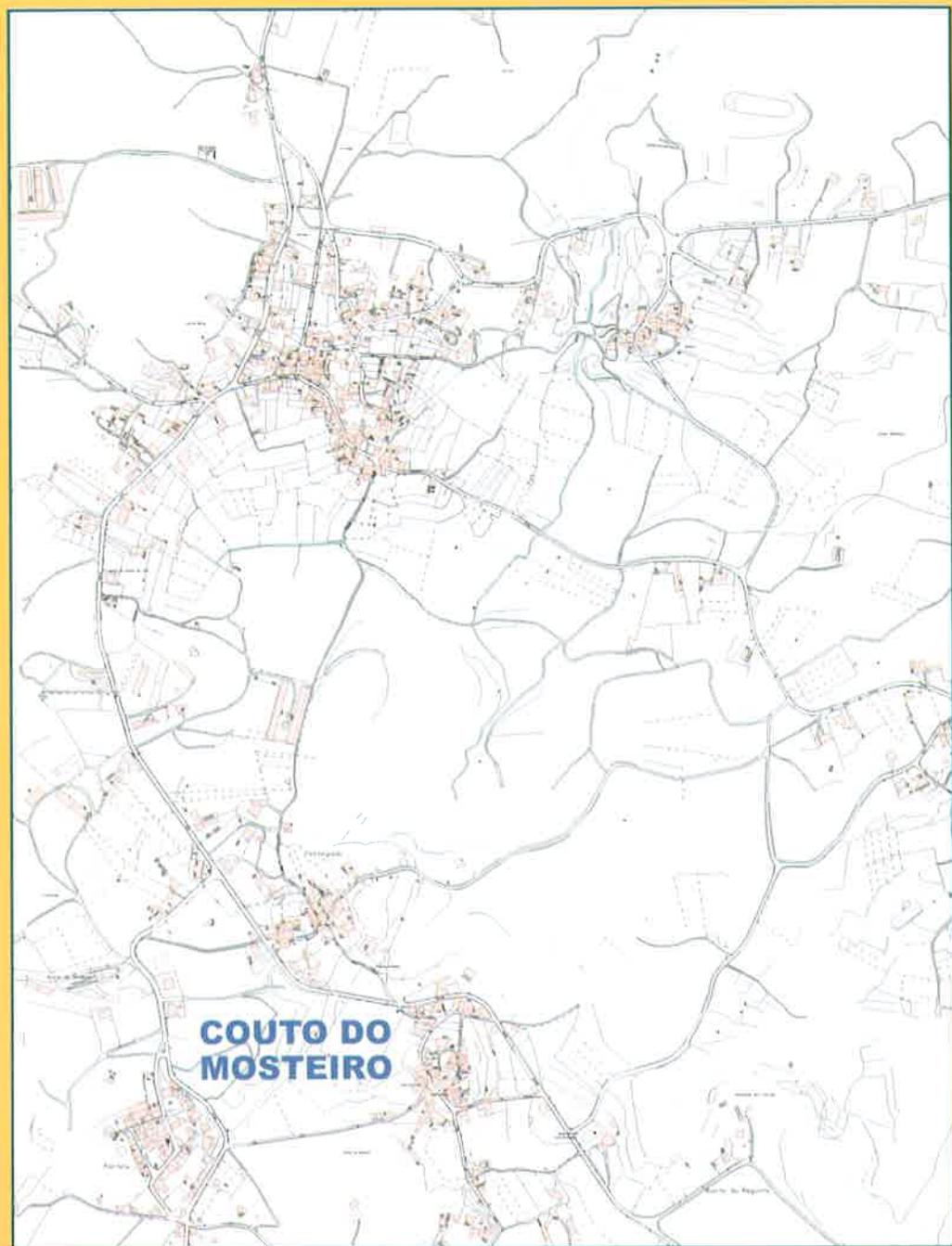
Eleição: 14 de Dezembro de 1997 | 1998 – 2001

Presidente Carlos Alberto Dias Mota da Costa
 Secretário Modesto Alves Vieira
 Tesoureiro David Marcelino Alves Ferreira

Eleição: 16 de Dezembro de 2001 | 2002 - 2005

Presidente Carlos Alberto Dias Mota da Costa
 Secretário Modesto Alves Vieira
 Tesoureiro David Marcelino Alves Ferreira

4.2 – Couto do Mosteiro



Om
man
uel p
graci
deos



¶ Rey de portugal e
doe algarues daque
e dallem mar em afri
ca. senhor de guine e
da conquista e nave
gaciam e comercio de
opia arabia persia e
da india. ¶ Aquanta
esta nossa carta de foral
dado pera sempre ao

É uma freguesia muito próxima da sede do Concelho, não distando mais de 3 Kms, rica de beleza natural e de património edificado e orgulhosa da sua história antiga. O seu passado de autonomia municipal e de ambiente fidalgo é ainda bem visível e sentido. Há referências de que terá pertencido à Ordem dos Templários, com mosteiro desde 915, o que teria dado o nome à freguesia, muito antes da fundação da nacionalidade, mas não é possível confirmar tais indicações. Um documento do séc. XII diz que seria um povoado fortificado, da Idade do Ferro e que ainda na época medieval era utilizado como reduto defensivo.

Desde o séc. XIII que temos informação histórica. Sabemos que foi D. Afonso III, em 1255, que instituiu o Couto e o doou aos bispos de Coimbra. Mais tarde, a 12 de Setembro do ano de 1514 (livro dos Forais Novos da Beira, fl.42, coluna 1), D. Manuel concedeu-lhe Carta de Foral, passando a constituir um concelho que permanecerá até 1836. O pelourinho e o edifício onde funcionaram a câmara, o tribunal e a cadeia atestam este passado.

A sua parte mais nobre encontramos-la no Alto do Outeiro, um lugar onde sobressai um solar do séc. XVIII (Solar dos Costas). É uma construção típica da nobreza rural, com alguma imponência, mas de ar pesado, onde ainda hoje podemos encontrar azulejos do referido século, de grande valor artístico.

Tem uma capela com uma inscrição sobre a porta:

**Esta Capela Do S. Jesus Do Couto
Mandou Fazer Luís Gomes Pires
Natural Deste Couto Do Mostrº
A Sua Custa No Annº De 1766**

Na parte norte do largo, encontramos um edifício que foi câmara, tribunal e prisão. No seu cunhal voltado para o pelourinho, é visível uma lápide com o escudo das armas de Portugal, pombalino, e na parte superior apresenta uma Coroa Real com a inscrição: ANO DE 1773.

O pelourinho, um belo exemplar pertencente ao tipo de pelourinhos classificados de “pinha cónica”, é construído em granito e não apresenta data nem legenda, mas na parte média mostra vestígios de um orifício, onde talvez estivesse um ferro ou gancho. Assenta sobre três degraus, o fuste é cilíndrico torço e o remate em tronco cónico estriado. Deve datar do séc. XVI.

O concelho do Couto do Mosteiro aparece no Cadastro da Beira de 1527, com 192 moradores.



Lápide



Pelourinho

Mosteiro, cabeça do concelho, tinha 14, S. Joaninho 35 e Vimieiro 14. Há referências a outras povoações que hoje fazem parte da freguesia como, por exemplo: Colmeosa 9; Vila de Barba 11; Casal Maria 12; Outeiro 10; Gestosa 9; Real 4; Vila Pouca 27; Pregoinho 12; Pedraires 10.

Em 1826, ainda era concelho da Beira e comarca de Arganil, pertencendo também a esta divisão eleitoral, provedoria de Viseu e diocese de Coimbra, sendo seu donatário o bispo desta cidade. Era constituído por três freguesias com 491 fogos: Mosteiro com 257, S. Joaninho com 161 e Vimieiro com 73. Em 1832 passou para a comarca de Tondela. Em 1835 apareceu já fazendo parte do julgado de São João de Areias, e em 1842, surgiu como freguesia de Santa Comba e distrito de Viseu.

A investigação arqueológica leva-nos até ao período luso-romano, séc. II-IV, para encontrarmos as lagaretas, pequenos lagares de vinho e azeite, que nos séculos XII e XIII tinham ainda uso. O património arquitectónico da freguesia, além do já citado, surge também em Vila de Barba, com o solar dos Varela Dias, com brasão que pertenceu à antiga família dos Quevedos e Gouveias e na Colmeosa com o solar dos Festas (construções rurais demonstrativas, no passado, de alguma riqueza, orgulho, algum bom gosto e diferenciação social).

A igreja matriz, edificada em 1150 e reconstruída em 1661, é hoje um edifício de grande beleza e simplicidade, com tectos abobadados que apresentam pintura de temática religiosa de algum valor artístico. É Santa Columba, o orago do Couto do Mosteiro.

São várias as capelas que encontramos a demonstrar a religiosidade das populações e que também servem de ponto de encontro a diferentes festas e romarias que se realizam em honra de santos padroeiros: Santa Columba no último domingo de Dezembro, S. Martinho no dia 11 de Novembro, S. Brás e Nossa Senhora da Conceição em 8 de Dezembro, S. Sebastião no dia 20 de Janeiro, Santo António no dia 13 de Junho, S. Miguel a 29 de Setembro, Nossa Senhora da Graça no dia 18 de Dezembro e S. João em 24 de Junho. Há ainda a capela do Sr. Jesus do Couto, com bonitos azulejos do séc. XVIII.

Na área da freguesia, já existiu uma mina de prata e chumbo, chamada “rego de água”.

Na Gestosa, no cruzamento do caminho antigo Gestosa/Pregoinho com a estrada velha ou estrada real, fica o Cruzeiro da Pedrosa de fuste cilíndrico, cuja construção está ligada à Lenda da Cruz da Pedrosa. Na povoação da Gestosa nasceu, cerca de 1507, Fernão de Oliveira, o primeiro gramático português.

São várias as povoações que fazem parte desta freguesia: Casal Bom, Casal Maria, Casal Vidona, Colmeosa, Gestosa, Gestosinha, Outeiro, Pedraires, Pesseguido, Portela, Pregoinho, Regato Serra, Corga e Vila de Barba.

As populações são servidas por vários equipamentos de apoio: escola primária, infantário e centro de dia e apoio domiciliário a idosos. A iniciativa, a criatividade, a

capacidade de organização de muitos, proporcionam às populações diferentes colectividades que atestam o gosto pelas actividades de ordem cultural e desportiva: Centro Cultural Recreativo e Social da Gestosa; Clube Recreativo Desportivo e Cultural de Vila de Barba; Clube Desportivo da Portela; Centro Social e Paroquial do Couto do Mosteiro; Rancho Folclórico Santa Columba; Centro Social e Recreativo de Casal Maria e Clube Desportivo do Couto do Mosteiro.

Nesta freguesia, desenvolvem-se várias actividades económicas, nomeadamente, a agricultura, a transformação de madeiras, a extracção de areia, a construção civil e o comércio.

Tem como infra-estrutura de desenvolvimento económico um parque industrial – Pólo Industrial da Catraia. Como artesanato, existem trabalhos em rendas e madeira.



Brasão



Igreja Matriz



Pólo Industrial

Constituição das Comissões Administrativas das Juntas de Freguesia

Presidente	Camilo António Diniz Pinto, substituído em 6/11/1975 por João Ribeiro dos Santos
Vogais	Agostinho Mendes de Carvalho, substituído em 6/11/1975 por Eduardo Mário Ferreira Viegas Simões, com a designação de Secretário
Tesoureiro	Agostinho Mendes de Carvalho, com início em 6/11/1975

Constituição das Juntas de Freguesia

Eleição: 12 de Dezembro de 1976 | 1977 – 1979

Presidente	João Ribeiro dos Santos
Secretário	António Gomes
Tesoureiro	Manuel Mendes de Carvalho

Eleição: 16 de Dezembro de 1979 | 1980 – 1982

Presidente	José Júlio da Cunha Ribeiro Soares
Secretário	Artur Borges, substituído por Agostinho Manuel Oliveira Carvalho
Tesoureiro	Norberto Simões Ferreira Viegas, substituído por Aristides Gomes de Almeida

Constituição da Comissão Administrativa da Junta de Freguesia

10/2/1982 a Março/1982

Presidente	José Júlio da Cunha Ribeiro Soares
Vogal	Agostinho Manuel Oliveira carvalho
Vogal	Aristides Gomes de Almeida

Constituição das Juntas de Freguesia

Eleição Intercalar: 28 de Março de 1982

Abril de 1982 a Dezembro de 1982

Presidente	José Júlio da Cunha Ribeiro Soares
Secretário	Aristides Gomes de Almeida
Tesoureiro	José António de Lemos Ferraz

Eleição: 12 de Dezembro de 1982 | 1983 – 1985

Presidente	José Júlio da Cunha Ribeiro Soares
Secretário	José António Mendes de Carvalho, até 4/12/1984, e substituído em 26/12/1984 por Franklim Ferreira Prata
Tesoureiro	José António de Lemos Ferraz

Eleição: 15 de Dezembro de 1985 | 1986 – 1989

Presidente	José Júlio da Cunha Ribeiro Soares
Secretário	Franklim Ferreira Prata
Tesoureiro	António Ferraz Duarte

Eleição: 17 de Dezembro de 1989 | 1990 – 1993

Presidente	António Bernardino Santos Andrade
Secretário	Agostinho M. Oliveira Carvalho
Tesoureiro	Camilo António Diniz Pinto

Eleição: 12 de Dezembro de 1993 | 1994 – 1997

Presidente	Manuel Macedo Varela Dias
Secretário	Ana Maria Dias Saldanha M. Martins
Tesoureiro	Hélder Morais Santos Dias

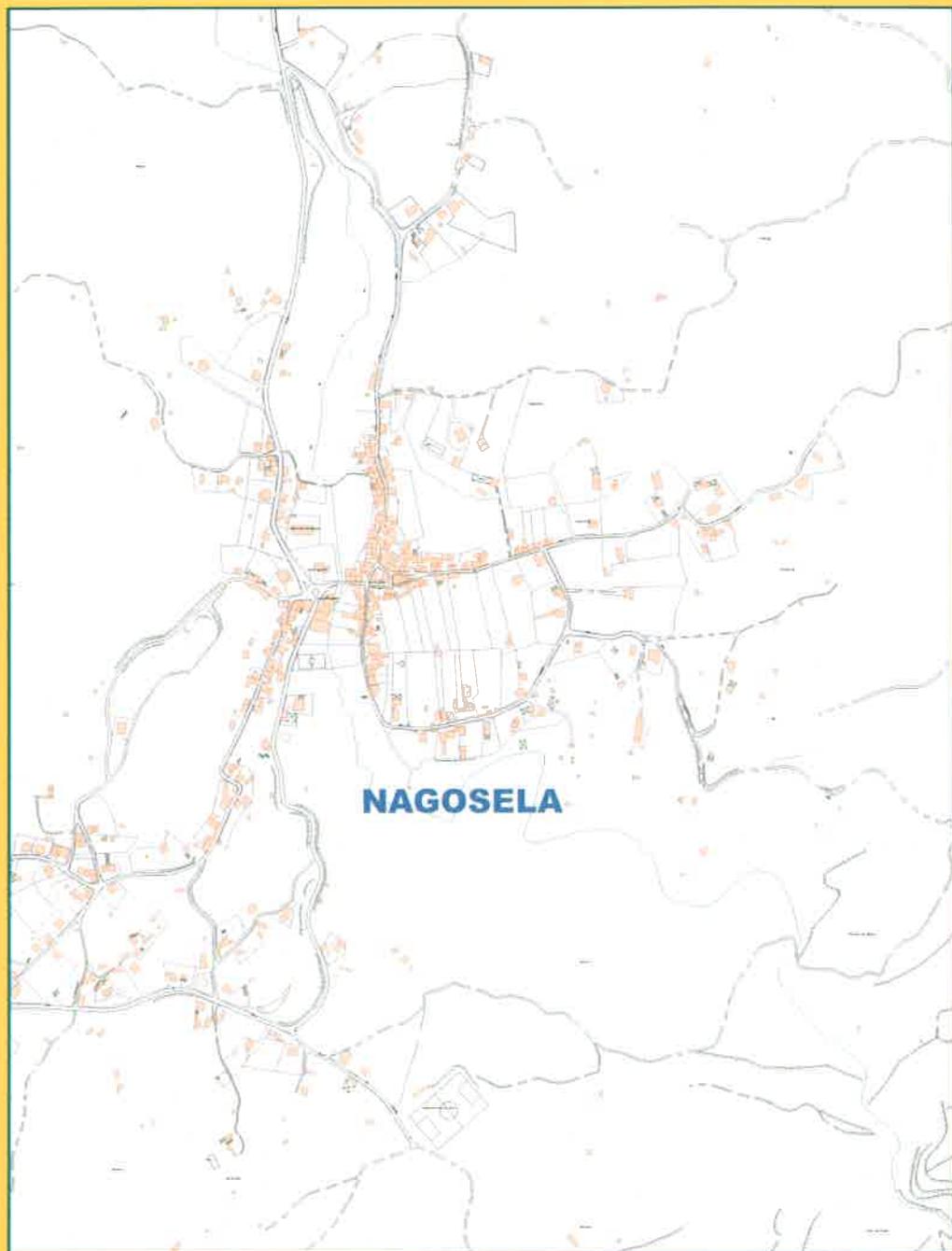
Eleição: 14 de Dezembro de 1997 | 1998 – 2001

Presidente	Manuel Macedo Varela Dias
Secretário	Ana Maia Dias Saldanha M. Martins
Tesoureiro	Hélder Morais Santos Dias

Eleição: 16 de Dezembro de 2001 | 2002 – 2005

Presidente	Manuel Macedo Varela Dias
Secretário	Ana Maria Dias Saldanha M. Martins
Tesoureiro	Hélder Morais Santos Dias

4.3 - Nagoſela



Situa-se a norte do concelho, num vale muito fértil, regado pelas águas de uma ribeira de caudal permanente, que vai desaguar na margem direita do rio Dão. Esta riqueza agrícola valeu-lhe o epíteto de “celeiro do concelho”.

É uma povoação com uma história muito antiga, como demonstram alguns documentos que a citam com o nome de Negosela. Um monumento – O Padrão do Milénio – colocado no largo, aos olhos de todos, vai lembrando a cada momento quer às gerações actuais, quer às vindouras a riqueza histórica da sua terra, pelo que, toda a população deve sentir-se orgulhosa e com vontade de continuar a desenvolver acções que levem o nome da sua terra a ser lembrado e a permanecer na memória de todos.

Até uma das lendas que procura explicar a sua origem toponímica, nos fala de personagens históricas que foram os senhores destas terras, nos finais do séc. X. Estes senhores poderosos (Gundisalvo Moniz e esposa Mumadona, que dominavam vastas regiões do território que só passado um século e meio seria Portugal), em 981, assinaram um documento que doava ao mosteiro do Lorvão várias terras:

“(…) Por isso Gundisalvo, servo de Deus e minha mulher Mamadona quisemos, em nosso juízo perfeito e com toda a liberdade, para ficarmos em paz, fazer ao referido mosteiro (...). Juntamos também outras vilas para servirem o mesmo mosteiro:... Do outro lado a vila de Negosela, separada pelos limites do monte de Mouraz e de Travanca...”

Terão sido estes senhores que, de visita ou passagem pelas suas terras, mandaram comprar ovos, por sua serva, à mulher do caseiro. Esta, não os querendo vender, terá respondido não os ter. A serva, ao chegar junto da ama terá dito: “ovos tem, mas negosela”. Talvez por isto, durante muito tempo foi referida como *Negosela*.



Padrão do Milénio



Igreja da Nossa Sra. da Conceição

De acordo com algumas informações documentais (que não foi possível confirmar), em 1109, D. Henrique e D. Teresa, pais de D. Afonso Henriques, terão doado estas terras aos bispos de Coimbra. Também há referências à possibilidade de ter sido o nosso primeiro rei a libertar definitivamente esta povoação e outras desta área do domínio árabe, em 1143, quando se deslocava de Lamego para Coimbra, mas tal não pode ser verdade, porque esta região já há muito tempo que não estava debaixo do domínio árabe.

O cadastro da Beira de 1527 refere que Nagosela tinha 27 moradores.

As diferentes reformas administrativas do séc. XIX, implicaram várias alterações no estatuto administrativo de Nagosela. Foi uma anexa de Treixedo até 1850, mas nesta data passou a fazer parte da freguesia de Vila Nova da Rainha, do concelho de Mouraz. Cerca de 30 anos mais tarde, regressou à freguesia de Treixedo e concelho de Santa Comba Dão. Hoje, é uma freguesia ligada ao mesmo concelho, assim o determinou a lei n.º 40/84 publicada na I Série do Diário da República, de 31 de Dezembro de 1984.

Tem como património cultural e arquitectónico edificado, a capela de Nossa Senhora da Conceição e o Padrão do Milénio.

O seu orago é Santo Estêvão, mas é em honra de Nossa Senhora da Conceição que, em 8 de Dezembro, se realiza uma romaria com vários festejos. Também realizam uma festa popular no último fim-de-semana de Julho.

Como colectividades, tem um Clube Recreativo Cultural e Desportivo, criado em 1967, estando inscrito na Associação de Futebol de Viseu, onde disputa o respectivo campeonato. Lamenta-se que tenha acabado, já há muito, o famoso Rancho Folclórico "As Flores do Dão". A sua história conta com actuações em várias localidades do centro do país.

Ao nível do seu desenvolvimento económico, no sector primário, a agricultura é a principal actividade, devido à fertilidade dos seus vales e boa qualidade das terras. Ainda neste sector, é de realçar a produção de queijo bem como a criação de frangos e coelhos. Possui ainda uma enorme mancha florestal, que permite à população ter aqui também uma fonte de rendimento. O sector secundário tem nestes últimos tempos assistido a um incremento, relacionado com a expansão da indústria automóvel existente na região, o que possibilitou o aparecimento de oficinas de fabrico de componentes de automóveis. Possui também oficinas de serralharia e de electricidade. Ao nível do artesanato, produzem-se trabalhos de rendas, bordados e croché, em panos de linha ou estopa.

Tem várias infra-estruturas de apoio à população: escola primária, infantário, restaurante, associações e espaço desportivo.

Nagosela é uma terra com tradições gastronómicas, onde se podem apreciar pratos típicos tais como: arroz de feijão, arroz de mýscaros, torresmos com batata cozida, chanfana, enchidos, papas de farinha de milho, nabos acompanhados com sardinha assada e rancho à beirão. Todos estes pratos podem ser acompanhados das belíssimas sobremesas: filhós, arroz doce e pão-de-ló.



Espaço Desportivo

Constituição da Comissão Instaladora da Junta de Freguesia

21/03/1985 a Dezembro de 1985

Presidente Abel Coelho de Sousa de Matos
Vogal Fernando Marques Soares Veloso
Vogal Graça Maria da Costa Braz

Constituição das Juntas de Freguesia

Eleição: 15 de Dezembro de 1985 | 1986 - 1989

Presidente Abel Coelho de Sousa de Matos
Secretário Domingos Veloso Pedrais
Tesoureiro António Dias Marques da Silva

Eleição: 17 de Dezembro e 1989 | 1990 – 1993

Presidente Domingos Veloso Pedrais
Secretário Vitor Veloso Vinagre
Tesoureiro José Santos de Jesus

Eleição: 12 de Dezembro de 1993 | 1994 – 1997

Presidente Abel Coelho de Sousa de Matos
Secretário Vitor Veloso Vinagre
Tesoureiro José Santos de Jesus

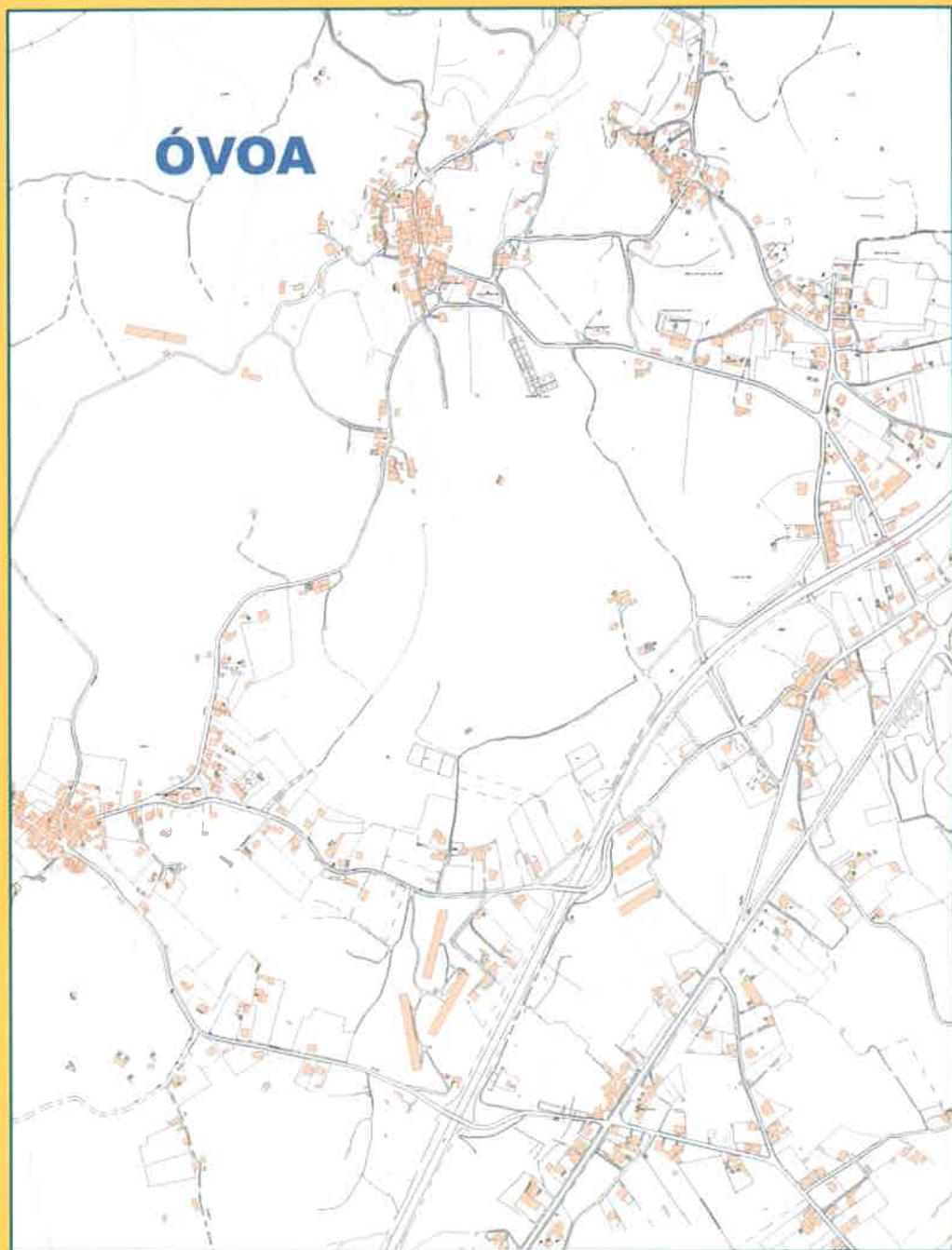
Eleição: 14 de Dezembro de 1997 | 1998 – 2001

Presidente António dos Santos Ribeiro
Secretário Vitor Veloso Vinagre
Tesoureiro Fernando Marques Soares Veloso

Eleição: 16 de Dezembro de 2001 | 2002 – 2005

Presidente António Dias Cruz Brinca Silva
Secretário Anabela Dias Mateus
Tesoureiro António Santos Alves

4.4 - Óvoia





M
M
M
M

Per gracia de ds Rey de
portugall e de algar
ues diquem e dalem mar
em africa Sinoz De :
Gume e da Conquista na
reguaciao Comercio de
Ethiopia Arabia Persy
a e da India Aquantec
Esta nosta carta de fora
ll Didoperasepre aolugã de ouoa

Na margem esquerda do rio Dão, encontra-se, a 3 Km da sede do concelho, a freguesia de Óvoa.

É uma povoação muito antiga e de grande beleza natural e arquitectónica; ainda hoje é notório o seu antigo ambiente fidalgo. Sabemos pelas inquirições de 1258, no tempo de D. Afonso III, que Óvoa, em 1256, já tinha recebido a sua Carta de Foral constituindo, portanto, um concelho que foi o único desta região com juiz de nomeação régia. Mas só metade da vila pertencia à Coroa.

Parte destas terras pertenciam por herança a D. Diogo Soares de Albergaria, senhor da Casa de Santar, que tendo tomado o partido de Castela, aquando da Revolução de 1383 – 85, as perdeu a favor da Coroa. Mais tarde, por carta de 1398, D. João I concedeu-as, como dote, a Fernão Gonçalves de Figueiredo, genro do antigo senhor.

Com base no estipulado na Lei Mental e por carta régia de 1475, estas terras e muitas outras regressaram à Coroa. Foram doadas ao príncipe D. João, futuro rei D. João II que delas fez mercê a D. Luís da Cunha, senhor da Casa dos Cunhas, em Tábua, e da Casa de Santar. Estas terras ficaram na família até à fuga de D. Lopo da Cunha para Espanha, em 1641, aquando da guerra da Restauração. Por este motivo, regressaram novamente à Coroa. Esta família teve grande influência na política do reino. Um dos Soares de Albergaria acompanhou os infantes D. Henrique e D. Fernando a Marrocos e esteve no desastre de Tânger, em 1437. Foi aio do príncipe D. João e a esposa sua madrinha.

Do século XIII, há referências à existência de jugaria e cavalaria sob a alçada do juiz e do mordomo de Óvoa, o que demonstra a sua importância político-militar e económica nesta região. Recebeu Foral Novo, em 16 de Março de 1514, outorgado por D. Manuel (Livro dos Forais Novos da Beira, fl.130, coluna 1). Mas este documento que devia criar as condições político-administrativas para uma maior autonomia das populações, acabava por regulamentar apenas os direitos e deveres dos cidadãos.

O Cadastro da Beira de 1527 aponta para uma população de 145 moradores em todo o termo com uma população de 590 habitantes. Apresentamos os dados de algumas povoações: Óvoa 25; Souto 10; Cagido 21; Oveiro 5; Chichi-maduro 4. Na época, o concelho também era constituído por povoações que se situavam para além do rio Mondego, como Farinha Podre (S. Paio), Parada, Sobral, etc.

Nos meados do século XVIII, era concelho de Viseu e em 1811, era concelho da Beira, com juiz ordinário, comarca, correição, provedoria, diocese de Viseu e donatária a Universidade. Em 1832, era concelho na comarca de Tondela e no ano de 1835, aparecia como concelho no julgado de S. João de Areias, menos as povoações situadas a sul do rio Mondego. O concelho de Óvoa também não resistiu à reforma administrativa dos liberais em 1836. Mas continuou como vila até 1878, ano em que perdeu este estatuto e passou, como freguesia, a fazer parte do actual concelho.

Os tempos, já no século XIX, não estavam a favor do mundo rural, que ia perdendo rapidamente a sua importância política e económica. O início da Revolução Industrial, o desenvolvimento do comércio e dos transportes, a criação de várias profissões ligadas aos serviços, o aumento do funcionalismo público, a par da pacificação política levada a cabo pela Regeneração, levou à debandada de mão-de-obra para o mundo urbano do

litoral, que oferecia cada vez mais e melhores condições de vida que o mundo rural não podia oferecer.

Possui um património cultural e arquitectónico edificado de grande valor. Os vestígios arqueológicos já encontrados, junto à estrada Óvoa – Cagido, são os mais variados: artefactos de cerâmica e de metal do período luso-romano, moedas, medalhas e sepulturas antropomórficas. Ainda não foi possível estabelecer, com rigor, as cronologias deste importante espólio. É de admitir a hipótese, já várias vezes aventada, de que uma cidade romana não descoberta até hoje, mas que se pensa ter existido nesta região, se situasse aqui, numa zona não muito afastada.

O pelourinho, esse símbolo da prerrogativa do poder local administrar a justiça, é uma obra de arte (talvez do século XVII), é património nacional. Construído em pedra de Ançã, assenta em três degraus circulares. De fuste cilíndrico liso e remate em gaiola, é um belo exemplar sem igual nas redondezas.

Construída em 1725, a igreja matriz é um bellissimo edificio, de feição barroca, com uma planta rectangular simples, mas apesar desta sobriedade estrutural, apresenta na decoração dos interiores uma talha dourada de grande valor artístico. Outras construções religiosas são as capelas de Santa Eufêmea, Nossa Senhora da Boa viagem, Santo Amaro, Santo António e Santo Ildefonso. Em frente da Igreja, fica uma casa solarenga que serve de residência paroquial que é um solar do séc. XVIII, com brasão e capela particular. É uma construção talvez anterior à igreja matriz.

Tem vários exemplares da arquitectura civil: casa dos Motas (solar da Laidinha) – com brasão, o que resta da casa de Anta ou solar dos Mesquitas, o edificio onde funcionou o tribunal e a cadeia, hoje instalações da junta de freguesia.

Zé do Telhado, famoso bandoleiro, que embora nascido no concelho de Penafiel em 1816 e morrido em Angola em 1875, parece ter estado preso, aqui, num edificio do século XVIII. Homem capaz de realizar feitos heróicos que lhe valeram a Torre-e-Espada, foi também um chefe de quadrilha de ladrões. Esteve preso na cadeia de relação do Porto, onde conviveu com Camilo Castelo Branco, que se lhe refere com simpatia, em “Memórias do Cácere”.

Não há ainda muitos anos que Óvoa organizava touradas. O “Beira Alta”, de 2 de Outubro de 1910, dava a notícia de uma tourada: “d direcção da corrida esteve a cargo do laureado cavaleiro José Casimiro. (...) com música do Couço”.

A povoação da Foz do Dão, hoje submersa pelas águas da Aguieira, era a última na direcção sul desta freguesia. Do



Pelourinho



Igreja Matriz

lado de lá do rio Mondego fica o Distrito de Coimbra.

Se recuarmos ao séc. XIX, antes da construção do caminho de ferro e da abertura de estradas que cruzam esta região, as viagens de transporte de pessoas e bens, faziam-se também por esta via fluvial. Era o último porto do rio Mondego onde acostavam alguns tipos de barcas. Aqui chegavam as mercadorias que abasteciam a Beira Alta e outras regiões, como o sal, o ferro, as mercearias, o bacalhau, etc. E daqui partiam mercadorias da Beira Alta para Sul como as madeiras, a lã, a batata, entre outros bens.

Desde sempre, para além da agricultura de subsistência, a pesca e outras actividades ligadas ao rio forneceram a grande fatia do orçamento familiar. A lampreia, embora sazonal, foi uma fonte importante de rendimento. Mais tarde, foi a extracção de areia que permitiu ganhar bom dinheiro.

Na década de 30, a ponte veio provocar algumas alterações no modo de vida. A mais notória foi alguma actividade turística que surgiu com a ocupação das praias fluviais.

A população vivia o dia a dia com tranquilidade. Desde 31 de Agosto de 1937, que estas pessoas se habituaram a ouvir falar na construção de uma barragem nas suas terras. Nesta data chegaram os topógrafos que realizaram algum trabalho. Mas como havia duas empresas interessadas na construção, a Eléctrica do Zêzere e a Eléctrica das Beiras, a rivalidade entre elas e pontos de vista diferentes quanto ao local exacto da construção, levou à paragem dos trabalhos por cerca de 40 anos. As pessoas foram esquecendo a barragem...

Mas quando as máquinas chegaram, em 1971, e começaram a abrir as fundações, então acreditaram. Agora era a C.P.E. que passou a E.D.P. E a debandada começou, quer por casamento, quer por trabalho. Até ao fim, aguentaram 33 a 35 agregados familiares. Um deles (mãe, filha e neta) já foi retirado da sua casa, pela varanda do primeiro andar com a ajuda dos bombeiros. A barragem foi fechada em Abril de 1977. Alguns casos de expropriações tiveram que ser resolvidos em tribunal. Os habitantes que viviam em casa arrendada, só receberam 10 mil escudos da empresa para resolverem a sua vida. As indemnizações recebidas pelos terrenos e casas humildes e velhas só dariam para construir também casas velhas, mas como diziam as pessoas nascidas e criadas na Foz do Dão, ninguém constrói casas velhas.



Para além das indemnizações, a empresa comprou um terreno no lugar do Soito, freguesia de Óvoa, para quem quisesse aí construir a sua casa. Os habitantes bem pediram uma casa, mas a empresa nada construiu.

Nem a autarquia nem a junta de freguesia exerceram, na altura, qualquer intervenção na distribuição dos lotes e na construção das infra-estruturas, como também não houve qualquer ajuda de outra natureza por qualquer outra instituição. E esta gente também tinha os seus entes queridos que não deixou debaixo de água. A Foz do Dão tinha dois cemitérios e uma capela belíssima em xisto que não pôde ser transladada. O terreno dos cemitérios foi avaliado e a indemnização foi gasta a aumentar o cemitério de Óvoa para poder comportar os corpos que vinham da Foz do Dão. Os trabalhos de transladação dos corpos decorreram durante alguns dias. Foram momentos de grande emoção e dor. A G.N.R esteve presente durante dois ou três dias, mas tudo decorreu apenas com muito sentimento e sem qualquer alarde.

Mas foi a moderna ponte sobre o Mondego, iniciada em 1933 e inaugurada em 1935, com um tabuleiro de 127 metros de comprimento e 5 metros de faixa de rodagem que, nesta região, veio facilitar decisivamente a passagem entre a Beira Litoral e a Beira Alta e alterar hábitos desta população.

Ao longo do ano, são várias as festas e romarias organizadas pelas populações: S. Martinho, que é o padroeiro, a 11 de Novembro; Santa Eufêmea, no segundo domingo de Setembro; Santo Ovídeo, em Cagido, em Julho; Santo António, em Vale Couço, no dia 29 de Junho e Santo Amaro, em Outeiro, no dia 15 de Janeiro.

Todos os meses, tem uma feira que se realiza na segunda quarta-feira do mês.

Como actividade económica, desenvolve principalmente a agricultura, a construção civil e o comércio.

Como artesanato, desenvolve a olaria e a cerâmica. A chanfana e a lampreia à Foz do Dão são os seus pratos por excelência.

Há várias colectividades que procuram organizar as populações para finalidades culturais e desportivas: Centro Cultural Recreativo e Desportivo de Óvoa, Centro Cultural e Recreativo das Lameiras, Centro Cultural e Social de Cagido (Rancho Folclórico do Centro), Os Barqueiros (Bairro Nova Foz do Dão), Centro Cultural Recreativo e Desportivo de Oveiro, Associação Rancho Folclórico e Etnográfico de Cagido e Associação Cultural Desportiva e Recreativa do Chamadouro. Além destas associações são vários os equipamentos que servem as populações: posto de saúde, escola primária, infantário, espaço desportivo e parque industrial das Lameiras.

Fazem parte, ainda, desta freguesia as povoações de Casal das Lameiras, Cagido, Chamadouro, Oveiro, Santa Eufémia, Soito, Vale Couço e Venda do Sebo.

Constituição das Comissões Administrativas das Juntas de Freguesia

Abril de 1975 a Dezembro de 1976

Presidente José Antunes
Vogal Amadeu Espírito Santo Marques
Vogal Joaquim Ferreira Dias

Constituição das Juntas de Freguesia

Eleição: 12 de Dezembro de 1976 | 1977 – 1979

Presidente António Fernandes
Secretário José Luís Ferreira
Tesoureiro Augusto Ferreira

Eleição: 16 de Dezembro de 1979 | 1980 – 1982

Presidente Francisco Rodrigues Neves de Andrade
Secretário José Luís Ferreira
Tesoureiro Maria Fernanda Carvalho Meda da Silva

Eleição: 12 de Dezembro de 1982 | 1983 – 1985

Presidente Francisco Rodrigues Neves de Andrade
Secretário José Luís Ferreira
Tesoureiro Joaquim Dias Ferreira de Melo

Eleição: 15 de Dezembro de 1985 | 1986 – 1989

Presidente António Neves de Andrade
Secretário José Luís Ferreira
Tesoureiro António de Oliveira Santos

Eleição: 17 de Dezembro de 1989 | 1990 – 1993

Presidente António Neves de Andrade
Secretário Francisco R. Neves de Andrade
Tesoureiro Maria Ludovina S. S. Rodrigues

Eleição: 12 de Dezembro de 1993 | 1994 – 1997

Presidente José de Oliveira Santos
Secretário José Luís Ferreira
Tesoureiro Joaquim Ferreira Dias

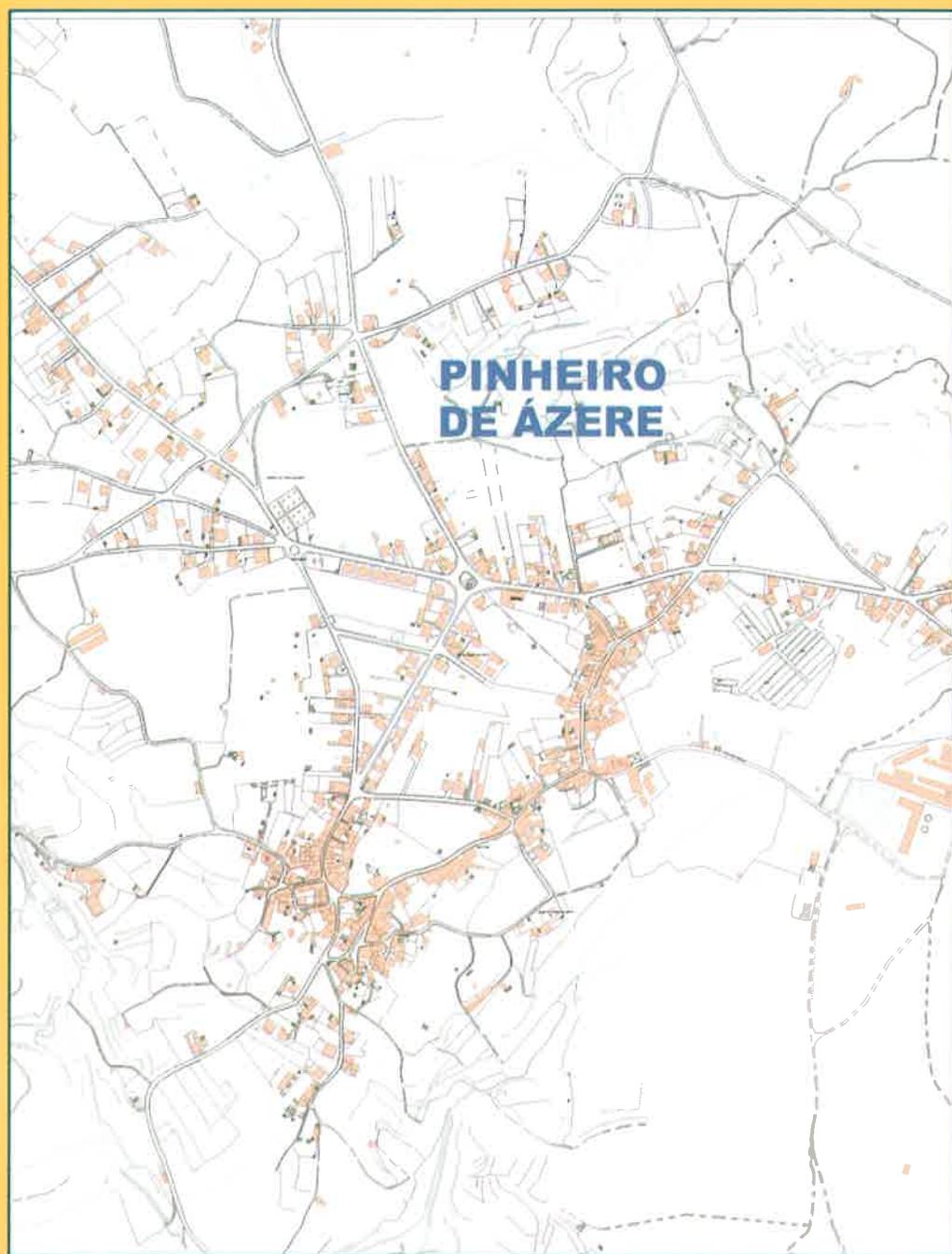
Eleição: 14 de Dezembro de 1997 | 1998 – 2001

Presidente Maria Ludovina S. S. Rodrigues
Secretário Leonel Lopes
Tesoureiro António Marques dos Santos

Eleição: 16 de Dezembro de 2001 | 2002 – 2005

Presidente Maria Ludovina S. S. Rodrigues
Secretário Leonel Lopes, substituído por
Luís A. de Jesus C. . de Figueiredo
Tesoureiro António Marques dos Santos

4.5 - Pinheiro de Ázere



Terá sido um pinheiro de grande porte a influenciar o nome desta povoação, localizada na margem direita do Mondego. Diz-se que esta árvore caiu em 1700, por ocasião de uma grande tempestade. Inicialmente, o nome da terra seria o de Santa Maria do Pinheiro, porque a referida árvore estaria junto da ermida dedicada a Nossa Senhora. Mais tarde passou a chamar-se Pinheiro de Ázere. O cronista e jurisconsulto Duarte Nunes de Leão chamou-lhe Azarêdo; o escritor, etnógrafo e arqueólogo Leite de Vasconcelos chamou-lhe Azére e no mapa de Folque está Asere (que em latim pode querer dizer trave ou viga: como o rio Mondego fica perto, pode estar relacionado com um possível pontão).

Pinho Leal diz que alguns autores derivavam Ázere do árabe “Azize”, que se pronuncia Ázere e significa “estimada”. Mas o mesmo autor também refere que perto de Tânger existe uma aldeia com este nome, o que poderia levar a pensar em azar. Este último significado também pode estar relacionado com um acontecimento histórico que ocorreu no século XIV. D. João Afonso, senhor da Lousã e Arouca, desafiou o irmão, D. Pedro Afonso, conde de Barcelos, para um combate. Estes senhores feudais eram filhos de D. Dinis e D. Grácia, portanto, filhos bastardos. A esposa legítima do rei era a rainha Santa Isabel. Pinheiro de Ázere foi precisamente o local marcado para o combate. O encontro entre os dois pequenos exércitos partidários não chegou a dar-se, porque D. João, aconselhado pelo seu meio-irmão (o príncipe D. Afonso, filho legítimo e futuro rei), retirou-se com os seus homens.

Estas guerras entre senhores feudais nobres, na posse de áreas extensas de terras que administravam fora do controlo do rei, foram frequentes na nossa primeira dinastia. Rodeados por dezenas de homens que dependiam economicamente deles e, portanto, seus partidários, tal permitia-lhes a constituição de pequenos exércitos com os quais alimentavam o desejo do aumento de poder quer económico quer político. Estes combates, quando se davam entre reis e filhos legítimos ou ilegítimos, originavam verdadeiras guerras civis que custavam muitas vidas e a imposição de impostos sobre os mais pobres. O rosário de desgraças ficava completo com as guerras internacionais e as pestes.

As inquirições de 1258, no tempo de D. Afonso III, referem que Pinheiro de Ázere estava dividido em quatro partes, pertencendo uma delas a Santa Cruz de Coimbra e as restantes à ordem dos Templários. Informam também que os seus homens faziam parte da hoste do rei. Quando a referida Ordem foi extinta, passou a pertencer à Ordem de Cristo. Teve o privilégio de ser cabeça de comenda com este nome. Aqui, vivia o comendador e daqui administrava os seus bens.

A povoação foi crescendo junto da igreja paroquial em honra de S. Miguel Arcanjo, o seu orago.



Largo do Coreto

Em 13 de Junho de 1514, D. Manuel concedeu-lhe Carta de Foral. Com a outorga deste documento, foram actualizados e regulamentados os direitos e os deveres das populações para com o rei. Chegou a ter, entre outros, dois tabeliães, escrivão da câmara, inquiridor, escrivão das sisas, juiz ordinário e dos órfãos, vereador e almotacel. O Cadastro da Beira de 1527 diz que viviam no concelho 46 moradores, cerca de 190 habitantes. Citamos como exemplo: Pinheiro com 29 moradores, Pinheirinho com 3, “Lanugeas” 6.

Também a reforma de 1836 acabou com o concelho, que passou a fazer parte como freguesia, do concelho de S. João de Areias, até 1895 e após esta data, do actual.

Teve duas minas, uma de volfrâmio e outra de estanho, com os nomes de Vale Digão e Pinheiro de Ázere.

É uma povoação airosa, com paisagens de grande beleza, como a Senhora da Ribeira, local que oferece grandes possibilidades de lazer aos que a procuram, onde o elemento água é fundamental. Hoje oferece, além da paisagem natural, a água, a floresta, a possibilidade de fazer praia, de praticar desportos náuticos, possuindo ainda infra-estruturas ligadas à restauração e à religiosidade.

Já no século XVIII, alguns bispos de Viseu descobriram as belezas desta zona e aqui começaram a passar férias. A capela da Senhora da Ribeira ou do Pranto, em estilo Neo-Clássico, embora do séc. XVIII, foi trasladada (no séc. XX), aquando da construção da Barragem da Aguieira, sendo considerada um dos mais célebres santuários da região. A imagem da santa teria sido encontrada por caçadores, no local onde antes se encontrava a capela. A importância crescente do santuário, devido à fama dos milagres, levou o bispo de Viseu, D. Jerónimo Soares, a mandar construir habitações para albergar os romeiros. Também fundaram a Confraria da Senhora do Pranto, constituída por irmãos de várias terras dos arredores.

A Senhora da Ribeira era uma povoação que fazia parte da freguesia de Pinheiro D’Ázere. As águas da albufeira da Aguieira tragaram-na. Povoação com cerca de 25 fogos, situada à volta de uma capela em honra de Nossa Senhora do Pranto.

Aos habitantes não agradaram as ideias de abandono e de expropriação dos seus bens. Alguns, logo que verificaram que a construção da barragem ia por diante, deram um novo rumo às suas vidas mudando-se para diferentes lugares, geralmente para povoações das redondezas. Outros foram ficando, até a água lhes chegar à soleira da porta. Com indemnizações baixas no bolso, tiveram de deixar casas e terrenos férteis que lhes permitiam tirar da actividade agrícola a base do sustento que a criação de gado complementava satisfatoriamente. Cada família teve que encontrar por si



Pelourinho



Igreja Matriz

própria um novo local para criar novas raízes. A capela foi desmontada e reconstruída em local próximo.

Pinheiro de Ázere tem um património cultural e arquitectónico importante. O pelourinho é do século XVI ou XVII e está situado junto ao edifício que talvez tenha sido a antiga câmara. Não tem data ou qualquer outra inscrição. Construído em granito, assenta em quatro degraus octogonais, o fuste é cilíndrico liso e o remate cónico liso. É classificado como pelourinho de “pinha” cónica, sendo património nacional.

Existem escavações em pedra, as quais têm sido alvo de vários estudos. O professor José Luis T. A. dos Santos, na altura aluno do curso de Ciências Geológicas da Universidade do Porto, designou estas escavações por lagaretas. São todas escavadas no granito da região e geralmente aparecem no cimo de elevações, a uma distância entre si, de aproximadamente 300 metros.

A tradição oral refere-as como obras de mouros ou de romanos, sepulturas ou lagares. Não havendo uma certeza quanto à sua origem e finalidades, porque não estão acompanhadas por outro espólio que permita a sua contextualização, podemos, isso sim, afirmar que elas foram utilizadas como pequenos lagares, até à Idade Média.

Outro património edificado: igreja Matriz; capela da Senhora das Necessidades; de S. Sebastião; da Senhora da Conceição; da Senhora da Ribeira e os solares dos Corte Real – com brasão, morgados do Rojão Pequeno e o solar do Redondo.

Aqui nasceu uma figura ilustre, o Padre Manuel de Gouveia, que ingressou na companhia jesuíta em Coimbra, em 1595, tendo traduzido do italiano a obra “Vida de S. Francisco de Xavier”. Também o professor António de Oliveira e Costa, homem de personalidade dinâmica, embora não tendo aqui nascido, contribuiu para a educação e desenvolvimento desta terra, ao longo de 44 anos. Foi dado o seu nome ao Centro Social de Bem-Estar.

Oferece, ao longo do ano, várias festas e romarias: S. Miguel; festa da Filarmónica (no terceiro domingo de Agosto, com três dias de duração) e Senhora da Ribeira no terceiro domingo de Setembro.

A população orgulha-se da colectividade “Sociedade Filarmónica Lealdade Pinheirense”. Esta filarmónica surgiu pelo empenho e tenacidade do grupo de mordomos das festas de 1902, que não tendo conseguido arranjar uma filarmónica para as festas desse ano, apesar dos esforços despendidos na procura pelas redondezas, se viram desanimados e sem razões justificativas que fossem aceites pelo povo. A censura foi grande e o brio dos três mordomos foi abalado. Por uma questão de orgulho e bairrismo, decidiram tudo fazer para organizar uma filarmónica. E a iniciativa agradou a toda a população que só com a sua ajuda poderia ter possibilidades de avançar. A José Ramos, José Castanheira e José Correia, juntaram-se o padre António de Oliveira e o professor António Costa, que logo em 1903 conseguiram não só um regente, que começou com os ensinamentos para formar os primeiros músicos, como também os instrumentos indispensáveis. Ainda sem fardamento, já a filarmónica tocava e encantava no acompanhamento da Cruz da freguesia à festa de Santa Cruz do Vimieiro, em 1904. Foi um dia grande para o orgulho e brio dos Pinhei-

renses, quando surgiu com o seu primeiro fardamento, em 1905, na festa da Senhora da Ribeira. Na década de trinta foi construída uma nova sede e sofreu uma grande evolução na componente artística.

Outros equipamentos que apoiam as populações: posto de saúde, apoio domiciliário a idosos, infantário, escola primária e espaço desportivo. Para além das colectividades referenciadas, existe também a Associação Cultural, Desportiva e Recreativa Pinheirense.

Desenvolve actividades económicas ligadas à agricultura e pecuária, ao nível do sector primário. Quanto ao secundário, desenvolve actividades relacionadas com a construção civil; transformação de madeiras; serração de granitos; fabrico de louça sanitária e portas de segurança. É servida também pelo parque industrial das Lameiras. No artesanato, desenvolve a tapeçaria. A gastronomia tem na chanfana de cabra o seu prato mais típico.

Fazem parte desta freguesia, as povoações de Mosqueiro, Pinheirinho, Quinta da Sapata, Quinta do Rio, Rojão Pequeno, São Sebastião e Senhora da Ribeira.



Senhora da Ribeira

Constituição das Comissões Administrativas das Juntas de Freguesia

Abril de 1975 a Dezembro de 1976

Presidente José Alves da Silva Baião
Vogal Joaquim de Oliveira Campos
Vogal José Antunes Henrique Redondo

Eleição: 14 de Dezembro de 1997 | 1998 – 2001

Presidente Augusto de Oliveira Santos
Secretário Fernando M. Dias de Almeida e Costa
Tesoureiro Salustiano Canuto Filipe

Constituição das Juntas de Freguesia

Eleição: 12 de Dezembro de 1976 | 1977 – 1979

Presidente Fernando Antunes Ventura
Secretário Arlindo Andrade Ferreira
Tesoureiro António Costa dos Santos

Eleição: 16 de Dezembro de 2001 | 2002 – 2005

Presidente Augusto de Oliveira Santos
Secretário Fernando M. Dias de Almeida e Costa
Tesoureiro Salustiano Canuto Filipe

Eleição: 16 de Dezembro de 1979 | 1980 – 1982

Presidente José Alves da Silva Baião
Secretário António Gomes Baião Ferreira
Tesoureiro António Henriques Borges

Eleição: 12 de Dezembro de 1982 | 1983 – 1985

Presidente José Antunes Henriques Redondo
Secretário António Gomes Baião Ferreira
Tesoureiro José Alves da Silva Baião

Eleição: 15 de Dezembro de 1985 | 1986 – 1989

Presidente Joaquim Borges Castanheira
Secretário José Martins Dias Pinto
Tesoureiro Augusto de Oliveira Santos

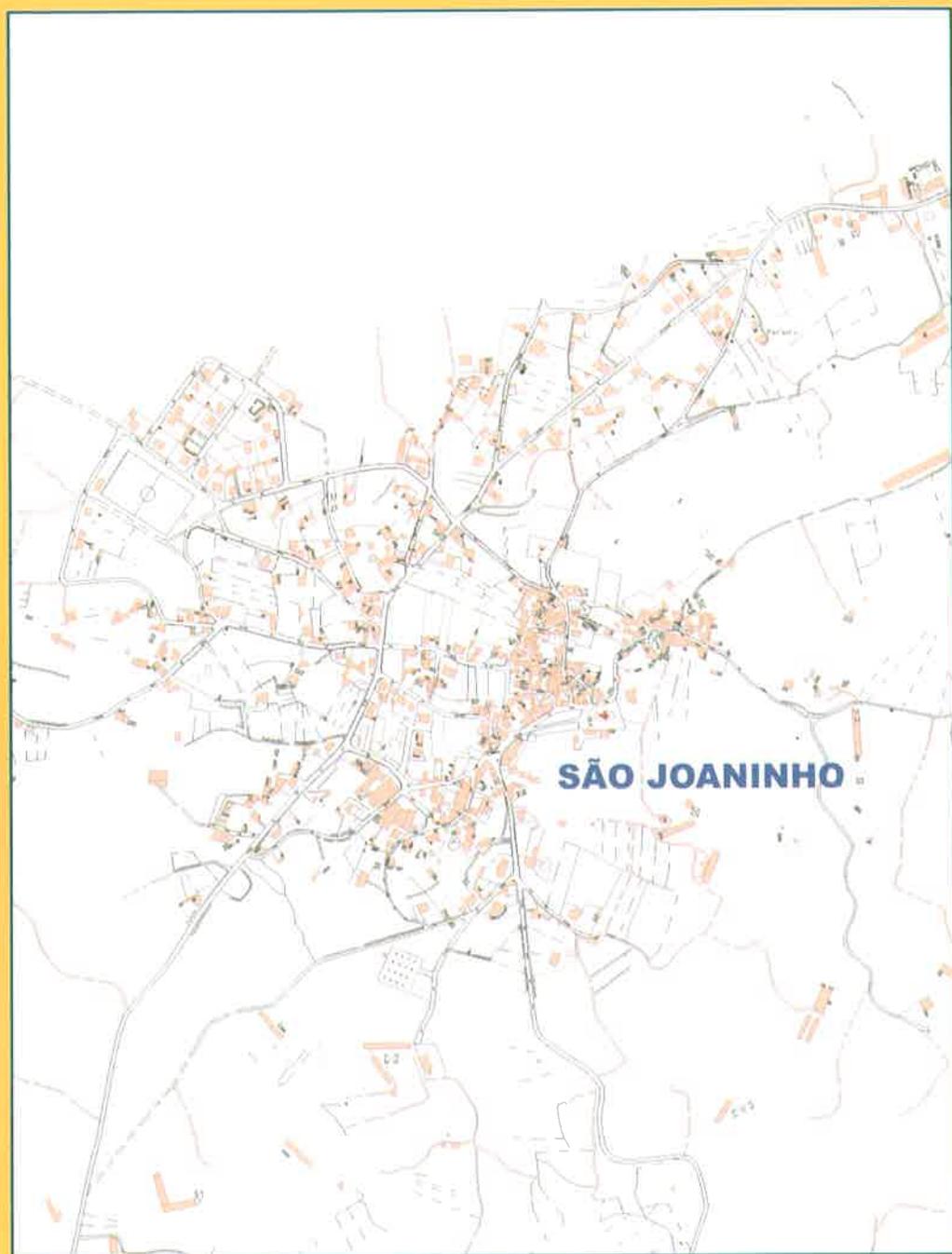
Eleição: 17 de Dezembro de 1989 | 1990 – 1993

Presidente Joaquim Borges Castanheira
Secretário Fernando M. Dias de Almeida e Costa
Tesoureiro Augusto de Oliveira Santos

Eleição: 12 de Dezembro de 1993 | 1994 – 1997

Presidente Augusto de Oliveira Santos
Secretário Fernando M. Dias de Almeida e Costa
Tesoureiro Salustiano Canuto Filipe

4.6 – São Joaquinho





Largo da autarquia

Terra antiquíssima, com referências em documentos do período Visigótico, publicados nos *Portugaliae Monumenta Historica, Diplomata et Chartae*. São duas cartas de doação do século X.

Uma de 974, assinada pelo senhor desta região Oveco Garcia:

“Eu, servo de Deus, Oveco Garciani, no pleno uso das minhas faculdades, (...) ofereço (ao Mosteiro do Lorvão), para bem da minha alma e dos meus defuntos, em primeiro lugar a vila de Santa Columba com seus vilares (...) o limite da referida vila e seus vilares passa pela arca (anta ou sepultura) que está perto do fontão (ribeiro) entre S. João e vai pela que divide com o termo de Treixedo onde passa a via antiga (estrada romana) (...).”

Outra de 985, assinada pelo poderoso senhor Múncio Gonçalves:

“Eu, Múncio Gonçalves (...) dou e ofereço (ao Mosteiro do Lorvão), metade da minha vila que chamam de Santa Columba (...) e confronta com a vila de Alvarim (...) até ao Criz, com o Mosteiro de S. Jorge e do outro lado com S. João, e por aquele fontão vai pelos montes e confronta com a vila de Treixedo (...).”

Podemos sem dúvida falar de uma presença cristã nesta área geográfica, antes do séc. X, já que são referidas doações de bens com fins espirituais e lugares de culto com edificações para a permanência de Monges, que cultivavam e ensinavam a cultivar a terra. A imagem inicial do padroeiro S. João Baptista seria bastante pequena, pelo que, o povo começou a chamá-lo S. Joaninho, nome que perdurou. Como podemos constatar, os referidos documentos falam de S. João e outros lugares, quando fazem a descrição dos limites da “villa de Santa Comba”.

Esta freguesia, situada a norte do concelho, pertenceu ao Couto de Mões da família de Egas Moniz e mais



Jardim e Igreja Matriz, Capela de S. Sebastião - Vila Pouca

tarde, durante a baixa Idade Média, ao bispado de Coimbra, como nos mostram documentos de 1320.

Fez parte do concelho do Couto do Mosteiro até à sua extinção, em 1836, e da comarca de Tondela. Depois, foi integrada no concelho e comarca actuais. Em 1881, passou da diocese de Coimbra, para a diocese de Viseu.

O património cultural e arquitectónico mostra-se pelas várias povoações. Existem lagaretas do período luso-romano, pequenos lagares com uso ainda nos séculos XII e XIII. Como património edificado tem a igreja Matriz do séc. XVI ou XVII, mas a fachada apresenta um estilo neoclássico; a capela de Nossa Senhora de Lurdes; os solares do Oitão e dos Picanços (Vila Pouca) – com brasão; a capela de S. Sebastião e cruzeiro, em Vila Pouca, e a capela de S. Estevão, em Casal Bom. Durante o ano, realizam-se várias festas e romarias: S. João em 24 de Junho, S. Lourenço em Agosto, S. Sebastião a 20 de Janeiro e Santo Estevão em 26 de Dezembro.

O Lugar de S. Jorge, junto ao rio Criz, tem valor de interesse turístico, cinegético e piscatório.

Apresenta três colectividades: Clube Recreativo de S. Joãozinho, fundado em 1 de Maio de 1972: desenvolve diversas actividades culturais e desportivas, sendo de salientar o Grupo de Música Popular “Os Unidos”, Grupo Cénico e o Centro Social de Vila Pouca, fundado em 1986.

A população tem ao seu dispor vários equipamentos: infantário, escola primária, posto de saúde, apoio a idosos (projecto para a construção do Lar de Idosos), farmácia e espaços desportivos com um polidesportivo coberto. Quanto à gastronomia, gosta de oferecer a chanfana de borrego e leitão assado. Desenvolve-se a agricultura, a avicultura, a silvicultura, a transformação de madeira, a construção civil e o comércio. Como actividade artesanal, a tanoaria de carvalho e castanho.

Fazem parte desta freguesia vários lugares: Vila Pouca, Casal Bom, Pedraires, Abeleira, Cruzinha, Lapa, Real, Relvas e São Jorge.



Polidesportivo

Constituição das Comissões Administrativas das Juntas de Freguesia

Abril de 1975 a Dezembro de 1976

Presidente Manuel Augusto Cordeiro Costa
Vogal João da Silva da Costa

Constituição das Juntas de Freguesia

Eleição: 12 de Dezembro de 1976 | 1977 – 1979

Presidente José Marques Duarte da Cruz
Secretário Carlos José de Almeida Antunes
Tesoureiro Manuel Mota Leão

Eleição: 16 de Dezembro de 1979 | 1980 – 1982

Presidente Manuel Festas
Secretário Armando Neves Rocha
Tesoureiro António Marques Sousa Viegas

Eleição: 12 de Dezembro de 1882 | 1983 - 1985

Presidente Manuel Festas
Secretário Armando Neves Rocha
Tesoureiro António Marques Sousa Viegas

Eleição: 15 de Dezembro de 1985 | 1986 – 1989

Presidente Manuel Festas
Secretário Armando Neves Rocha
Tesoureiro José Varela Brito Leão, substituído por Jacinto José André de Leão

Eleição: 17 de Dezembro de 1989 | 1990 – 1993

Presidente José Marques Duarte da Cruz
Secretário José Francisco Marques Pais
Tesoureiro Manuel Gomes Lobo

Eleição: 12 de Dezembro de 1993 | 1994 – 1997

Presidente José Marques Duarte da Cruz
Secretário José Francisco Marques Pais
Tesoureiro Esmeralda Maria Botto Rocha Antas

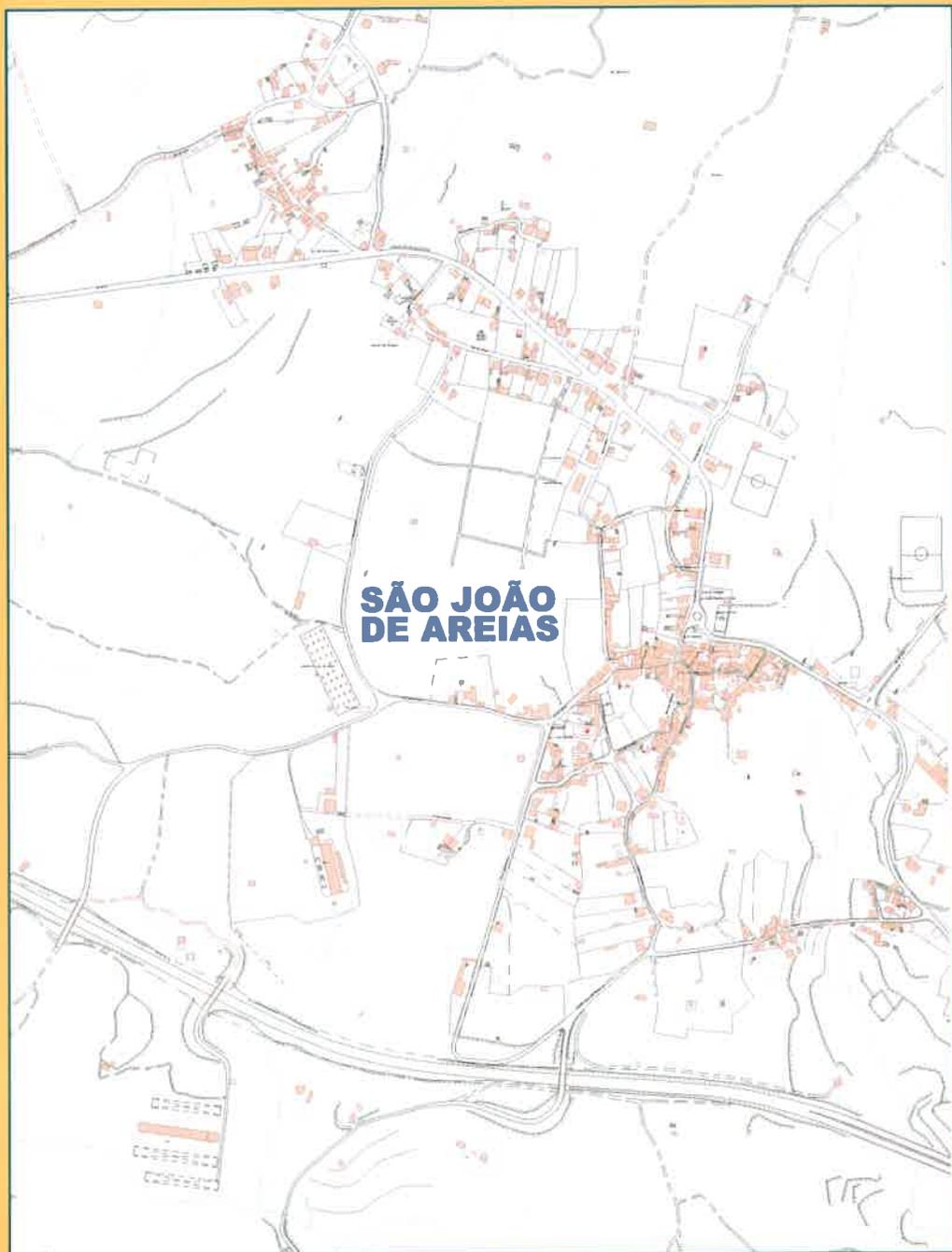
Eleição: 14 de Dezembro de 1997 | 1998 – 2001

Presidente José Marques Duarte da Cruz
Secretário Valdemar Pereira Alves Pais
Tesoureiro Esmeralda Maria Botto Machado Antas

Eleição: 16 de Dezembro de 2001 | 2002 – 2005

Presidente José Marques Duarte da Cruz
Secretário Sónia Deolinda Santos Marques
Tesoureiro Valdemar Pereira Alves Pais

4.7 – São João de Areias





om
ad
nu
ell.

Her graci de de Rey de por
tugall 7 doc allguarnee
Daquem 7 dallem mar en
africua 7 nor de Guine 7
Da conquista Nuevas
cio 7 Comercio de etiopi
a Arabia Persia 7 da
India 7 quantos esta
nolli carta de foralidade
Seu sempre dellos de

Antiga vila de Santa Johanne de Teliade (Dip. et Ch., n.º 130) é hoje novamente uma vila que se orgulha do seu passado. Situada entre os rios Dão e Mondego, a investigação arqueológica demonstra que a povoação se veio a desenvolver em locais, onde foram encontrados vestígios de fixação de grupos humanos, em tempos muito recuados. O seu nome poderá estar ligado a S. João Baptista, que é o seu orago. É a tradição oral que nos diz que a imagem deste santo terá sido encontrada nas areias das margens do rio Mondego.

Mas, o que se pode afirmar, com base em documentos de 981, é que este povoado pertencia aos condes Gonçalo Moniz e sua mulher D. Mumadona, que o doaram ao mosteiro do Lorvão:

“(...) Damos, do lado direito, pelos limites que a dividem de Paradela, pela lomba até ao rio Dão e para lá do mesmo rio a vila de Papizinos; e outra vila de Olivária de Currelos com o seu mosteiro e seus direitos; e a vila de Silvares com seus termos antigos; e a vila de S. Johanne de Teliade; e a vila de Ragolfe (...)”

A região tinha vários pequenos povoados, que estavam organizados à volta de pequenas ermidas, mas, no século XIII, o lugar de S. João de Areias já tinha ganho alguma preponderância, porque nos apareceu como paróquia e freguesia e com um juiz local. D. Afonso Henriques, com a sua política de favorecimento aos bispos de Coimbra, em 1136, coutou estas terras a seu favor, embora pertencessem ao bispado de Viseu. Mas, no séc. XIII, já como freguesia e paróquia, os inquiridores de 1258 relatavam:

“Fomos a S. João de Areias e, tendo interrogado o juiz local e o prelado e muitos outros cada qual por si, foi-nos dito que S. João de Areias, Vila Dianteira, S. Miguel, Cernada e metade de Parada, são do bispado de Viseu, tendo-o da parte dos reis, e a outra metade de Parada foi de Mem Sanches e é toda couto”

É curioso referir que Silvares pertencia ao mosteiro de Arganil, embora estivesse dentro dos limites territoriais da jurisdição do couto de S. João de Areias. Portanto, o rei não recebia impostos destes lugares. Esta situação terminou quando a povoação, em 10 de Abril de 1514, recebeu Carta de Foral por D. Manuel (Livro dos Forais Novos da Beira, fl. 103 v. coluna 2), organizando-se assim num concelho, uma nova realidade político-administrativa que actualizava direitos e deveres. Fazia parte deste concelho a povoação de Parada, que hoje pertence a Carregal do Sal.

Pelo Cadastro da Beira de 1527, sabemos que a vila tinha 54 moradores e 190 no seu termo. Alguns exemplos: Vila Dianteira 19; S. Miguel 30; Póvoa dos Mosqueiros 4; Castelejo 33; Parada 36. Em 1826, era ainda concelho da Beira, com duas freguesias, 710

fogos e 1926 habitantes, divisão eleitoral de Arganil e comarca de Viseu. Em 1835, era concelho e sede de julgado na Beira Alta. Em 1842, já aparecia com 4 freguesias: S. João de Areias, Silvares, Parada e Pinheiro d' Ázere. Perdeu a sua autonomia quando foi extinto pelo decreto de 7 de Setembro de 1895, publicado no Diário de Governo n.º 207, e como freguesia, passou a fazer parte do actual concelho. Foi seu último presidente da Câmara José António Lemos Trigueiros.

Várias foram as personalidades que nasceram nestas terras e que tiveram grande importância social, política e económica, quer ao nível local quer nacional: família dos Serpas e dos Silva Carvalho.

Tem um vasto património cultural e arquitectónico. Ainda não foi possível, apesar dos estudos de alguns historiadores, estabelecer a cronologia de algumas sepulturas antropomórficas encontradas na zona. Também não existem certezas quanto à existência da via romana. O pelourinho é em granito e assenta em quatro degraus octogonais. O fuste é cilíndrico torço e o remate cónico espiralado. No corochéu tem quatro bolas e botão e na grimpá, haste e galo de catavento. É classificado de “pinha” cónica, com origem no século XVI. A Igreja Matriz, da segunda metade do século XVIII, é um belo exemplar da arquitectura do barroco, com duas torres sineiras e com uma belíssima talha dourada. Outro património edificado é o pelourinho da igreja; as capelas de Santo Cristo, São Sebastião e São Pedro, de São Miguel, de São João Evangelista, São Silvestre, Nossa Senhora da Graça e Santo António. Sobre o património religioso desta freguesia, foi publicado recentemente, em Novembro de 2002, o trabalho – Igreja Matriz e Capelas da Freguesia de São João de Areias – por um filho da terra, o Dr. António Nunes da Costa Neves. É uma obra única pela temática e pela seriedade científica, que representa um esforço de investigação notável e que se apresenta como estudo indispensável não só para os que desejam conhecer o rico património destas terras mas também para os estudiosos destas matérias. Apresenta também um conjunto de casas fidalgas, imponentes e elegantes, onde a pedra, a cal e as escadas exteriores se organizam de forma a ostentar um forte decorativismo e harmonia. Alguns exemplares: solares da Casa das Armas Reais, com brasão, das famílias Galvão Lucas e Silva Carvalho, em S. João de Areias; Serpa Pimentel, na Guarita; Antunes na Póvoa dos Mosqueiros e solar da Fundação da Cruz Moreira Pinto, na Vila Dianteira.

São vários os locais de interesse turístico como a Quinta do Rio e a albufeira. Oferece uma Casa de Turismo de Habitação - Casa das Armas Reais, um Hotel - o Hotel Santo Cristo, em São João de Areias e o Solar da Quinta, na Póvoa dos Mosqueiros.

São citadas duas figuras típicas ao nível desta freguesia: a mendiga Josefina, natural de Treixedo com uma personalidade rude e austera, transmitindo naturalmente alguma antipatia. Reagia violentamente à “chacota”, provocada pela sua tendência fortemente usurária. Segundo parece, terá deixado uma grande quantia em dinheiro aquando da sua morte. A outra figura típi-



Pelourinho



Igreja Matriz e Cruzeiro,



Casa das Armas Reais (com brasão)



Pólo Industrial

ca mencionada é João Brandão, que dizem roubava aos ricos para dar aos menos favorecidos (atitude semelhante à do Zé do Telhado). A sua acção era predominante em Tábua, embora também as suas aventuras se tenham desenrolado em Santa Comba Dão, o que segundo parece, ter-lhe-á custado a prisão nesta vila.

Realiza uma feira mensal no segundo domingo do mês, e ao longo do ano, são várias as festas e romarias: S. João em 24 de Junho, Senhora da Graça a 19 de Dezembro, S. João Evangelista e Nossa Senhora da Conceição em 8 de Dezembro e S. Miguel.

As bonecas de pano, cestaria e tapeçaria fazem parte do seu artesanato. Além desta actividade económica, desenvolvem-se: no sector primário a agricultura; no secundário a transformação, importação e exportação de madeiras; fabrico de confecções, móveis e cerâmica; construção civil e comércio; no sector terciário, restauração e turismo de habitação.

No domínio gastronómico, é rica na chanfana e no cabrito assado no forno.

As populações, demonstrando grande interesse pelos valores culturais, solidariedade, amor à sua terra e ao desporto, organizam-se em várias colectividades: Filarmónica Fraternidade de S. João de Areias, Grupo Desportivo de S. João de Areias, União Desportiva da Cancela, Centro Cultural e Recreativo da Póvoa dos Mosqueiros, Associação dos Amigos de S. João de Areias, Centro Social e Paroquial (Grupo de Cantares de S. João de Areias), Rancho Folclórico da Póvoa dos Mosqueiros - "Lavadeiras do Mondego" e Associação Sociocultural S. João Evangelista (Tuna Juvenil: "Os Alegres de Castelejo"). A Sociedade Filarmónica Fraternidade, desde a sua fundação, em 1875, esteve sempre em actividade, o que representa um trabalho colectivo que deve ser reconhecido. Ao longo da sua história, as dificuldades a ultrapassar com instalações, apetrechamento instrumental e direcção artística foram grandes, mas o bairrismo de muitos tem conseguido vencer cada desafio. A sua preocupação foi sempre o profissionalismo e as suas actuações em diferentes locais deste país e do estrangeiro, quer na Feira Popular de Lisboa ou na Feira de S. Mateus em Viseu, quer em França ou nos Estados Unidos da

América, momentos bem demonstrativos do seu valor artístico. Esta colectividade criou uma orquestra ligeira da qual fazem parte os elementos mais jovens da banda. Também tem sido sua preocupação ajudar todos os que desejam seguir o Conservatório. A sua grande aspiração, legítima e de grande importância para as populações, é a de conseguir instalações condignas para a realização de vários eventos como festas e convívios. Deste modo, ficaria a sede actual dedicada apenas à escola de música, ao grupo de teatro, aos ensaios e à biblioteca.

São vários os equipamentos que estão ao serviço das populações: escolas primárias, infantário, posto de saúde, farmácia, centro de dia, apoio domiciliário a idosos (tem projecto aprovado para um Lar), CTT, alojamento hoteleiro, restaurantes e parque industrial da Guarita.

Fazem parte desta freguesia vários lugares: Campolinho, Cancela, Casas Novas, Castelejo, Cernada, Fonte do Ouro, Guarita, Outeiro, Póvoa dos Mosqueiros, Quinta da Regada, São Miguel, Silvares, Vale Pinheiro e Vila Dianteira.

Constituição das Comissões Administrativas das Juntas de Freguesia

Abril de 1875 a Dezembro de 1976

Secretário Artur Ferreira Jorge
Vogal Jorge da Moita e Costa
Vogal Bernardino Correia dos Santos

Constituição das Juntas de Freguesia

Eleição: 12 de Dezembro de 1976 | 1977 – 1979

Presidente Artur Ferreira Jorge
Secretário Jorge da Moita e Costa
Tesoureiro Bernardino Correia dos Santos

Eleição: 16 de Dezembro de 1979 | 1980 – 1982

Presidente António Rodrigues Miranda
Secretário Alexandre Antunes Pereira Dias
Tesoureiro António Manuel Correia Batista

Eleição: 12 de Dezembro de 1982 | 1983 – 1985

Presidente António Rodrigues Miranda
Secretário Alexandre Antunes Pereira Dias
Tesoureiro António Manuel Correia Batista

Eleição: 15 de Dezembro de 1985 | 1986 – 1989

Presidente Alexandre Antunes Pereira Dias,
substituído em 6/10/1986 por
Joaquim Pereira Rodrigues
Secretário Joaquim Pereira Rodrigues,
substituído por
Alcino Ferreira da Silva
Tesoureiro Nelson Abrantes Borges

Eleição: 17 de Dezembro de 1989 | 1990 – 1993

Presidente Joaquim Pereira Rodrigues
Secretário António Vieira Pinto
Tesoureiro José Alves Ferraz

Eleição: 12 de Dezembro de 1993 | 1994 – 1997

Presidente Jorge da Moita e Costa
Secretário Joaquim Pereira Rodrigues
Tesoureiro António da Silva Garcia

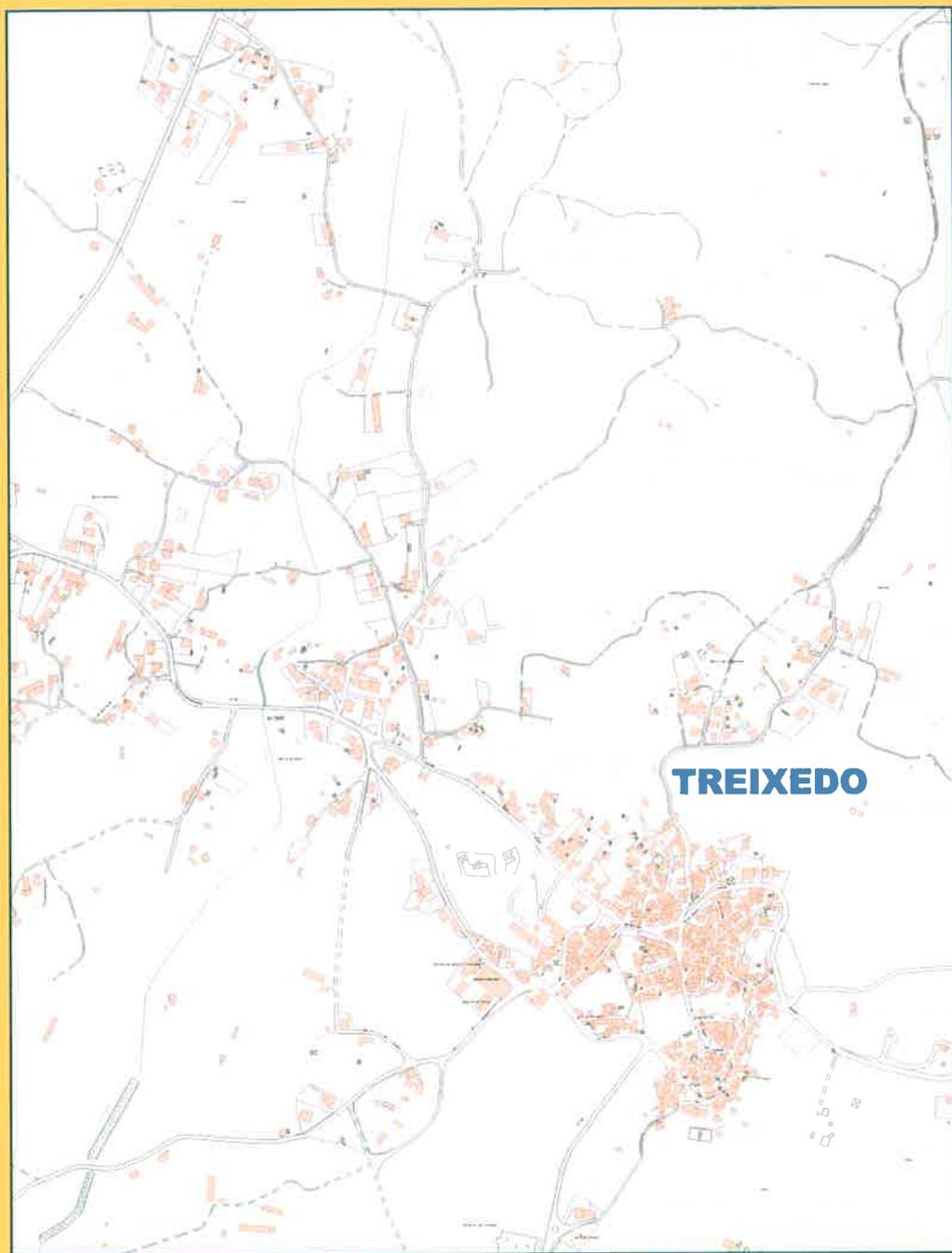
Eleição: 14 de Dezembro de 1997 | 1998 – 2001

Presidente Jorge da Moita e Costa
Secretário António Ferreira Correia
Tesoureiro Joaquim Augusto dos Santos

Eleição: 16 de Dezembro de 2001 | 2002 – 2005

Presidente António Augusto Lourenço Antunes
Secretário Isabel Maria Dias da Silva Costa
Tesoureiro Armando Pinto

4.8 – Treixedo



Carta de foral concedida por el-rei D. Manuel I a Treixedo, em 16 de Março de 1514.

Documento Desaparecido.

Na margem direita do rio Dão, encontramos este povoado com origem pré-histórica, como demonstra a arqueologia. Também documentos escritos lhe conferem uma grande antiguidade como povoação. Um de 974 refere Treixedo como local onde se encontra o senhor Oveco Garcia e daí doa ao mosteiro do Lorvão a sua “villa” de Santa Comba Dão:

“Eu, servo de Deus, Oveco Garciani, no pleno uso das minhas faculdades, (...) ofereço (ao Mosteiro do Lorvão), para bem da minha alma e dos meus defuntos, em primeiro lugar a vila de Santa Columba com seus vilares (...) o limite da referida vila e seus vilares passa pela arca (anta ou sepultura) que está perto do fontão (ribeiro) entre S. João e vai pela que divide com o termo de Treixedo onde passa a via antiga (estrada romana (...))”.

Analisando todo o documento, do qual apresentamos este pequeno extracto, verificamos que Treixedo é referido como uma vila rústica e antiga, de origem pré ou proto-histórica, fazendo referência às “arcas, pedras fitas, vias antigas, pedras celadas”. É possível que a sua origem esteja relacionada com o castro de Trenho, que terá existido numa elevação, perto das “arcas” e “pedras fitas” - “Villa Traxete”.

Outro de 981 refere:

“(...) Por isso eu, Gundisalvo, servo de Deus, e minha mulher Mamadona, quisemos, em nosso juízo perfeito e com toda a liberdade, para ficarmos em paz, fazer ao referido mosteiro (do Lorvão) ... testamento escrito, tornando-os beneficiários de toda a herança que possuímos: da nossa “villa” de Treixedo, onde corre o rio Dão e do respectivo mosteiro, perto da margem do mesmo rio(...)”.

Também em 1102, o abade do mosteiro do Lorvão, D. Eusébio, outorgou carta de povoação aos habitantes de Santa Comba Dão e Treixedo.

Era necessário repovoar, porque mais de um século antes, o famoso Almançor conquistara toda a região aos cristãos. Mas, o domínio árabe não durou muito tempo e as informações existentes, na “Monarquia Lusitana”, de Frei António Brandão, quanto à possibilidade de ter sido D. Afonso Henriques, em 1143, a expulsar defini-



Local onde outrora esteve implantado o Pelourinho

tivamente os árabes desta zona, não correspondem à verdade, porque foram os exércitos cristãos de D. Afonso VI, rei de Leão e Castela, a expulsá-los.

Este rei foi avô de D. Afonso Henriques, rei que em 1133 concedeu carta de couto a Treixedo, documento onde são visíveis referências à arqueologia aí existente, nomeadamente, ao “Castrum Trenium”. Este couto era bastante vasto, compreendendo as actuais freguesias de Treixedo, S. Joaninho e Couto do Mosteiro. Recebeu Carta de Foral por D. Manuel, em 16 de Março de 1514, criando-se assim um concelho que seria extinto com a reforma administrativa de 1836. Este documento está desaparecido.

O Cadastro da Beira de 1527 refere que este concelho tem duas freguesias, Treixedo e Vila Vova da Rainha, com 76 moradores no seu termo, vivendo 22 em Treixedo, 27 em Nagosela e 27 em Vila Nova da Rainha.

No séc. XVIII, ainda tinha juiz ordinário dos órfãos, câmara, cadeia e pelourinho. Nagosela foi anexa de Treixedo até ao século XVII e de 1837 até 1850 e novamente dos finais do século XIX até 1984.

Um dos símbolos da sua antiga autonomia, o pelourinho, desapareceu há muitos anos, não havendo hoje elementos que permitam conhecer a sua forma. Ficava no largo de S. João e foi destruído no séc. XIX. Em 1940, sabia-se que o fuste servia de apoio ao pavimento de uma casa particular, o remate e o capitel serviam de bebedouro de galinhas. Em 1943, foi recolhido e guardado por pessoa que demonstrou não só ser bairrista, mas também ter gosto em conhecer e preservar a memória colectiva, um dever de qualquer cidadão. Mas, logo no ano seguinte aparece numa adegas, não se sabendo hoje do seu paradeiro.

Tem um património arqueológico e arquitectónico edificado com valor. Existem lagaretas, os pequenos lagares utilizados ainda na Idade Média para o vinho e para o azeite. No séc. XVI, foi abandonada a primitiva igreja, em honra de Santa Maria, situada ao sul da povoação e onde terá existido o Mosteiro de Treixedo. A igreja Matriz, de estilo barroco, com um belíssimo altar-mor, terá começado a sua construção em 1712, com a primeira pedra lançada pelo



Igreja Matriz

bispo de Viseu, D. Gerónimo Soares, como consta do pergaminho:

**SUMO PONTÍFICE CLEMENTE XIº,
REGE JOHANN Vº, EPISCOPO D.
HYERONYMO SOARES, PRIOR,
JOHANNES
AYRES CORREIA DE ABREU
ANNO 1712, 29 MAY**

As inscrições que se encontravam nas paredes da igreja, não foram preservadas. A sua implantação no terreno é excepcional: a entrada principal está voltada para nascente e o sacrário para poente. Esta situação é raríssima quer a nível nacional, quer em toda a cristandade.

De famílias antigas e poderosas ficaram os solares dos marqueses de Treixedo ou Rio Torto e o solar do Torreão, ambos com brasão. Um dos mais ilustres escritores portugueses, Eça de Queirós, na sua obra “A Ilustre Casa de Ramires”, a determinado passo, refere-se ao marquês de Treixedo, o que demonstra a importância desta família nobre da região: “(...) Por isso, meu querido Gonçalo, já te posso anunciar, e quase em nome de el-rei, que vais ser marquês de Treixedo. (...) Mas, meu caro André, com que autoridade me faz el-rei marquês de Treixedo?”

Na encosta que desce para o rio, na sua margem direita, encontramos a antiga estação do caminho-de-ferro e uma zona de areia e água muito aprazível.

Oferece festas e romarias: Festa dos Alegres, no primeiro fim de semana de



Solar do Torreão



Brasão

Agosto, Nossa Senhora da Conceição, a padroeira, em 8 de Dezembro e Nossa Senhora da Assunção, em 15 de Agosto.

Desenvolve várias actividades económicas: agricultura, construção civil, transformação de madeiras, marcenaria, serralharia, confecções, avicultura, carpintaria, comércio e serviços. No artesanato, trabalha em tanoaria e tapeçaria. A gastronomia típica está relacionada com o cozido à portuguesa.

A população organizou duas colectividades: Grupo Desportivo Treixedense e a Associação de Caçadores da Freguesia de Treixedo, recentemente criada. O grupo de cantares “Solidó” já não se encontra em actividade. Além destas associações existem outros equipamentos de apoio à população: infantário, escola primária, posto de saúde, centro de dia de apoio a idosos e espaços desportivos, um deles coberto.

Fazem parte desta freguesia vários lugares: Amainhos, Granjal e Póvoa de João Dias.



Polidesportivo

Constituição das Comissões Administrativas das Juntas de Freguesia

Abril de 1975 a Dezembro de 1976

Presidente Fernando dos Santos
Vogal Daniel Jesus Varela
Vogal António Manuel Nascimento,
substituído por
Carlos Alberto Rodrigues Costa

Constituição das Juntas de Freguesia

Eleição: 12 de Dezembro de 1976 | 1977 – 1979

Presidente José da Conceição Costa
Secretário Alberto Francisco Rodrigues
Tesoureiro António dos Santos

Eleição: 16 de Dezembro de 1979 | 1980 – 1982

Presidente António Dias Custódio
Secretário António Gonçalves Ricardo
Tesoureiro Augusto dos Santos

Eleição: 12 de Dezembro de 1982 | 1983 – 1985

Presidente José da Conceição Costa
Secretário João Manuel Gomes dos Santos Vicente
Tesoureiro Crispim Ribeiro da Costa

Eleição: 16 de Dezembro de 1985 | 1986 – 1989

Presidente José Machado Neves dos Santos
Secretário José de Almeida Ferreira
Tesoureiro José Alves Soares Varela

Eleição: 17 de Dezembro de 1989 | 1990 – 1993

Presidente José Machado Neves dos Santos
Secretário Carlos Alberto Rodrigues Costa
Tesoureiro Domingos Guedes de Almeida

Eleição: 12 de Dezembro de 1993 | 1994 – 1997

Presidente Domingos Guedes de Almeida
Secretário Carlos Alberto Rodrigues Costa
Tesoureiro Tânia Maria Guedes Pereira

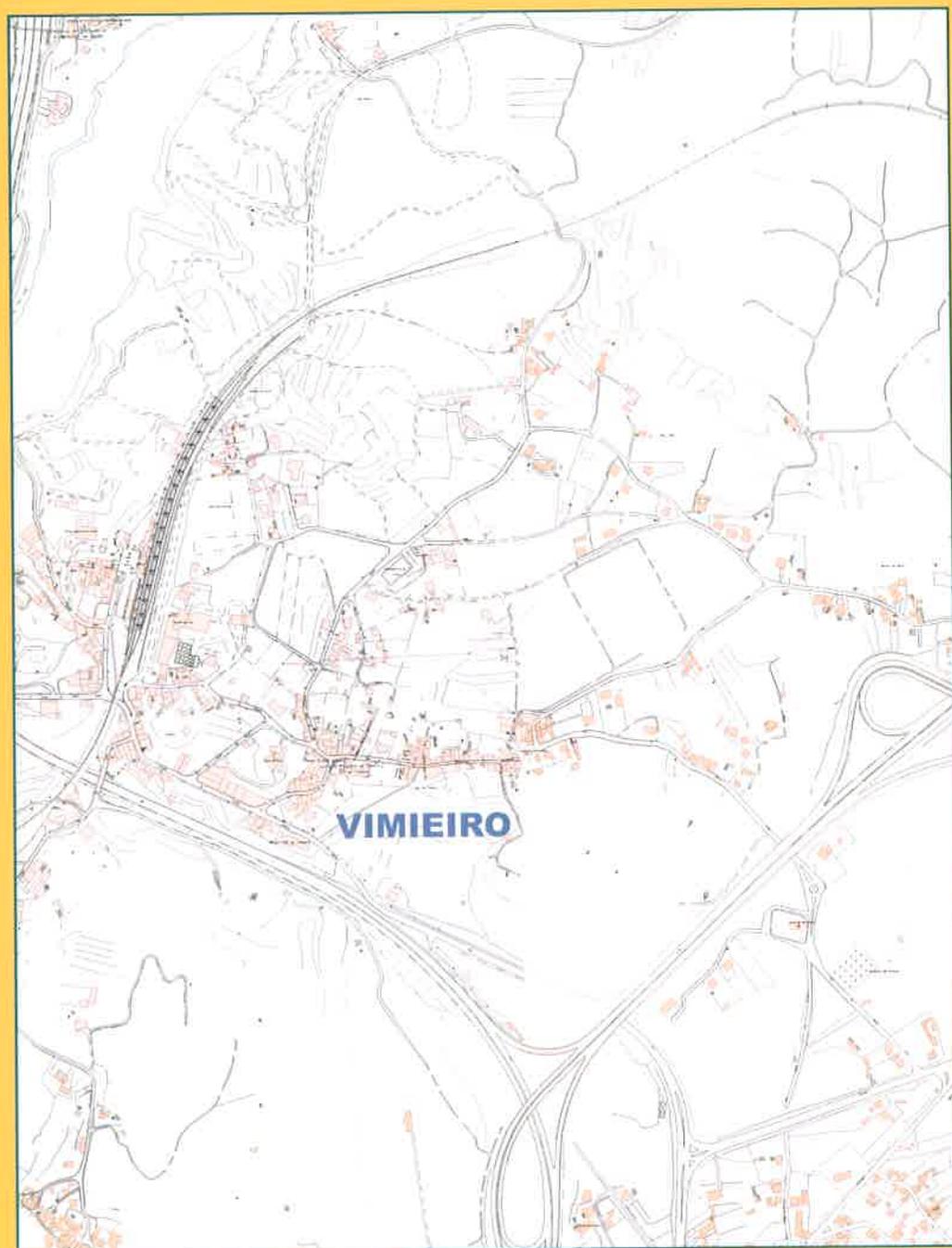
Eleição: 14 de Dezembro de 1997 | 1998 – 2001

Presidente Domingos Guedes de Almeida
Secretário Carlos Alberto Rodrigues Costa
Tesoureiro Tânia Maria Guedes Pereira

Eleição: 16 de Dezembro de 2001 | 2002 – 2005

Presidente José Machado Neves dos Santos
Secretário Marlene de Jesus Ferreira
Tesoureiro Fernando Ferreira de Jesus,
substituído por
Domingos Costa Marques

4.9 – Vimieiro





Igreja de Santa Cruz



Polidesportivo



Escola Cantina Oliveira Salazar

Há referências muito antigas a esta freguesia, situada na margem esquerda do rio Dão, próxima da sede do concelho. É um povoado da época romana, porque foram encontrados vestígios de uma calçada romana, hoje desaparecida. Mas as referências a um povoado Calcolítico não podem ser confirmadas. Porém os documentos do século X, nomeadamente o de 974, em que Oveco Garcia doa ao Mosteiro do Lorvão a “villa” de Santa Columba, referem-se também ao Vimieiro, porque o território da “villa” englobava também territórios do Vimieiro e as marcas referidas são da época romana. Segundo Pinho Leal, o nome Vimieiro deriva dos vimes existentes ao longo do rio e ribeiros. No Cadastro da Beira de 1527, são referidos 14 moradores no Vimieiro e 18 no Rojão.

No campo religioso, está intimamente ligada à igreja de Santa Columba do Couto do Mosteiro. Foi esta igreja que, no século XV ou XVI instituiu a paróquia do Vimieiro. Por essa razão, o padre desta freguesia tinha de se apresentar ao prior da igreja do Couto do Mosteiro e ainda, segundo Pinho Leal, “dava o pé de altar e uma pequena cõngrua e recebia os dízimos”. Actualmente ainda se realiza a romaria de Santa Cruz, que tem como principal festividade religiosa a vinda (em procissão) da Santa Columba, da igreja do Couto do Mosteiro até à igreja da Santa Cruz no Vimieiro. São cerimónias que nos levam até à antiga submissão paroquial desta igreja à igreja Matriz. Teve uma feira mensal que hoje é apenas anual, no dia três de Maio, dia da festa da Santa Cruz, orago da freguesia. Pinho Leal, no seu livro “Portugal Antigo e Moderno”, refere-se a esta festa nestes termos:

**“Logo de manhã, antes de principiar a festividade, veem as cru-
zes das freguesias limitophes - Óvoa, Pinheiro D’ Ázere, S. João
de Areias e Couto do Mosteiro - Todas em procissão e muito
bem ornadas e enfeitadas.**

**A que chega em último lugar e que se apresenta sempre com
mais pompa e riqueza é a da freguesia do Couto do Mosteiro, da
qual esta freguesia do Vimieiro até 1834 foi anexa.**

**Passa por Santa Comba Dão processionalmente sem o parcho
de Santa Comba do Couto do Mosteiro tirar a estola e, quando
se aproxima da matriz do Vimieiro, vae o parcho d’ esta fre-
guesia ao encontro d’ ella.**

**Também processionalmente, com a irmandade e a cruz do Vi-
mieiro, muito povo, foguetes e música, - e em determinado sítio
fazem a cerimónia do encontro (...) e continua a procissão, indo
na frente a Cruz do Couto, até à matriz, onde dão três voltas,
como todas as outras cruces, ao som da música. (...).”**

Durante o ano, a 28 de Outubro, realiza-se outra festa em honra de S. Simão, no Rojão Grande.

No bairro da Estação, fica a importante estação do caminho de ferro. Há algumas décadas, era também a estação da linha do Dão. Nessa época, o Vimieiro conheceu um grande desenvolvimento económico resultante não só do movimento de pessoas e mercadorias, proporcionado pelo comboio, mas também devido a várias instalações fabris e comerciais, grande parte delas já desactivadas. Actualmente assistimos a uma tendência para o desenvolvimento, continuando a agricultura a não ser a actividade mais importante. Assumem papel preponderante as actividades relacionadas com as indústrias de transformação de madeira, mobiliário e construção civil, comércio e serviços. Para além destas actividades, existe também o designado “Ninho de Empresas”, apoiado pelo Centro de Emprego e Formação Profissional, cujo objectivo se prende com a formação profissional e desenvolvimento de novas indústrias, existindo neste momento em actividade empresas relacionadas com mobiliário, vestuário para protecção no trabalho e armazéns de farinhas.

Como património cultural e arquitectónico tem vestígios de uma calçada romana, cruzeiro em granito tosco (local de encontro das cruces), em honra de Santa Cruz, charfaz, igreja Matriz, capelas da Senhora da Agonia, S. Simão, S. Bartolomeu, e os solares do João Miranda, dos Coutinhos e dos Malhões (no Rojão) e a casa solarenga dos Perestrellos (no Vimieiro). No local onde hoje está a igreja matriz, existiu já um templo primitivo antiquíssimo, anterior à própria paróquia. A confirmar a antiguidade do local, existem vestígios de sepulturas protocristãs, cavadas na rocha.

Como colectividades, tem o Centro Cultural Recreativo e Desportivo do Vimieiro, e o Centro Cultural Recreativo e Desportivo do Rojão Grande. O pavilhão polidesportivo, inaugurado pelo então Senhor Secretário de Estado do Planeamento, Dr. João Nuno Mendes, em 01/07/2001, está preparado para a prática de futebol de salão, basquetebol, ténis e voleibol. Outros equipamentos servem a população: escola primária e infantil. Foi o primeiro pólo importante, no campo educativo, com o colégio António de Oliveira, fundado e dirigido pelo Dr. Joaquim de Sousa Félix, único a oferecer o ensino secundário no concelho até 1957, altura em que foi encerrado.

Nasceram nesta freguesia algumas figuras ilustres: o Dr. António Xavier Perestrello, o Dr. José Perestrello Botelho e seu irmão Dr. António Perestrello Botelho e o Doutor António de Oliveira Salazar.

A gastronomia típica está relacionada com o cozido à portuguesa, arroz de cabidela de galinha, torresmos, papas de nabo com sardinha assada e carolos com carne de porco. Quanto aos doces, podem ser apreciados o arroz doce, o leite-creme e o pão-de-ló.

Fazem parte da freguesia os lugares de Anta, Estação, Lameiras de Anta, Quinta do Seixal, Rojão Grande e Vale Mimoso.

Constituição das Comissões Administrativas das Juntas de Freguesia

Abril de 1975 a Dezembro de 1976

Presidente António César Correia Pinto
 Vogal José Trindade Marques da Silva
 Vogal António Gomes Moura

Constituição das Juntas de Freguesia

Eleição: 12 de Dezembro de 1976 | 1977 – 1979

Presidente João Coimbra
 Secretário Alcino dos Santos Amaral
 Tesoureiro António Marques

Eleição: 16 de Dezembro de 1979 | 1980 – 1982

Presidente João Coimbra
 Secretário Armando Ribeiro Andrade
 Tesoureiro Manuel Antunes Ribeiro

Eleição: 12 de Dezembro de 1982 | 1983 – 1985

Presidente João Coimbra
 Secretário Ezequiel Rodrigues Dias
 Tesoureiro António Marques

Eleição: 15 de Dezembro de 1985 | 1986 – 1989

Presidente José Manuel Marques de Sousa
 Secretário Sérgio Manuel Viegas Martins
 Tesoureiro José Manuel Nunes dos Santos

Eleição: 17 de Dezembro de 1989 | 1990 – 1993

Presidente Armando Alves
 Secretário Sérgio Manuel Viegas Martins
 Tesoureiro José Manuel Nunes dos Santos

Eleição: 12 de Dezembro de 1993 | 1994 – 1997

Presidente Afonso Gomes Ferreira Viegas
 Secretário José Rui Amaral Coimbra
 Tesoureiro Francisco Joaquim Meireles

Eleição: 14 de Dezembro de 1997 | 1998 – 2001

Presidente Afonso Gomes Ferreira Viegas
 Secretário José Rui Amaral Coimbra
 Tesoureiro Sérgio Manuel Viegas Martins

Eleição: 16 de Dezembro de 2001 | 2002 – 2005

Presidente Afonso Gomes Ferreira Viegas,
 substituído por
 José Rui Amaral Coimbra
 Secretário José Rui Amaral Coimbra,
 substituído por
 Maria Edite Duarte Lopes
 Tesoureiro Sérgio Manuel Viegas Martins

www.pearsoned.com.au
© Pearson Education, Inc., 2005

ISBN 0 203 01120 0

0 203 01120 0

0 203 01120 0

0 203 01120 0

0 203 01120 0

5

Aspectos Culturais



5 – Aspectos Culturais

“O conceito de cultura abrange quer as formas de domínio do homem sobre a natureza, quer as criações sociais ou individuais que visam a expandir, dignificar e exaltar a vida humana”.

Jaime Cortesão, Os Factores Democráticos na Formação de Portugal

Em termos culturais, Santa Comba tem procurado valorizar-se, oferecendo vários espaços e dinamizando e apoiando iniciativas. Os diferentes espaços especializados, designadamente a Biblioteca Municipal, o Auditório Municipal, o Centro de Divulgação de Tecnologias de Informação e o Espaço Internet, permitem a todos um acesso fácil a todo o tipo de informação e saber.

A Casa da Cultura, que surge da remodelação e ampliação da Casa do Povo, foi inaugurada por Sua Ex.^a o Senhor Presidente da República Dr. Jorge Sampaio, no dia 30 de Janeiro de 2004. É mais um espaço aberto à comunidade que, para além de várias infra-estruturas, tem uma sala de espectáculos com todo um conjunto de equipamentos que permite receber um vasto leque de actividades culturais (cinema, teatro, conferências e outras actividades similares).

A Biblioteca Municipal Dr. Alves Mateus e o Centro de Divulgação das Tecnologias de Informação são espaços apelativos que permitem contribuir para a informação, preparação e apoio à comunidade em geral e dos jovens em particular.

Também neste âmbito, pela sua importância formativa e lúdica, cabem as importantes infra-estruturas das Piscinas Municipais que vieram colmatar a perda de várias praias fluviais onde se aprendia e praticava a natação; salientam-se o Complexo Desportivo com Estádio relvado, as pistas de atletismo e Pavilhão Gimnodesportivo, onde se podem praticar não só várias modalidades des-



Casa da Cultura



Inauguração



Biblioteca Municipal



Espaço Internet

portivas, como também actividades de recreio. Estes equipamentos estão também ao serviço do ensino e do desporto escolar.

O associativismo é significativo e as diferentes Associações locais têm desempenhado um papel primordial no campo da cultura popular, ao preservarem e dinamizarem as tradições locais. São grupos de música popular, grupos corais, bandas filarmónicas, tunas, ranchos folclóricos e teatro, a lutar pela preservação da sua identidade. Algumas destas instituições serão abordadas noutros capítulos.

Património Arqueológico

Esta região não tem sido objecto de um trabalho de investigação arqueológica sistemático, o único que poderia fazer o estudo científico do espólio já conhecido, e avançar para um trabalho de campo que, pelo descoberto e estudado até hoje, teria todo o interesse conhecermos a sua existência, capacidades materiais e evolução espiritual dos nossos antepassados. O espólio encontrado nas freguesias já foi referenciado. Em Santa Comba Dão, no lugar de Meroços, apareceram fragmentos de cerâmica e no lugar do Coladinho, segundo uma batida de campo da Guarda Nacional Republicana, descrita na revista “Beira Alta”, 1953, N.º 1, página 38, existiria um troço de calçada romana. Possivelmente, com a construção da actual estrada, tudo se perdeu. Também não é possível ter certezas quanto à calçada romana, de que a população fala, que subia do rio Dão para o Vimieiro. Quanto à arqueologia medieval do espaço urbano, temos referências a um castelo ou fortaleza, em documentos de 1102 e 1103, citados no Livro Preto da Sé de Coimbra, folhas 7. É muito possível a existência de uma construção deste tipo, devido à instabilidade gerada pela Reconquista Cristã, mas não se conhece qualquer vestígio material. Sabe-



Piscinas Municipais



Complexo Desportivo



Solar - Rojão



Casa reconstruída em S. Joaninho

mos apenas que uma rua, ainda não há muitos anos, era designada pelo nome de rua do Castelo.

Arquitectura Civil

Podemos ler na obra “Associação dos Arquitectos Portugueses”, 1961, vol. I, pág. 14 “A traços largos, os povoados da Beira Alta, impressionam pela relação estreita que mantêm com o meio natural, pela preponderância do factor agrícola, pela estreita economia de soluções, pelo primitivismo, a irregularidade e emprego dos materiais de mais fácil aprovisionamento local, com predomínio da pedra”.

Esta é a imagem arquitectónica que nós observamos no concelho. De uma malha urbana mais estruturada no centro da cidade que, na sua zona mais antiga, se apresenta com as suas pequenas praças e ruelas a recordar a Idade Média (formando um conjunto de grande beleza) passa-se a uma falta de qualquer estruturação nos arredores. Construiu-se quase sempre onde se podia e como se podia, porque as condicionantes eram várias: limitações do terreno, propriedade privada ou comunal, parcelamento, caminhos comuns, condições económicas, etc.

Até há poucos anos, era notório o desconforto e a falta de preocupações estéticas com a habitação. No entanto, podemos facilmente encontrar exemplares que, apesar da sua simplicidade e rusticidade patentes nos materiais de construção, se revelam conjuntos de elevado sentido estético. Por todo o concelho, a conviver com esta arquitectura, encontramos exemplares mais eruditos e elegantes demonstrativos de prerrogativas sociais e económicas. Arquitectura solarenga, orgulhosa, de feição barroca, que se estende pelos séculos XVIII e XIX. Observada de fora, revela alguma imponência na área coberta, nas fachadas principais, nas escadas exteriores e nos portões em ferro. Além dos brasões que algumas ostentam, não é visível escultura ou pintura. Os princípios orientadores da construção continuavam, também neste caso, a não ser consentâneos com o ambiente, com o terreno, com as exigências da vida e com as condições higiénicas. Apenas o alpendre, em muitos casos, valoriza os valores formais da arquitectura do sol. Continua uma arquitectura seguindo os princípios renascentistas e da arquitectura chã. Apenas o solar dos barões de Santa Comba Dão - Casa dos Arcos - revela preocupações estéticas com a sua galeria de três colunas assente num alpendre em arcada, com as varandas e portão armoriado encimado com a placa de mármore já citada. Hoje é um imóvel classificado de interesse público. Referimos alguns exemplares desta arquitectura em outros capítulos.

Dos finais do século XIX e princípios do século XX, encontramos imóveis de grande valor arquitectónico. Para além desta arquitectura tradicional, podemos encontrar outros edifícios com traço



Casa em Santa Comba Dão

arquitectónico que pouco tem a ver com esta região. Mas, ao longo do século XX, verifica-se alguma atenção quanto a um melhor aproveitamento do espaço, do conforto e até de alguma preocupação estética. A utilização dos novos materiais e das novas técnicas de construção, assim como outra formação cultural resultante da própria evolução da sociedade propiciaram essas alterações. É notório como elemento arquitectónico, o uso da varanda e das escadas exteriores no material da região, o granito. Exemplos arquitectónicos ricos de história são os pelourinhos focados aquando do tratamento de cada uma das freguesias.

Hoje, podemos verificar que o desenvolvimento do agregado urbano respeita e valoriza o seu património histórico e artístico. Quer o poder instituído, quer as preocupações culturais de alguns particulares, têm sabido conciliar os interesses que sempre surgem quando há necessidade de reconstruir ou construir alargando o espaço urbano. E assim o visitante, quando aqui chega, encontra uma cidade organizada nas suas diferentes áreas construídas e harmoniosa no seu todo.

Arquitectura Religiosa

Desde o século X que os detentores destas terras não só as doavam aos mosteiros, como também mandavam construir várias igrejas e capelas. Infelizmente, não restam vestígios dessas edificações, nem dos períodos seguintes - românico e gótico. A diocese de Viseu não sentiu preocupações culturais para preservar esses templos primitivos, tendo antes demonstrado outras preocupações ao mandar, no século XVIII e XIX, restaurar essas igrejas e capelas de acordo com o estilo da moda - o barroco. Hoje, temos um concelho povoado de igrejas de estilo barroco e capelas (umas construídas pelas famílias mais poderosas dentro dos seus solares, outras junto das igrejas, fruto da devoção de alguns particulares). Esta arquitectura barroca caracterizou-se por igrejas de forma rectangular, fachadas simples e regulares, com duas torres, de grande sobriedade decorativa. Apenas o altar-mor demonstra um cuidado especial. A talha dourada é o elemento fundamental que encontramos na sua decoração. É um trabalho artístico, talvez a mais genuína e característica expressão artística do barroco português, indispensável na decoração dos interiores arquitectónicos, que se revela de grande beleza. Focamos, mais detalhadamente, alguns exemplares em outros espaços.



*Capela de S. Silvestre
Vila Dianteira*



*Altar-Mor da Igreja Matriz
de Santa Comba Dão*

Jornais

Desde muito cedo que houve santacombadenses com preocupações de informar os seus concidadãos, e de chamar a atenção e analisar os diferentes problemas que se colocavam à colectividade. Referiremos a lista dos jornais disponíveis na Biblioteca Municipal, com a data de publicação dos seus primeiro e último números (apresentaremos, porém, algumas reservas quanto à data do último número).

Dão - semanário agrícola, económico e literário - de 1889 a 1896;
Beira Alta - de 26 de Março de 1901 a 5 de Janeiro de 1919;
Echos do Dão - de 1 de Novembro de 1907 a 3 de Junho de 1909;
Sul da Beira - de 5 de Outubro de 1911 a 30 de Abril de 1933;
O Dão - de 4 de Julho de 1915 a 30 de Janeiro de 1916;
Beira - de 2 de Março de 1919 a 13 de Setembro de 1925;
Santacombadense - de 13 de Março de 1927 a 8 de março de 1931;
Beira-Dão - de 12 de Junho de 1932 a 25 de Agosto de 1957;
Defesa da Beira - de 17 de Julho de 1941...

Este último semanário, que se encontra em publicação, no seu n.º 1, apresentou-se com este editorial (parte): “ (...) Pela Beira, pela zona de influência da nossa acção, nos propomos lutar, activamente, apaixonadamente, desinteressadamente, faça que toda a nossa acção justifique e confirme o título que escolhemos e havemos de prestigiar: Defesa da Beira”.

Em Santa Comba ainda se publica o - A Voz do Dão.
No Couto do Mosteiro publica-se - O Varandim.
Em S. João de Areias publica-se - A Voz de S. João de Areias.

Artesanato

O artesanato, que sempre existiu em qualquer sociedade organizada, foi a principal actividade económica europeia do século XI ao XIX. Ainda hoje se caracteriza pelo facto de o capital e o trabalho se encontrarem reunidos na mesma pessoa e por se dedicar à produção de bens ou prestações de serviços que devem apresentar qualidade artística. O trabalho é predominantemente manual e o trabalhador é qualificado e não especializado. Encontramos no concelho actividades económicas que se enquadram nesta designação. Existem artesãos que são produtores, porque laboram a matéria-prima que adquiriram e que, depois do produto acabado, colocam no mercado. Destacamos a tanoaria, as



Boneca de Trapos

mantas de retalhos, a cerâmica decorativa, como as mais antigas. Das mais recentes, são referência obrigatória a pintura cerâmica, o vitral e as bonecas de trapos.

Nos últimos anos, têm sido ministradas acções de formação profissional, em diferentes áreas, indo ao encontro dos santacombadenses, que desejam mostrar e desenvolver capacidades técnicas e artísticas. Além das artes aplicadas, existe a pintura e a escultura (esta última nas modalidades de busto-retrato e de relevo), produzidas por artistas de grande valia técnica e estética.

Teatro

No início da segunda metade do século XIX, o teatro teve grande empenhamento por parte da sociedade mais ilustre e endinheirada de Santa Comba. Do seu seio, também saíam os actores e o sucesso foi grande entre a população. O filho do barão de Santa Comba Dão promoveu a transformação de uma das salas do seu solar em teatro. Tinha 13 camarotes, plateia e geral. No entanto, na década de 80, caiu em completo abandono. Decorrido meio século após a sua inauguração foi demolido. Depois de 1930, volta à cena num novo teatro, o Alves Mateus, mas apenas por alguns anos e sem o fulgor antigo. Hoje, só S. Joaninho tem um grupo de teatro em actividade. O Clube Recreativo, dentro do qual se insere o grupo cénico, tem demonstrado grande capacidade de mobilização de vontades, para continuar um trabalho que merece a admiração e apoio das gentes da terra e do concelho. Esta actividade cultural, quer seja drama quer seja comédia, para além do carácter lúdico, é eminentemente pedagógica.

Associativismo

Os santacombadenses sempre procuraram na união de pessoas e entidades, o caminho para melhor satisfazerem necessidades espirituais, culturais e materiais. É assinalável não só o elevado número, como a diversidade de associações do concelho. Já referimos algumas delas, como os bombeiros e as filarmónicas. Mas muitas outras procuram satisfazer necessidades e interesses muito diversos, quer de grupos, quer da população em geral. Ao tratarmos cada uma das freguesias, referimos as respectivas associações. Também na cidade existem várias e de diferentes tipos:

- Associação Recreativa Cultural de Acção Desportiva e Animação - Arcadas – promove encontros de juventude e cultura, cinema, saraus culturais e exposições de arte. Possui ainda secções de pesca, ciclismo canoagem e todo-o-terreno. Existe ainda, associado a esta colectividade, um grupo de música popular – o “Vira Milho”.



Tuna de Santo Estêvão

- Sociedade Filarmónica de Santa Comba Dão;
- Centro Paroquial de Santa Comba Dão - Grupo Coral Polifónico;
- Grupo Desportivo Santacombadense;
- Tuna de Santo Estêvão;
- Os Ribeirinhos do Dão;
- Associação de Caçadores e Pescadores de Santa Comba Dão;
- Grupo Nacional de Escutas - Agrupamento 306;
- Centro Cultural Recreativo e Desportivo das Fontainhas;
- Associação Cultural e Recreativa do Coval;
- Ténis Clube de Santa Comba Dão;
- Trilhos do Dão.



Trilhos do Dão

Rádio

Nos meados da década de 80, o pároco desta cidade, Alberto Tavares Dias, conhecedor atento das vivências e necessidades (em especial dos jovens), lançou mãos a um projecto capaz de congregar vontades, dinamizar trabalho colectivo e promover a criatividade: concebeu a criação de uma rádio. O projecto tornou-se realidade, em 1986, com a fundação da “Rádio Onda Jovem”. A adesão dos jovens e dos menos jovens foi enorme. Até 1994, foi feito um trabalho com responsabilidade e criatividade, cujo objectivo foi sempre a promoção social, económica e cultural de Santa Comba Dão e do seu concelho. Mais tarde, a Rádio, com a designação “Rádio Total FM”, regressou às emissões para continuar a desenvolver um trabalho útil às populações.

Filarmónicas

Há três filarmónicas no concelho, das quais já referimos duas, ao estudarmos as respectivas freguesias da sua sede.

Falta referir a de Santa Comba Dão. Esta colectividade foi fruto, não só do gosto e prazer pela música de um punhado de santacombadenses, como também do amor às causas que engrandecem qualquer terra. Pode orgulhar-se da sua antiguidade e dinamismo - a sua fundação remonta a 1820 e a primeira Filarmónica teve o nome de “Filarmónica 28 de Setembro”, e o maestro António Homem de Sá Correia terá sido o seu primeiro regente. O nome, em 1870, foi alterado para “Filarmónica Progressista”, mas logo em 1908 surgia com a designação de “Filarmónica 1.º de Maio”. Nesta época de crise internacional e nacional devido à I Grande Guerra, muitos foram os que emigraram, provocando uma sangria de executantes. O pequeno número de músicos que

restava, antes de 1918, organizou-se num conjunto musical que começou a actuar no Teatro Alves Mateus, fundado então por José Rodrigues de Lemos. Mas, alguns santacombadenses, inconformados com a situação a que tinha chegado a sua Filarmónica, tomaram a iniciativa, em 28 de Maio de 1935, de pedir ao Governo Civil para constituir uma “Associação de Recreio e Arte Musical”, denominada “Sociedade Filarmónica Santacombadense”. E foi nos finais desta década que a Filarmónica conheceu um período de grande esplendor. Com a II Grande Guerra, surgiu de novo toda uma série de problemas para as populações, que afectaram irremediavelmente os trabalhos da Filarmónica, levando à sua paragem até 1952. Neste ano, após pedido ao Governo Civil (em 2 de Janeiro) reapareceu com o nome de “Filarmónica de Santa Comba Dão”, nome que perdura até hoje. Então, foi também aprovado um novo plano de uniformes.

Dos estatutos, constam como fins da Sociedade:

- 1- organizar e manter uma filarmónica;
 - 2- promover a cultura do Povo, principalmente a sua cultura musical, organizando, para tanto, concertos e aulas de música, saraus, reuniões, festas, palestras instrutivas, representações, etc;
 - 3- prestar assistência aos sócios necessitados, se a sua situação financeira o permitir;
- único- a sociedade respeitará, em todas as suas actividades, a moral cristã e as leis do Estado.

A falta de instalações era um problema sério que afectava muito especialmente o trabalho de preparação de um bom desempenho das suas actividades. Uma primeira solução surgiu em 1971, com a cedência (a título gratuito) do salão do antigo Café Arcada. Em 1976, foi comprado um imóvel para a instalação da sede que permitia, logo que possível, a sua adaptação a sala de espectáculos, casa de ensaios, sala de convívio, biblioteca e sala de jogos lícitos. Os problemas a ultrapassar foram enormes, mas, mais uma vez, a vontade de um grupo de santacombadenses, ao longo de vários anos, con-



Banda Filarmónica

seguiu, com muito trabalho gratuito e perseverança, pôr de pé uma obra que serve, hoje - com toda a dignidade - as actividades da associação. As actuais instalações, orgulho da Filarmónica e da sua Cidade, foram inauguradas em 1 de Janeiro de 2001.

Escutismo

Escutismo é a palavra portuguesa que corresponde ao inglês «scouting», movimento educativo fundado pelo general inglês Sir R. Baden-Powell, em 1908, que definiu como «uma escola da mocidade que tem por fim a formação do homem, moralmente, intelectualmente e fisicamente perfeito».

Em Portugal, o movimento escutista começou em 1911 com a Associação dos Escuteiros de Portugal. Mais tarde, em 1923, criou-se o Corpo Nacional de Escutas. É no âmbito deste Corpo que Santa Comba Dão funda o seu Agrupamento, realizando-se as primeiras «Promessas» em 1970. Oficializado no mesmo ano, recebeu o n.º 306.

Muitas têm sido as acções desenvolvidas pelos Escutas, quer no campo cultural, quer em actividades comunitárias. A sua participação em Acampamentos Nacionais tem sido dignificante.

Ensino

Neste domínio, o Portugal dos meados de setecentos também não ficou imune ao racionalismo e antropocentrismo defendidos pela filosofia das Luzes. Reinava D. José I e o seu ministro Marquês de Pombal que, embora iluminado, impunha uma política de acção num quadro do despotismo régio, onde não cabia a liberdade como expressão crítica, o que, desde logo, condicionava as possibilidades culturais que o espírito das Luzes permitia.

De qualquer modo, o contributo do Marquês de Pombal para o desenvolvimento dos estudos é notável: criou novas escolas, reformou outras e publicou várias leis, entre elas a de 1772 que também diz respeito a este concelho. Dizia que todas as cidades e vilas ficavam a dispor, pelo menos, de um mestre de ler, escrever e contar e as povoações mais importantes também teriam o ensino de Gramática Latina. Ora, Santa Comba Dão (em 1772) tinha o seu mestre de Gramática Latina.

Mais tarde, os liberais defendiam que só a instrução levava à cidadania, que a cultura era a base da felicidade dos povos. Por isso, o problema da instrução pública só com o liberal Mouzinho da Silveira ganhou uma importância política e foi este legislador que, por decreto de 1832, não só fomentou a abertura de escolas públicas, como também permitiu a abertura de aulas em casas particulares. Em 1833, o decreto de Joaquim António de Aguiar nomeou uma comissão, com a finalidade de propor um plano para o ensino público. A legislação também referia a rigorosa obrigação dos pais facilitarem aos seus filhos a instrução. O Ministério da Instrução Pública foi uma

criação dos liberais, no último governo do Marechal Saldanha. Foi nomeado ministro o seu sobrinho e biógrafo António da Costa. A preocupação dos governos com a instrução pública foi constante. O decreto de 1890 dizia: “É dever dos poderes públicos acudir (...) no ensino e no trabalho”. E mais determinava que passassem para o Estado os estabelecimentos municipais de instrução primária.

Mas, o concelho também se preocupava com a situação do ensino. No primeiro livro de actas, a de 30/4/1848 que tratou do “estado geral do concelho”, diz-se: “Que o estado da Instrução Primária é regular, sendo de lastimar que entre Viseu e Coimbra não haja uma cadeira de Instrução Secundária, com bastante prejuízo e desgosto dos Povos”. E, logo na acta de 18/11/1848, “A Câmara declara que muito proveito e interesse causaria ao ensino da mocidade que fosse provida completamente a cadeira de Latim que existia nesta vila de Santa Comba Dão...”. Passados alguns anos, ainda a acta de 27/7/1856 referia a: “Representação a Sua Magestade por causa da cadeira de Latim que existia nesta vila há mais de um século e que ficou vaga haverá 20 anos”. Em 1/10/1869, foi inaugurada a Escola Conde Ferreira para o sexo masculino. Mas a acta de 14/2/1873 referia: “Representação a S. M. para a criação de uma escola de sexo feminino nesta vila”. E a pretensão foi atendida, porque a acta de 28/3/1873 referia já a sua criação.

Também para o regime republicano a instrução pública foi uma prioridade, porque só através dela se poderia renovar a mentalidade da sociedade. A situação, quanto ao analfabetismo, continuava preocupante. Logo foram tomadas medidas no sentido da criação de escolas e da formação de professores.

Santa Comba Dão também sentia este problema, especialmente quanto à formação do sexo feminino. No sentido de ajudar a resolver esta situação, surgiu em 1890, uma instituição do ensino particular que funcionaria até 1944. Este colégio de meninas de “Nossa Senhora da Conceição” tinha uma oferta de níveis e objectivos que ia no sentido de uma educação global, como era patente nos anún-

COLEGIO
NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO
(PARA MENINAS)
Santa Comba Dão

É um colégio muito bem situado. Local sadio, construção moderna e com todas as exigencias de hygiene. Escrupulosa educação moral e intelectual. Tratamento em familia. Boa alimentação, abundante e variada. Admito alunas internas, semi-internas e externas para a instrução primaria e liceus (até ao 3.º ano), lingua franceza (teorica e pratica), musica, piano, pintura, desenho e labores, para o que tem professores competentissimos.

Enviam-se pragrammas a quem os requisitar. Reabrom as aulas no dia 4 de Outubro proximo.

A DIRECTORA
MARIA DA CONCEIÇÃO GOMES DA CRUZ



Colégio António de Oliveira
Vimieiro

O Colégio marca uma hora de esperança para a nossa terra, que merece o carinho e o amparo de todos que têm o orgulho de aqui terem nascido

A nossa Escola Secundária

é a mais pedagógica e arquitectónica do país, e será aquilo que nós quiseiros e o farol luminoso no futuro de Santa Comba Dão

Cerca das 16h30, do passado domingo, a convite do digno pároco da vila, sr. Padre Franklin Coimbra, na qualidade de presidente do Conselho de Administração da Escola Secundária, realizou-se uma visita às obras do edifício em acabamento. Numerosas pessoas, predominando o elemento feminino, ali se juntaram, desejosas de apreciarem o andamento das obras,

Escola Secundária de Santa Comba Dão

**Escola Infantil — Instrução Primária — Curso
Liceal — Ciclo Preparatório**

Modelo do edifício a inaugurar em Outubro de 1962 — Óptima localização — Vastos campos de jogos — Laboratórios muito bem apetrechados.

- Professores especializados para todas as disciplinas
- Salas de estudo orientadas pelos Professores
- Ambiente de seriedade e disciplina
- A maior vigilância e solicitude
- Transporte dos alunos em todo o concelho
- Orientação psicopedagógica actualizada
- Leal colaboração com a Família

Colaboração de CODEPA — Centro de Orientação e de Documentação de Ensino Particular

Director — Dr. Emílio César dos Quêlros Lopes

MATRÍCULAS — Prazo oficial: de 1 a 15 de Setembro
Biblioteca Municipal — Tel. 88279

Notícias publicadas no jornal "Defesa da Beira", sobre o ensino em Santa Comba Dão.

cios que mandava publicar no jornal regional "Beira Alta" (como por exemplo, no de 20 de Setembro de 1914).

Foi uma instituição que ajudou na formação de várias gerações de meninas desta região. Hoje, muitas senhoras ainda recordam com carinho e reconhecimento esses seus primeiros anos passados no Colégio.

Foi publicada, recentemente, uma obra sobre este Colégio pela Sr.^a Dr.^a Maria de Lourdes Leitão Bandeira Pires Cruz dos Santos, "O Colégio de Nossa Senhora da Conceição, 1890 - 1944".

No Vimieiro, surgiu em 1942 outro colégio particular "António Oliveira", que procurava resolver a situação dos alunos que desejavam continuar os seus estudos no ensino secundário e que permaneceu em actividade até 1957. Um artigo no "Defesa da Beira" de 6 de Setembro de 1942, apontava a sua importância para a terra.

No ano lectivo de 1962 - 63, um grupo de pessoas fundou o colégio "Academus" como uma Sociedade de Ensino de Santa Comba Dão, S. A. R. L. A importância desta instituição de ensino será apresentada pela opinião dos seus contemporâneos, como podemos ler no "Defesa da Beira" de 26 de Agosto de 1962. A 2 de Setembro, no mesmo jornal, era anunciada a nova Escola e no jornal seguinte, dia 9, já podíamos constatar o orgulho dos santacombadenses pela sua Escola. Deve salientar-se a im-

portância da acção levada a cabo pelo Sr. Padre Franklin Coimbra, em todo o processo da fundação deste Colégio, assim como administrador e como professor.

No ano lectivo de 1972 – 73, foi oficializado o Ciclo Preparatório que continuou a ser ministrado nas instalações do Colégio. Passou a ter o nome de “Escola Cónego Dr. Alves Mateus”.

O ensino secundário só seria oficializado pela portaria N.º 129/77 do Ministério das Finanças e da Educação e Investigação Científica, publicado no Diário da República N.º 61 – I série, de 14 de Março de 1977.

“Manda o Governo da República Portuguesa, pelos Ministros das Finanças e da Educação e Investigação Científica, o seguinte:

1- É criada e entra em funcionamento no ano lectivo de 1976/1977 a Escola Secundária de Santa Comba Dão”.

Continuava nas mesmas instalações que, por compra, agora pertenciam ao Estado.

Pelo jornal “Defesa da Beira” de 22 de Julho de 1977, sabemos do fim do Colégio “Academus”. No ano lectivo em que foi criada, a Escola Secundária funcionou com uma Comissão Instaladora. No ano lectivo seguinte, o Ministério nomeou o Professor João Duarte Boto Martins para presidente do Conselho Directivo, com a prerrogativa de poder nomear dois professores do quadro da Escola para completar a Direcção. No ano lectivo 78/79, já se desenvolveram os trâmites normais para o Conselho Directivo ser eleito.

As instalações do antigo Colégio logo se revelaram insuficientes, quer ao nível dos espaços, quer ao nível do apetrechamento didáctico indispensável ao bom funcionamento das actividades lectivas. Laboratórios, biblioteca, cantina, ginásio, espaços cobertos, aquecimento, nada existia. A luta por uma Escola nova começou.

A Escola Preparatória teve novas instalações em 1981-82. Em Agosto de 1998, foi extinta e substituída pela E B 2-3 de Santa Comba Dão.

A Escola Secundária teve novas instalações, em 1994.

Hoje, a cidade tem Escolas modernas, bem apetrechadas, com um funcionamento dinâmico, participativas e abertas à comunidade.

Todo o concelho está servido com uma rede de Escolas do 1º Ciclo e do Pré-Escolar. Um serviço de autocarros transporta os alunos de todas as povoações para as Escolas do centro da cidade, para poderem prosseguir os seus estudos. Depois, estes alunos têm várias Faculdades à sua espera, algumas delas a menos de 50 Km.

Para “reforçar a identificação do ensino profissional como modalidade especial de educação, dirigida à estruturação e qualificação educativa de formação profissional de jovens, (...)” - Decreto Lei n.º. 4/98 de 8 de Janeiro - também Santa Comba Dão criou

a sua Escola Profissional em 1 de Julho de 1991, no âmbito do Decreto Lei n.º. 26/89 de 21 de Janeiro. Inicialmente, a Escola Profissional teve como promotores a Câmara Municipal de Santa Comba Dão e a Sociedade Filarmónica de Santa Comba Dão. Posteriormente, registou-se a saída da segunda entidade, tendo a Câmara Municipal assumido a promoção em exclusivo. Em 30 de Agosto de 1999, a designação da Escola foi alterada para “Proficademos” - Escola Profissional de Santa Comba Dão. A Câmara Municipal é a entidade proprietária desta Escola. É um estabelecimento de natureza privada que prossegue fins de interesse público e goza de autonomia pedagógica, administrativa e financeira. São seus objectivos promover o ensino profissional, potenciando e elevando a qualificação dos recursos humanos numa perspectiva de desenvolvimento local.

Um Centro de Recursos Educativos dá apoio a toda a comunidade escolar e tem sede actual no imóvel que outrora albergou o SLAT.

Ensino da Música

Uma escola particular de música “Escola de Artes Musicais do Centro Paroquial de Santa Comba Dão”, procura incentivar o gosto pela música, descobrir novos talentos e proporcionar um complemento de formação.

Desenvolvendo um trabalho idêntico nesta área, as Filarmónicas possuem também escolas de música.



Escola EB 2-3



Escola Secundária



Escola Profissional (antigo colégio)

Aspectos Sociais



Primeiro Edifício da Santa Casa da Misericórdia

6 – Aspectos Sociais

Santa Casa da Misericórdia

A instituição das misericórdias, que resultam do sentimento de amor ao próximo, foram criadas por ordem de D. Leonor, em 15 de Agosto de 1498, quando já viúva do rei D. João II. Verificamos que estas instituições rapidamente se espalharam pelo País, o que demonstrou o carácter religioso e caritativo dos portugueses.

Antes, já existiam algumas instituições de beneficência e assistência aos pobres e enfermos como as confrarias que se compunham de albergarias, hospitais, gafarias e mercearias (que ajudavam os velhos e entevados).

A misericórdia é como uma confraria organizada em moldes de irmandade, em que um grupo de pessoas cristãs tomam por modelo S. Mateus e S. Paulo: “trabalhai e suportai as cargas uns pelos outros” e se obrigavam a cumprir certos preceitos de natureza espiritual e de natureza humana. E Santa Comba Dão pode orgulhar-se de a sua Santa Casa ter quase essa idade, como poderemos ler na Paroquial de 1721:

“Não há mosteiro algum mas há casa de misericórdia com hospital dotados porém de muito poucas rendas, não consta quando fosse instituído, mas sabe-se que em 24 de Janeiro do ano de quinhentos e sessenta e nove teve a primeira doação de bens que a fez à confraria da misericórdia um Álvaro Neves desta vistoria e nas suas casas e em terra sua se fez a igreja da Misericórdia que hoje há”.

As casas e terra referidas ficavam situadas onde, até há pouco tempo, ficava a residência paroquial. Uma inscrição citava:

“A XXVIII de Março de MDCXXI se disse a primeira missa na Igreja da Real Casa da Misericórdia velha erecta por Álvaro Neves, onde existem as casas da residência da Igreja d’esta villa”.

No século XVIII, a Casa da Misericórdia foi então reedificada para ser transformada em residência paroquial. Do edifício primitivo, apenas foi preservada a fachada da frontaria com características arquitectónicas do Renascimento, onde encontramos a encimar o portão principal um bonito balcão balaustrado suportado por duas mísulas. As janelas são de avental com borlas em cantaria de granito. Citamos, como exemplo do espírito aberto e democrático dos santacombadenses da época, uma pequena parte do Capítulo I do Compromisso da Misericórdia: “o número de Irmãos será de cento e vinte e como até agora sem diferencia alguma de mayor ou menor condição que entam será

melhor a d'aquele que com mais humildade e inteligência se exercitar nas da Mis.^a no exercício d' esta Irmandade”.

Mas este concelho terá de recuar na sua história, mais três séculos, para encontrarmos uma pequena estrutura cuja missão era ajudar os mais desfavorecidos ou enfermos que passassem por estas paragens. Referimo-nos à já citada gafaria ou albergaria fundada por Fernão Mendes, situada junto à ponte do rio Criz, o qual terá recebido do rei D. Sancho I algumas terras com a obrigação de ter sempre duas camas, duas cabras, uma burra e mandar rezar uma missa anual a S. Paulo.

A Junta, tendo como provedor o Dr. José Bernardo Coelho de Figueiredo, por acórdão de 2 de Janeiro de 1737, decidiu que se iniciasse a obra da “Misericórdia com suas oficinas”. A planta foi do arquitecto de Coimbra, Gaspar Ferreira, e a obra foi adjudicada no mês de Julho seguinte, ao mestre pedreiro António Ribeiro, residente em Vi-seu. A 2 de Julho de 1755, a sede da Irmandade já pôde transferir-se para a nova Igreja e foi dita a primeira missa ainda no mesmo dia. O partido médico da Misericórdia já existia nos primeiros anos do século XVIII. O médico ganhava anualmente 4 mil réis. No final do século, ganhava 6 mil réis.

As dificuldades da Instituição para levar a cabo acções em diferentes domínios, com a finalidade de minorar o sofrimento e as carências das populações mais desfavorecidas, foram sempre enormes. Mas devemos estar gratos a tantos homens e mulheres que, com o seu contributo desinteressado ou como beneméritos, permitiram desenvolver um trabalho em prol dos necessitados, trabalho que continua hoje. Mas, ao longo desta caminhada cheia de dificuldades, momentos houve de grande ousadia protagonizados por homens com responsabilidades, que souberam motivar os seus concidadãos para projectos e realizações de obras de grande valor social, como foi o caso da criação do



António Rodrigues da Costa Silveira

Hospital. Em 1908, o presidente da misericórdia, Dr. António Rodrigues da Costa Silveira, como escrevia o jornal “Beira Alta” de 4 de Julho de 1909: “Acertada e nobilíssimamente andou, pois, o nosso querido director, quando, há um ano, na sala das sessões da Misericórdia, aventou a ideia da criação d’um hospital n’esta villa, destinado a receber e tratar os enfermos mais necessitados do nosso concelho. A maneira calorosa, devéras entusiasta, como essa lembrança foi acolhida, obrigava a não parar no caminho encetado, ainda que para isso fôsse necessario empregar os maiores esforços e enjeitar os mais duros sacrificios!”. Mas os esforços desenvolvidos deram fruto rapidamente, porque é a mesma edição do jornal “Beira Alta” que escreve, a toda a largura da sua primeira página, o título: “A inauguração do Hospital” e começava assim o artigo:

**“Desde hontem, que Santa Comba está em festa.
É justo.
A letras d’oiro, devem todos os santacombadenses,
zelosos da sua dignidade e amantes da sua terra,
gravar na sua memória a data do dia d’hoje, porque
é ella a que melhormente testefica e mais alto concla-
ma a nobreza dos seus sentimentos d’homens e a
compreensão dos seus deveres de cidadão”.**

E mais adiante continuava:

**“Fundar um hospital não é apenas abrir uma torrente
de phylantropia; é também assegurar a ordem
e a tranquillidade públicas...”**

Foi seu lema: “non sibi, sed omnibus”. Este hospital foi construído no alto das Lages, o mesmo local onde mais tarde se construiu um novo, mais apetrechado técnica e humanamente. Este novo hospital foi inaugurado, como nos relata o jornal “Beira-Dão de 30 de Dezembro de 1951, na sua primeira página, “A inauguração do Hospital de Santa Comba Dão”. E o texto começava assim:

**“De facto o memorável dia de 23 de Dezembro
surgiu esplendido de sol acariciador e tempera-
tura suave. Pouco antes haviam estoirado mor-
teiros e estralejado foguetes anunciadores de
que ia começar a festa gratíssima para todos nós...”**

E o mesmo jornal, em Junho de 1952, já anunciava as consultas e operações que se realizavam no novo hospital. Foi nacionalizado mais tarde e, até há pouco tempo, servia de instalações ao Centro de Saúde. Desenvolveu um trabalho de recuperação destas instalações, para instalar uma Unidade de Assistência e Internamento, o que lhe vai permitir melhorar de modo global, a cooperação com os serviços de saúde, servindo assim cada vez melhor as populações. Para além desta, conta com várias estruturas: lar de idosos, centro de dia, apoio domiciliário, creche, jardim infantil e A. T. L. .

Na década de 60, a Misericórdia pôde alargar o seu âmbito de acção, graças aos donativos, entre outros, do senhor Eng. Miguel Paulo Ferreira Neves e da senhora D. Camille Férauge Neves, ambos por testamento. O primeiro benemérito refere que o seu donativo deve ser utilizado, também, em benefício de uma obra já iniciada pelo seu pai, o hospital da vila. A segunda benemérita estabelece, entre outros fins, a obrigatoriedade

de criar prémios anuais para alunos carenciados que se distingam pelas suas capacidades humanas e intelectuais e que pretendam estudar e concluir cursos ou formaturas.

O trabalho desenvolvido pela Santa Casa da Misericórdia de Santa Comba Dão deve merecer todo o apoio, reconhecimento e estima dos santacombadenses.

Saúde

Os cuidados de saúde oferecidos à população sempre preocuparam o poder autárquico, como podemos constatar pela leitura das actas das reuniões da câmara disponíveis desde a primeira metade do século XIX. Logo na primeira acta, a primeira deliberação da Câmara, em 5 de Outubro de 1834: “... Propôs mais que achando-se este concelho sem médico de partido por se terem suprimido os partidos com abolição dos cabeções das sisas para bem dos Povos se deveria oferecer o mesmo partido de duzentos mil reis ao mesmo médico que tão dignamente o tinha servido, devendo sair o mesmo partido dos rendimentos do concelho, especialmente do real do vinho e carne ...”. E no termo de 12 do mesmo mês e ano acham-se exaradas as condições em que o médico Gabriel Borges da Gama deve exercer a sua actividade.

Desde o início do século XX, foi o hospital da Santa Casa da Misericórdia a grande instituição de saúde que, como já referimos, ofereceu principalmente depois de 1951, serviços de qualidade, quer em consultas em diferentes especialidades, quer em intervenções cirúrgicas.

Também podemos verificar que, ao longo dos anos, muitos profissionais de saúde têm exercido clínica privada no concelho.

A política nacional de saúde, em 1974/75, sofreu alterações profundas na sua organização estrutural. Devido a estas reformas, Santa Comba Dão passou a oferecer duas estruturas de saúde: um Centro de Saúde (já existente) vocacionado para uma medicina preventiva e um Hospital Concelhio (que resultou do Hospital da Misericórdia) vocacionado para uma medicina curativa continuando a oferecer consultas de várias especialidades e internamento. Estas duas estruturas, em 1983, fundiram-se numa só - o Centro de Saúde Integrado. Perdeu as consultas de especialidade mas continuou a oferecer o internamento. Este Centro de Saúde passou a contar com um Médico de Saúde Pública e com Médicos de Medicina Geral, primeiramente do Serviço Médico à Periferia e, posteriormente, até aos nossos dias, com médicos da Carreira Médica de Clínica Geral.



Centro de Saúde

Já quanto aos Postos de Consulta, houve uma evolução no sentido do seu alargamento às diferentes freguesias. Se até 1975 havia apenas três, na sede do concelho, em S. João de Areias e em S. Joaninho, após esta data, e com o advento do Serviço Médico à Periferia, foram criadas outras “Extensões de Saúde” em Nagosela, Treixedo, Pinheiro D’Ázere e Outeiro de Vila de Barba. Mas as populações têm à sua disposição, na sede do concelho, quer em consultórios particulares, quer numa policlínica privada, consultas de diferentes especialidades. Nos últimos anos, a população passou também a dispor de vários prestadores na área de elementos complementares de diagnóstico, nomeadamente, um Centro de Diagnóstico Imagiológico e Recuperação e de dois Laboratórios de Análises Clínicas.

Quatro Farmácias completam os serviços ligados directamente aos Serviços de Saúde.

Retomando o velho Hospital - Centro de Saúde - que há vários anos não oferecia condições de trabalho, quer pela degradação das instalações e falta de funcionalidade, quer pela insuficiência do equipamento médico, foi finalmente substituído por um novo Centro de Saúde inaugurado no dia 23 de Novembro de 2001. Nas palavras do seu director Dr. António Pegado: “ Com o incremento da figura do Médico de Família através da criação do Cartão de Utente, tornava-se imperioso que as instalações de saúde se adaptassem à nova realidade e à emergente filosofia de «personalização» dos contactos em saúde. Efectivamente, o novo edifício dispõe de uma distribuição por módulos o que permite que cada um deles se estruture com autonomia funcional. Deste modo, o pessoal afecto a cada um deles (médicos, enfermeiros e administrativos) é sempre o mesmo. Tal estruturação permite que o utente saiba sempre qual o profissional a quem se deve dirigir. Simultaneamente o já existente que serve de Atendimento Permanente /«Urgência», foi enriquecido com a criação de Sala de Emergência dotada da mais moderna tecnologia de Suporte Básico e Avançado de Vida.

E o futuro? Passará obrigatoriamente pelos seguintes pontos:

-incremento das equipas de visitação domiciliária que têm a seu cargo um cada vez maior número de cidad es dependentes(particularmente idosos);

-incremento das parcerias com todas as estruturas que têm responsabilidades no bem estar físico e mental dos cidad es: IPS, Câmara Municipal, Estabelecimentos de Ensino, Bombeiros Voluntários;

-aposta constante na forma o dos diversos estratos profissionais particularmente numa vertente nova da medicina cada vez mais interventiva – Emergência;

-após a tão necessária reforma da Política de Saúde e conseqüente racionalização dos respectivos recursos, Santa Comba Dão reúne as condições geográficas, físicas e humanas para centralizar uma estrutura inter-municipal ou sub-regional de saúde”.

Apoio Social

A autarquia tem desenvolvido várias acções de apoio social e económico e, de entre elas, cabe destacar um Projecto de Desenvolvimento Integrado para o Concelho - o Projecto Partilhar - que teve uma duração de 4 anos com início em 1997. Teve como principais áreas de intervenção: a habitação, a infância e juventude, a educação/formação, a segurança social, a formação profissional/emprego e a saúde. Dirigiu-se a vários grupos de famílias em risco, crianças e jovens, idosos, deficientes, desempregados e jovens à procura do primeiro emprego, com o objectivo principal de melhorar as suas condições de vida. Desenvolveu um conjunto de acções, sempre em parceria com diversas instituições, de forma a encontrar as respostas mais adequadas para os diversos problemas sociais e económicos. Estas acções permitiram reabilitar e ampliar habitações degradadas, colaborar no processo relativo ao bairro social, realizar uma colónia de férias balnear, colaborar num programa de expansão e desenvolvimento da educação pré-escolar, realizar acções de sensibilização sobre temas relacionados com o álcool e colaborar na formação profissional com o programa escolas - oficinas.

No apoio à terceira idade e infância, já nos referimos ao importante papel desempenhado pela Misericórdia com o seu lar, apoio domiciliário, centro - de - dia, creche e jardim infantil e brevemente entrará em funcionamento uma Unidade de Apoio Integrado.

Couto do Mosteiro, S. João de Areias e Pinheiro d' Ázere oferecem às suas populações centros-de-dia e apoio domiciliário. Treixedo vai oferecer brevemente os mesmos serviços e em S. João de Areias o lar é quase uma realidade.

Ainda neste campo, uma instituição privada “Resivida”, também oferece serviços de qualidade.

Quanto à habitação social, Santa Comba tem hoje um bairro social que oferece condições condignas, não só às várias famílias deslocadas de antigos bairros que se encontravam já muito degradados, como também a outras famílias carenciadas.

Bombeiros

A necessidade de uma corporação de bombeiros era uma ideia antiga e sentida por todos os santacombadenses. Mas é após a publicação, em 1903, de alguns artigos no jornal “Beira Alta”, que estas ideias tomaram corpo. A 25 de Outubro, escrevia o referido semanário: “... Todos o sabem. A villa é falha de, extraordinariamente falha d’água; são estreitíssimas e tortuosas quasi todas as suas rua; no maior numero das suas edificações, nas partes cimeiras sobretudo e, no caso sujeito, as mais perigosas, abusava-se sensivelmente da madeira ou taipa; e, como se isto não bastasse, poucos, muito poucos proprietarios se dão á canceira de segurar os seus prédios! (...) Vamos. Unam-se e trabalhem. Criem, alimentem, desenvolvam e façam florescer essa associação tão fernetica e delirantemente aplaudida por toda a parte, como outra não há mais querida nem mais cordealmente respeitada – a associação dos bombeiros voluntarios”.

O repto é entendido e aceite por todos e, de imediato, lançam mãos à obra. São feitos peditórios e festas para angariar fundos. As contribuições dos santacombadenses que trabalhavam em África e das companhias de seguros foram importantes. Estas iniciativas e o trabalho de muitos levaram à fundação da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Santa Comba Dão, em 6 de Novembro de 1915. Foi seu primeiro presidente José Rodrigues da Costa Lemos e primeiro comandante, José Joaquim de Castro.

O apetrechamento material começou com uma bomba braçal e mais tarde chegou um pronto-socorro “Ford V/8”, equipado com uma bomba braçal, carro que ainda existe. Faltava quase tudo, mas a construção de uma sede era premente. Por isso, as subscrições públicas continuaram e em 1936, foi possível comprar os terrenos onde se construiria o edifício. No entanto, a construção apenas se iniciaria em 1946. A primeira ambulância, tão necessária, foi adquirida em Agosto de 1952. O actual Quartel, que oferece as condições e os espa-



Bomba Braçal



Pronto Socorro

ços necessários ao bom desempenho da Corporação, foi inaugurado em 8 de Dezembro de 1987.

Ao longo dos anos de actividade, tem sido constante a preocupação em preparar adequadamente os bombeiros para todas as situações em que são chamados a intervir, assim como a aquisição de material capaz de lhes permitir, nas melhores condições, prestar o auxílio necessário e adequado. Mas foi esse trabalho que permitiu que hoje os Bombeiros de Santa Comba Dão possam orgulhar-se de ser uma corporação com um grupo de homens e mulheres bem preparado e motivado, com uma excelente organização, com boas instalações, bem equipada tanto ao nível das viaturas como ao nível de equipamentos que permitem, o socorro de pessoas e bens.

Tem um heliporto certificado H 24 pela Autoridade Aeronáutica Portuguesa, com um helicóptero sempre de prevenção, 24 horas sobre 24 horas, que pode desempenhar variadas missões. Além da busca e do salvamento, tanto na terra como no mar, e do combate aos fogos florestais, este helicóptero faz também intervenção primária de urgência, no modo diurno, com equipas médicas do Quadro de Saúde dos Bombeiros Voluntários e missões secundárias, no modo nocturno, guarnecido diariamente com equipas médicas do INEM (Instituto Nacional de Emergência Médica). Este serviço é de grande importância pela forte sinistralidade que ocorre, não só nesta zona mas por todo o País, e é o único que o pode fazer em determinadas condições meteorológicas.

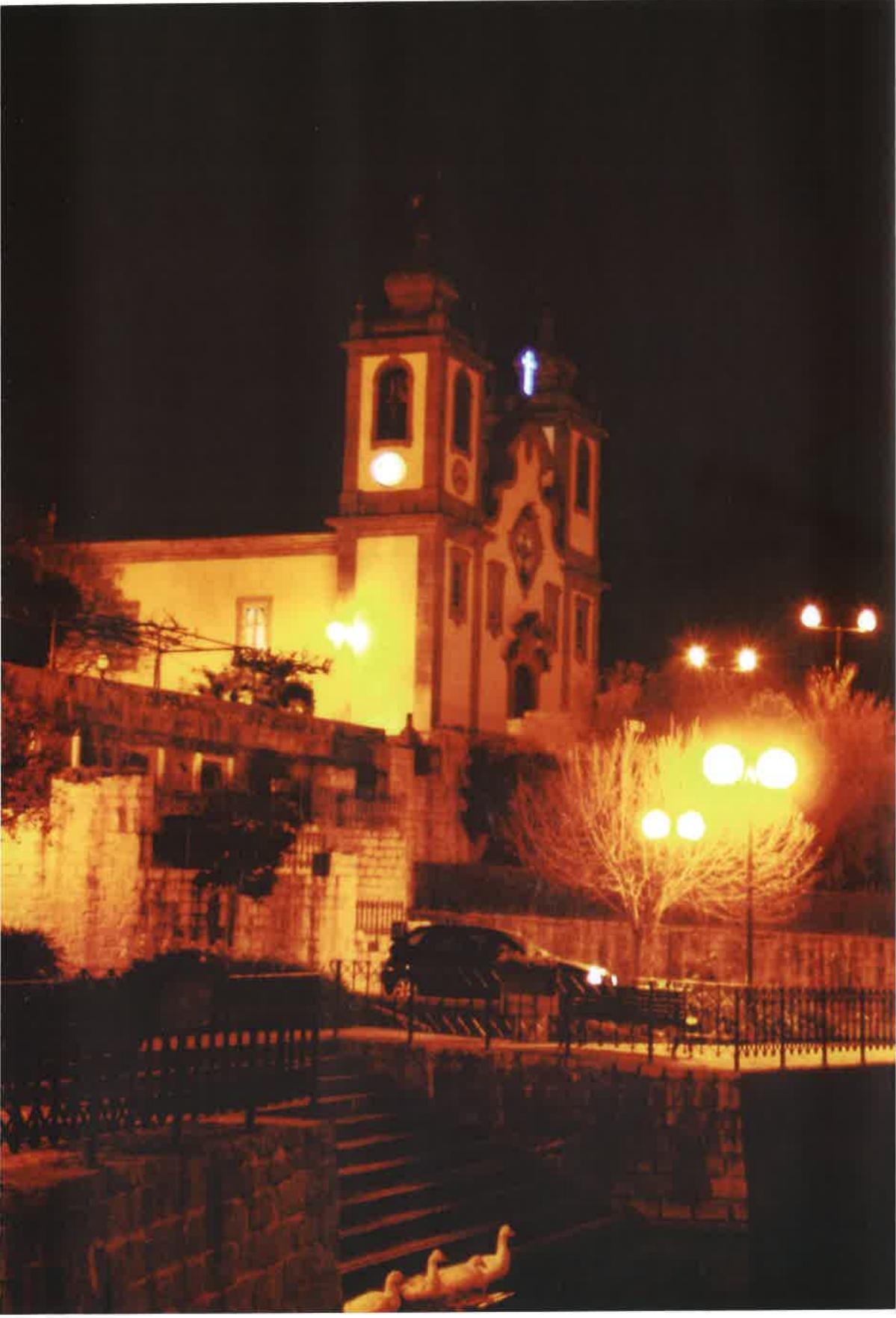
É um corpo que procura estar permanentemente preparado para resolver ou ajudar a resolver qualquer tipo de emergência. Mas, quando estamos ao serviço de todos e, quando o que muitas vezes está em causa é a própria vida, as metas estão sempre mais além, como nos disse o actual comandante e presidente Rui Santos, satisfeito e orgulhoso com o passado e presente, mas firme e determinado para o futuro, com muitos outros desafios pela frente.



Quartel dos Bombeiros Voluntários



Turismo





Chegar a Santa Comba Dão

Os diferentes acessos são bons e todos o conduzem à cidade. Se vier de Sul e Poente pela E.N.234, depois de passar Mortágua depara-se com um solo xistoso e uma paisagem formada por vales cobertos de mata e eucaliptal. Atravessa o vale de Vale de Paredes, hoje por ponte lançada sobre um recanto da Albufeira, podendo ver à direita uma ponte metálica do caminho de ferro. E logo lhe aparece uma segunda ponte que permite atravessar o rio Criz, um braço da Albufeira que submergiu a velha ponte de cinco arcos. Poderá parar a sua viatura em segurança (quer no início, quer no fim da ponte) e admirar esta obra de engenharia e a vasta paisagem formada pelo lençol de água, pela mancha verde e, à direita, mais uma ponte metálica do comboio. Depois de subir algumas centenas de metros, encontra à direita o cruzamento para o Coval e à esquerda, a antiga estrada que o leva até junto da água (depois de passar pela outrora famosa “curva da ferradura”). E mais uns metros, chega às Pedras Negras, onde acaba o xisto e começa o granito. Entra na recta de Vale de Maceira, terra fértil para a agricultura e já com várias instalações comerciais. Deixa o cruzamento para as Fontainhas e Pedras Negras e está a chegar ao centro da cidade.

Se vier de comboio, no sentido Pampilhosa – Guarda, vai encontrar uma paisagem de vales mais apertados com o mesmo tipo de floresta e alguma agricultura intensiva. Mas, de vez em quando, a paisagem abre-se e a água aparece por todos os lados. Ad-



Ponte do Caminho de Ferro

mirre, para além das pontes rodoviárias no Coval, a ponte de Vale da Lôba, em granito aparelhado, e a ponte do Cabril. Chegado à estação, poderá facilmente dirigir-se para o centro.

Se vier do Sul (pelo IP3) logo a seguir a Penacova, uma ponte transpõe-no para a margem esquerda do Mondego, que corre no seu velho leito, umas vezes quase regato, outras qual basófia, que não vai perder de vista durante alguns quilómetros. Vale estreito, mas rico de agricultura e de paisagem, especialmente na época em que as mimosas floridas se debruçam sobre a água. Passa pela Raiva (famosa pela Lampreia), cruzamento à direita para Arganil e Oliveira do Hospital e, à esquerda, para a Barragem do Couço, a valer uma visita. Mas, logo à frente, uma ponte espera-o para o levar para a outra margem. E o vale continua, agora à direita, mais largo com um vasto lençol de água, quintas e floresta. Após a subida de Almaça tem o cruzamento para a Barragem da Agueira. A visita é quase obrigatória. Espera-o uma grande obra de arquitectura e engenharia e uma paisagem soberba. Mas poderá optar em seguir pela margem esquerda, entrando na antiga estrada, admirando o vale até “esbarrar” com a Barragem. Deste lado, a perspectiva desta obra é esmagadora. Suba e descanse o olhar nas águas da Albufeira. Retomando o IP3 que o leva para o planalto pelo meio de povoações e terrenos agrícolas, uma nova ponte transpõe-no para a margem esquerda, mas desta vez, do rio Dão. Logo avista uma área de serviço onde encontra a entrada para a antiga estrada que levava à Foz do Dão. Por ela poderá ir até junto à água e, em fins-de-semana, apreciar vários desportos náuticos. Seguindo viagem, sobe para o planalto e vai aparecer-lhe à sua direita, o Pólo Industrial das Lameiras e logo depois o Rojão Grande. Aqui, depois do cruzamento à direita para o IC12, e uma curva (à esquerda) olhe em frente e terá uma bela vista de Santa Comba Dão. Enquanto desce, pode admirar (à sua direita) a arquitectura da Escola Cantina Salazar, e logo se lhe depara uma nova ponte que o transpõe para a margem direita do Dão, a partir da qual pode, em algumas épocas do ano, ver lá em baixo a velha



Barragem da Agueira



Albufeira

ponte a descoberto. Logo à saída, admire a capela do Senhor da Ponte (em memória das invasões Francesas), e atenção à saída para Santa Comba Dão.

Se vier da estrada da Beira, via Tábua, encontra nos limites do concelho a ponte que atravessa o rio Mondego, agora braço da Albufeira. Começa a subir pelo I C 6 e logo encontra um desvio pela antiga estrada que serve S. João de Areias. Visite esta antiga e bonita Vila. Siga pelo meio de um manto verde, atravesse a povoação da Cancela e logo encontra a estrada que deixou e o cruzamento do Rojão Grande, e lá tem à sua frente, Santa Comba Dão.

Se vier pelo IC12, atravessa terrenos mais planos, organizando-se numa paisagem em que o mato e o eucalipto são dominantes.

Se vier de Viseu pelo IP3, depois de Tondela, percorre uma vasta zona florestal e, no cruzamento para Treixedo, poderá entrar na antiga estrada, passando por Vila Pouca, cruzamento da Gestosa, com entrada para o Pólo Industrial da Catraia e Ecocentro e logo uma rotunda com saída para o centro.

Verificamos que a água só não nos envolve pelo lado Norte. E esta vasta superfície lagunar, que com os seus diferentes braços – o Criz, o Dão e o Mondego – abraça o concelho, veio aumentar as excelentes condições naturais de que já usufruía.

Visitar Santa Comba Dão

Todos os caminhos vêm dar a um cruzamento – conhecido por “Largo do Balcão”.

Visite o centro e dar-se-á conta da sua beleza natural e do seu rico património cultural e artístico, além da hospitalidade dos santacombadenses.

Para Sul (a 50m) fica o Largo Alves Mateus. Aqui encontra como que a delimitar o espaço ajardinado, a Nascente, o Tribunal (um belo edifício de arquitectura do Estado Novo); a Sul, a Igreja Matriz de feição Barroca, a Poente, edifício quinhentista, de arquitectura com traça Manuelina, e a Norte o antigo solar dos Horta e Costa, barões de Santa Comba Dão, de feição Barroca, ostentando uma bela galeria com três colunas assente num alpendre em arcada. Para a rua principal tem um belo portão armoriado, com inscrição já citada. Aproxime-se de um dos lados do Tribunal e admire a paisagem! ...

Mas se seguir pelo caminho que vai do largo entre a Igreja e o viaduto, por onde corre a ribeira, vai ter ao Miradouro do Outeirinho. Espante-se com esta beleza natural cativante.

Se circundar o edifício quinhentista, vai ter não só ao parque de estacionamento, ajardinado e delimitado pela ribeira, mas também aí encontra o posto de Turismo. Daqui sai um elegante passadiço tabuado, qual ponte sobre a ribeira que termina no Largo do Município.

Pode sair do Largo do Balcão, pela Rua Alexandre Herculano, passa pelo antigo Largo da Cadeia e chega ao Largo do Município ou Ponte da Praça. Admire a Ribeira, o Pontão rústico, o Chafariz, o Pelourinho, os Paços do Concelho. Descanse na esplana-

da, sob o Chorão e observe a vida, a arquitetura e o bairro mais vetusto da cidade, que aqui começa. Aventure-se encosta acima pelo meio desse dédalo de ruas estreitas, e observe o traçado, os recantos, as fachadas e os balcões. Aqui, o granito, a cal e as flores são os materiais “nobres” que permitem às donas de casa manifestar a sua sensibilidade artística. Vá subindo à esquerda e à direita até encontrar um vasto espaço ajardinado com um belíssimo coreto, campo de ténis e uma capela, para além de outras instalações.

Mas, se deseja um passeio mais calmo, logo a seguir ao Largo do Município, no parque de estacionamento, entre à sua direita e num minuto, estará no Largo do Rossio, onde encontra a imponência harmoniosa das casas fidalgas. No lado oposto, pode admirar algumas casas de arquitectura popular, tipicamente beirão. Aqui, o granito é rei, mas a cal não deixa de o realçar.

Atravesse o Largo para a saída oposta, logo encontra a Igreja da Misericórdia, barroca. Está na rua exclusiva a peões, que vai ter ao Largo do Balcão.

Mas, se depois do Largo do Município, continuar para Norte, entra na Avenida Dr. Sá Carneiro e logo encontra o Quartel dos Bombeiros com o heliporto e um pequeno, mas bonito “Jardim Zoológico”, a visitar. Depois, o Mercado Municipal seguido de um vasto espaço onde se realiza a feira. No final da Avenida encontramos a Escola Básica 2/3 e, depois da rotunda, continuando à direita pela Rua Padre Franklim, vem até ao Santo Estêvão. À sua esquerda poderá observar o edifício em granito e à sua frente tem a capela de Santo Estêvão. Suba a escadaria e deixe correr o olhar até à Estrela. Pode depois descer em direcção ao Largo do Balcão, pela Avenida General Humberto



Largo Alves Mateus



Parque de Estacionamento



Albufeira



Esplanada no Largo do Município

Delgado e visitar o complexo das Piscinas Municipais, que ficam à sua esquerda.

Pode ainda optar por seguir em direcção a Viseu e na primeira rotunda virar à sua esquerda, para encontrar em frente, a Escola Secundária e nas suas costas, o Centro de Saúde. Se subir ao lado da Escola, irá ter ao Complexo Desportivo e às modernas instalações da G. N. R.

Ao longo de todos estes percursos, será auxiliado pela sinalética que é bastante completa.

A gastronomia regional vai agradar-lhe. Tem à sua disposição vários restaurantes. E poderá descansar optando por uma residencial, um hotel ou uma casa de turismo rural.

E encontrará outros pontos de interesse no concelho.

No Granjal, a 4Km por estrada ao longo de um dos braços da Albufeira – Dão descubra umas antigas termas de água sulfurosa. Também poderá petiscar uns peixinhos do rio. Olhando em frente, margem direita do Dão, avista a denominada “Quinta do Rio” – turismo em espaço rural - à qual tem acesso pelo lugar do Vimieiro, ou por S. Miguel (na estrada nacional 234, freguesia de S. João de Areias).

As Pedras Negras, a Sul da Cidade, vale a visita pelo contraste das suas rochas, pela lagoa e pela vasta paisagem. O Couto do Mosteiro e Óvoa apresentam-lhe um antigo ar fidalgo. São os Solares, os Pelourinhos, os antigos edifícios da Câmara e Prisão, as Igrejas e Capelas. A Vila de S. João de Areias é rica em arquitectura solarenga e beirã, em Igrejas e Capelas. Alguns dos Solares são hoje instalações hoteleiras de qualidade. Aqui tem possibilidade de admirar o artesanato local: as bonecas de trapos e os vitrais. Na Póvoa dos Mosqueiros, um solar do século XVII, é hoje um espaço de turismo rural. Pinheiro de Ázere vale por si e pelas redon-



Bombeiros Voluntários - “Jardim Zoológico”



Quinta do Rio



Hotel de S. João de Areias



Turismo Rural - Póvoa dos Mosqueiros

dezas. Descendo em direcção ao Mondego, vamos dar ao lugar da Senhora da Ribeira com a sua antiga ermida de Nossa Senhora do Pranto. Hoje é principalmente um local de veraneio. Aqui temos a serra, a praia, a água e os desportos náuticos, para além dos apoios ao nível da restauração. Com a Albufeira perderam-se algumas pequenas praias fluviais, onde várias gerações de jovens aprenderam a nadar, mas ganharam-se outras áreas de lazer com enormes potencialidades. Por proposta do PROZAC, inserida no Programa de Desenvolvimento Turístico, visaram-se três zonas Prioritárias de Desenvolvimento Turístico (ZPDT) no concelho: Senhora da Ribeira, Chamadouro e Coval. São pólos que procuram incentivar a actividade turística de forma integrada. A Senhora da Ribeira encontra-se numa fase já avançada graças a um protocolo da Câmara Municipal com a empresa promotora.



Personalidades

8 - Personalidades

Ao longo destes séculos, muitos foram os Homens destas terras que, por várias razões, se distinguiram e deixaram o seu nome ligado à nossa História. Não sendo possível, devido às características deste trabalho, abordar com profundidade qualquer aspecto da vida colectiva destas populações, também neste caso analisaremos a vida de apenas algumas personalidades, que a generalidade dos investigadores considera mais relevante, não só a nível local como também a nível nacional.

Fernão de Oliveira

No período áureo da nossa História, reinava D. Manuel I e os portugueses cruzavam os mares, abrindo caminho à formação da Aldeia Global que é hoje o nosso Mundo. Nasceu então Fernão de Oliveira, o primeiro gramático português e escritor de grande mérito das coisas da arte naval. Parece não haver dúvidas de que o seu nascimento ocorreu cerca de 1507, na Gestosa, freguesia do Couto do Mosteiro. Há quem aponte Aveiro como sua terra natal. Efectivamente, os pais viveram nesta cidade, mas teriam vindo viver para a Gestosa, no ano do seu nascimento. Numa pequena poesia do seu livro “Ars Nautica” escreve:

**“At primos vagitus Gestosae edidit ortus;
Baptismum fidei dedit ecclesia alma Columbae”.**
**(Mas o recém-nascido soltou os primeiros vagidos
na Gestosa;
A igreja matriz de Columba deu o baptismo da fé).**

Com 13 anos, entrou como noviço dominicano no convento de Évora, onde foi discípulo de André de Resende. Já professor, aos 25 anos, fugiu do convento e foi para Espanha. Afirmou mais tarde que tinha conseguido a sua secularização por carta apostólica de Paulo III. Já em Portugal, em 1536, publicou a “Gramática da Lingoagem Portuguesa”.

- «Esta é a primeira anotação que Fernão de Oliveira fez da Língua Portuguesa, dirigida ao mui magnífico senhor e nobre fidalgo, o Sr. D. Fernando de Almada, (...)»

- «Acabou-se de imprimir esta primeira anotação da Língua Portuguesa (...). Em Lisboa, em casa de Germão Galharde, a 27 dias do mês de Janeiro de 1536 anos da nossa salvação. Deo gracias. Todas as coisas têm o seu tempo e os ociosos o perdem.»

Fernão de Oliveira

É a primeira na nossa língua e a segunda, depois do castelhano, em qualquer das línguas modernas. Entretanto, dedicou-se ao ensino particular, tendo como discípulos vários meninos nobres e os filhos de João de Barros, autor da segunda gramática publicada quatro anos mais tarde.

Nas décadas de 40 e 50, levou uma vida bastante atribulada. Foi para Itália e regressou com um núncio apostólico. A miséria levou-o novamente a embarcar, desta vez como piloto de galés francesas. Foi aprisionado pelos ingleses e passado pouco tempo, aparecia como valido do rei inglês Henrique VIII. Começava a demonstrar simpatia pelas ideias e posições religiosas deste rei, o que lhe custaria a prisão à ordem da Inquisição, logo que regressou a Portugal. Só lhe foi concedida a liberdade, em 1551. Mas tarde, partiu para o Norte de África, como capelão, onde foi feito prisioneiro.

Em 1554, apareceu nomeado revisor da imprensa da Universidade e professor de Retórica. Mas logo passado um ano foi denunciado à Inquisição e novamente preso. Em 1555, foi publicada a obra “Arte da Guerra e do Mar”, a primeira e uma das melhores nesta matéria. Escreveu em latim “Ars Nautica”, mas não chegou a ser impressa. Depois, talvez em 1558, o “Livro da Fabrica das Naus” que só seria impresso em 1898.

D. Sebastião atribuiu-lhe uma tença e, já velho, combateu a usurpação de Filipe II. Terá escrito em 1581, “Primeira parte do livro da antiguidade, nobreza, liberdade e imunidade do Reyno de Portugal” e “Hestorea de Portugal”, obra incompleta, de que restam fragmentos na Biblioteca de Paris. Traduziu do agrónomo latino Lúcio Columela “De Re Rustica”. A sua gramática teve duas edições modernas, em 1871 e 1933. Esquecido durante séculos, é hoje considerado um dos maiores do seu tempo como pensador, erudito, sábio e latinista.

A sua morte ocorreu já depois de 1581, mas não conhecemos a data.

José Maria de Sousa Macedo Almeida e Vasconcelos

Rico proprietário, foi o primeiro a receber o título de barão de Santa Comba, instituído por D. João VI, pelo decreto de 8 de Setembro de 1825. Foi fidalgo da Casa Real e comendador da Ordem de Cristo. Desempenhou várias funções: presidente da Câmara Municipal, coronel de milícias de Tondela, governador e capitão general de Angola, deputado às Cortes Constituintes de 1820. Viveu na casa dos Arcos, solar já referido, no largo Alves Mateus. As suas armas são compostas por: escudo espartilhado de Sousas, Almeidas, Vasconcelos e Macedos e coroa de barão.



*Brasão dos Barões
de Santa Comba*

Miguel Maria de Sousa Horta e Costa de Almeida e Vasconcelos

Segundo barão e neto do primeiro titular. Foi fidalgo da Casa Real e juiz conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça.

Miguel de Sousa e Vasconcelos Horta e Costa

O filho, nascido em 1880, foi o terceiro barão. Formou-se em Medicina.

José Maria de Sousa Horta e Costa

Nasceu em Santa Comba, em 1858. Foi um ilustre oficial de engenharia, pertenceu ao Estado-Maior e cursou com distinção Matemáticas, em Coimbra. Foi duas vezes governador de Macau, onde fundou o Liceu. Em 1907, foi nomeado governador - geral da Índia. Oficial das Ordens de Santiago e de S. Bento de Aviz e comendador de Isabel, a Católica de Espanha.

José Correia Godinho da Costa

Foi o primeiro visconde Correia Godinho. Formou-se em Cânones e foi juiz de Fora do Cível de Coimbra. Já como Provedor da comarca de Coimbra, foi condenado a degredo por motivos políticos. Mais tarde, apareceu já como juiz da Relação de Lisboa e foi aposentado com honras de juiz conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça. Pelos seus serviços, foi agraciado com o título de Fidalgo - Cavaleiro da Casa Real e também com a comenda da Ordem de Cristo e cavaleiro professo da mesma Ordem. O título de visconde de Correia Godinho foi-lhe concedido em 1845.

Luís Albano de Andrade Morais e Almeida

Nasceu em Santa Comba Dão, no ano de 1819. Foi um estudante brilhante, tirou o curso de Matemáticas e Medicina. Em 1852, graduou-se na Faculdade de Matemática, na presença da Família Real que visitava a cidade de Coimbra. Recebeu o grau de Doutor, tendo por padrinho o príncipe real e então futuro D. Pedro V. Foi Lente nesta Faculdade. Também a Faculdade de Medicina o convidou a exercer clínica nos Hospitais da Universidade. Foi membro de várias comissões científicas e elaborou vários projectos

de reformas. Colaborou em vários jornais literários e científicos.

Joaquim de Alves Mateus

Cónego e notável orador sagrado, nasceu em 1831 e faleceu em 1903. De origem modesta, estudou em Coimbra, onde se formou em Teologia, Filosofia e História. Homem de grande inteligência e vasta cultura, demonstrou as suas vastas capacidades, quer nos sermões, quer nos discursos parlamentares, quer no trato diário. Foi cónego na Sé de Angra do Heroísmo e pouco tempo depois, foi nomeado para a Sé Primaz de Braga. Aqui foi também professor no Seminário. Na política, pertenceu ao Partido Reformista chefiado pelo Bispo de Viseu, Alves Martins. Participou depois na formação do Partido Progressista. A partir de 1867, foi eleito deputado várias vezes, mas nunca pela sua terra. Mais tarde (1898) foi Par do Reino. Os últimos anos de vida, até 1903, passou-os na quinta das Regueiras.



Zeferino Norberto Gonçalves Brandão

Escritor, jornalista e general, nasceu em 1842. Fez os estudos preparatórios na Universidade de Coimbra para entrar na Escola do Exército, no curso da Arma de Artilharia. Serviu em vários regimentos e exerceu importantes cargos. Escreveu sobre diversos temas militares. Também publicou trabalhos em prosa e verso. Pelo seu trabalho literário e científico, foi sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa, da Real Academia de la História de Madrid, da Real Associação dos Arquitectos Cívicos e Arqueólogos Portugueses, da Sociedade de Geografia de Lisboa e outras Sociedades. Foi comendador da Ordem S. Bento de Avis e de Santiago da Espada e recebeu várias medalhas militares de ouro da classe de bons serviços e comportamento exemplar. Faleceu em 1910.



Abel Augusto Dias Urbano

Engenheiro e professor, nasceu em Santa Comba Dão. Formou-se na Universidade de Coimbra, em Matemáticas e fez um curso na Escola do Exército, na Arma de Engenharia, com distinção. Além da vida militar, desempenhou muitas outras funções. Foi professor de Matemática no Liceu de Coimbra e também

na possibilidade de dar uma educação mais completa ao seu rapaz, até porque ele revelava qualidades de trabalho e inteligência. Não era dado a brincadeiras violentas com os outros rapazes. Gostava muito de pássaros, especialmente de pintassilgos que apanhava e metia em gaiolas, das quais cuidava com toda a atenção. Mas chegou o momento em que o Vimieiro nada mais lhe poderia oferecer. A mãe consultou o amigo e confidente Padre António sobre o futuro do seu filho. Foi ponderada a sua capacidade de trabalho, de inteligência, de interesse pelas letras, mas também o seu acanhamento, o seu ar sisudo e grave. Esta análise levou à conclusão de que o liceu, na cidade, oferecia variados riscos e que o seminário diocesano, pela ordem e disciplina, se mostrava o mais indicado. António aceitou naturalmente, sem alegria nem contrariedade o caminho que lhe traçaram - seria Padre. Mas, com o passar dos anos, foram os próprios professores, entre eles o Cónego Barreiros, que reconheceram em Salazar capacidades e paixões pelo mundo que ultrapassavam os horizontes de uma paróquia. Também ele sabia que alguns dos seus amigos iam para a Universidade. Corria o Verão de 1910 e resolveu não tomar as ordens maiores. Salazar traçava o seu caminho - foi para Coimbra cursar a Universidade. Poucos dias depois da proclamação da República, chegava à cidade dos doutores. Matriculou-se na Faculdade de Direito. Se os últimos anos da Monarquia foram de grande instabilidade política e conseqüente agitação social, os políticos dos primeiros anos da República também não foram capazes de apresentar um programa ideológico, aceite por uma maioria, capaz de construir um Estado republicano. Entretanto, Salazar estudava muito, lia muito, quer autores nacionais quer estrangeiros. Um, em especial, merecia-lhe toda a sua atenção, Charles Maurras, o doutrinador do catolicismo político, anti-liberal e tradicionalista. Muitas das teses deste autor eram sentidas por Salazar como suas, porque as enquadrava perfeitamente na instável situação política portuguesa que o preocupava cada vez mais. Outros se preocupavam também escrevendo artigos contra a situação no "Imparcial". Salazar entrou para o grupo que se juntava no Centro Académico de Democracia Cristã, onde conheceu o padre Cerejeira. Escreveu o seu primeiro artigo num editorial não assinado, com o título "Tristezas que pagam dívidas". Apesar de não assinado, segundo Franco Nogueira: "a análise e comparação do estilo não permitem dúvidas quanto à

autoria de Salazar”. Nas suas publicações no “Imparcial”, assinava Alves da Silva. Sabemos que foi o carpinteiro Francisco Alves da Silva quem representou o seu padrinho António Perestrelo na Igreja. Franco Nogueira interroga: “Simples coincidência? Ou homenagem íntima ao humilde artífice da aldeia?” António de Oliveira Salazar tornou-se o membro mais destacado do CADC e um aluno brilhante. Continuava a dar explicações a alunos do Liceu. Em 1916, apresentou um trabalho com o tema “Questão Cerealífera - O Trigo” para se candidatar ao lugar de professor. Com 27 anos de idade e 6 anos de estudo em Coimbra, era professor universitário de Economia Política e Finanças.

Em 1921, Salazar apresentou a sua candidatura a deputado católico pelo círculo de Guimarães, tendo sido eleito. Esteve presente na primeira reunião do novo parlamento. Não interveio nas sessões e passados dois dias despediu-se de um amigo deputado: “Ature-os por cá, que eu vou para férias. Em Outubro talvez fale”.

Após o movimento militar de 28 de Maio de 1926, os vencedores convidaram Salazar para ministro das finanças. Aceitou, mas exerceu o cargo apenas durante cinco dias. Não encontrou as condições de estabilidade política de que necessitava. No entanto, não se alheou do debate dos assuntos públicos, em especial dos assuntos financeiros, sobre os quais escreveu vários artigos em jornais, demonstrando ser uma autoridade numa matéria que todos consideravam muito complexa.

Em 1928, foi nomeado um novo gabinete. Dele fazia parte o ministro Duarte Pacheco que foi enviado a Coimbra com a missão de convidar António de Oliveira Salazar para ministro das finanças. Começou por recusar, mas o pedido foi insistente e os amigos íntimos, nomeadamente Cerejeira e Bissaia Barreto, aconselharam-no a aceitar. Desabafou: “Querem que eu vá sozinho deitar-me ao poço”. Mas prometeu responder no dia seguinte. A mãe terá dito: “Aceita, meu filho. Se te chamam, é porque precisam de ti”.

No dia 27 de Abril, foi nomeado ministro das finanças, não sem antes definir os termos que considerava indispensáveis para aceitar.

Em 29 de Junho de 1932, Salazar foi nomeado presidente do Ministério. Em 1933, foi aprovada uma nova Constituição que consolidou o Estado Novo. Por doença grave, foi afastado do go-

verno, em 1968. É uma figura incontornável do nosso passado recente.

António Xavier Perestrelo

Nasceu no Vimieiro e morreu em Monção, em 1915. Depois de concluir o curso de Direito, entrou na vida política, filiando-se no partido Regenerador. Exerceu vários cargos administrativos, aposentando-se como chefe de uma repartição do Ministério do Reino.

José Perestrelo Botelho

De família com casa solarenga no Vimieiro, licenciado em Direito, foi juiz do Supremo Tribunal de Justiça.



António Perestrelo Botelho

Irmão, nascido em 1901, engenheiro e geógrafo, cursou Ciências Matemáticas na Universidade de Coimbra e estudou Engenharia na Bélgica. Foi astrónomo e director do Observatório Astronómico de Lisboa. Por convite, publicou um Almanaque Náutico, obra que foi anualmente actualizando. Publicou também vários trabalhos em revistas científicas e jornais. Esta família possuiu outra casa solarenga, na cidade, que pertencera ao morgado Mendonça Rabo de Asno Papo de Perdiz.



Augusto Duarte de Leão

Nasceu no Couto do Mosteiro, em 1851. Concluiu o curso da Arma de Infantaria. Foi General e recebeu várias condecorações. Faleceu em Tomar no ano de 1927.

José Carlos Tudela Corte Real

Nasceu no Rojão Pequeno, em 1848. Já como militar concluiu o curso de Matemáticas, na Universidade de Coimbra. Com a patente de General, exerceu vários cargos na Direcção Geral da Secretaria da Guerra. Participou na escolha da tipologia definitiva para os novos quartéis e outros edifícios militares. Foi condecorado por várias vezes e recebeu diversos louvores pelos serviços distintos prestados à Pátria. Faleceu em 1940.

José António Marques

Nasceu em São Joaninho, em 1882. Depois de ordenado sacerdote, cursou aulas de Teologia na Universidade de Coimbra, tendo sido companheiro de Manuel Gonçalves Cerejeira, o futuro Cardeal. Ainda tirou o curso de Direito e foi, como estudante, um acérrimo defensor dos ideais do C. A. D. C. (Centro Académico de Democracia Cristã). Homem inteligente e de fortes convicções, que sempre defendeu (quer com a sua palavra fácil quer com artigos na revista “Estudos Sociais”). Esteve no Brasil alguns anos. Após o 28 de Maio, assumiu a presidência da Câmara Municipal de Santa Comba. Durante anos, desenvolveu e concretizou importantes melhoramentos. Foi deputado à Assembleia Nacional, ocupou os cargos de Director do Supremo Tribunal de Justiça e depois o de Secretário - Geral do Supremo Tribunal Administrativo. Foi provedor da Santa Casa da Misericórdia de Santa Comba Dão. Dirigiu o semanário “Beira-Dão”, desde o primeiro número, em 1932. Faleceu no ano de 1956.



César Augusto Anjo de Deus

Professor e publicista, nasceu em Viseu, em 1890, mas residiu em Vila de Barba. Tirou o curso do Magistério com alta classificação e recebeu vários louvores pela sua actividade profissional e pela obra literária publicada. Ao longo da sua vida, publicou várias obras literárias de enorme interesse, que rapidamente se esgotavam. Alguns exemplos apenas: Educação do Povo Português (1913), Educação Moral e Cívica nas Escolas Primárias (1918), Como se Deve Fazer o Professor Primário (1921), Luz e



Edifício da A.D..I.C.E.S.

9- Conclusão

Com um passado rico e com um presente de trabalho e de empenhamento da Autarquia e de todos os santacombadenses, o concelho pode perspectivar o futuro com optimismo.

Hoje, o saneamento básico e o abastecimento de água contempla todo o concelho. A integração na Associação do Planalto Beirão resolveu o problema dos lixos urbanos.

Na área económica, a actividade empresarial tem tido um incremento notável. Os empresários encontram aqui uma política de apoio às suas iniciativas de investimento. Para além da já importante rede viária e ferroviária, devemos referir os projectos em andamento para construção da auto-estrada até Mangualde (continuando o IC 12) e de Santa Comba Dão até Mira (passando pela A1). Os três pólos industriais são o reflexo dessa política e do factor centralidade.

Com sede nesta cidade, a ADICES, promove projectos que visam o desenvolvimento da região e da qualidade de vida das populações. Como gestora de vários programas e em parceria com a Autarquia, desenvolveram-se vários projectos: arranjos urbanísticos, turismo e equipamento escolar.

Na área do ensino, a cidade dispõe das infra-estruturas fundamentais.

No campo da cultura, são vários os equipamentos já à disposição das populações e outros encontram-se em fase de execução.

Na área desportiva realizaram-se vários projectos onde avulta o Complexo Desportivo com condições para receber alguns eventos internacionais, o Pavilhão Gimnodesportivo e as Piscinas Municipais.

No campo social, as populações, especialmente as mais carenciadas, sentem hoje um apoio que lhes permite alguma tranquilidade.

O Destacamento da G.N.R tem um moderno edifício, projecto do arquitecto Tomás Taveira, com instalações e equipamentos adequados para o desempenho das funções que lhe são atribuídas.

As potencialidades turísticas são altamente promissoras.

Trabalha-se a pensar nas pessoas, a maior riqueza do concelho.

Bibliografia

- Actas Camarárias e outros registos da Câmara Municipal de Santa Comba Dão.
- Azevedo, Correia de – *Monografia Turística das Beiras*, 1967.
- Barros, Gama – *História da Administração Pública em Portugal*, tomo II. *Boletim Municipal de Aveiro* – ano IX, nº 18.
- Coelho, António Borges – *Portugal na Espanha Árabe*, Seara Nova.
- Cortesão, Jaime – *Ao Factores Democráticos na Formação de Portugal*, Portugália Editora.
- Cortesão, Jaime – *Portugal, a Terra e o Homem*, Realizações Artis, 1966.
- Dias, Luís Fernando de Carvalho - *Forais Manuelinos do Reino de Portugal e do Algarve*, Lisboa, 1961-69.
- Enciclopédias - Luso Brasileira e Portuguesa e Brasileira.*
- Espólio Documental de Henrique Gonçalves* (gentilmente cedido por seu filho Lauro Gonçalves).
- Girão, Amorim – *Geografia de Portugal*.
- Herculano, Alexandre – *História de Portugal*.
- Jornais Publicados no Séc. XX em Santa Comba Dão*.
- Leal, Pinho – *Portugal Antigo e Moderno*.
- Lima, Baptista de – *Terras portuguesas*.
- Literatura Oral da Nossa Região – Lendas – Vol. 1 – ADICES*.
- Livros de Obra da Câmara Municipal de Santa Comba Dão*.
- Livro Preto da Sé de Coimbra*, tomo I.
- Nogueira, Franco – *Vida de Salazar*, Atlântida Editora.
- Peres, Damião – *História de Portugal*, Portucalense Editora.
- Portugaliae Monumenta Histórica, Diplomatae et Chartae*.
- Posturas Municipais in Acordaons e Posturas da Vila de Santa Comba Dão*.
- Recenseamentos Gerais da População de 1864-2001*.
- Reis, António (coord.) – *Portugal 20 Anos de Democracia*, Círculo de Leitores.
- Serrão, Joaquim Veríssimo – *História de Portugal*, Verbo.
- Serrão, Joel (dir.) – *Dicionário de História de Portugal*, Iniciativas Editoriais.
- Sobral, Augusto Coelho – *Arquivo Histórico e Biográfico de Santa Comba Dão in Jornal Beira-Dão*.

